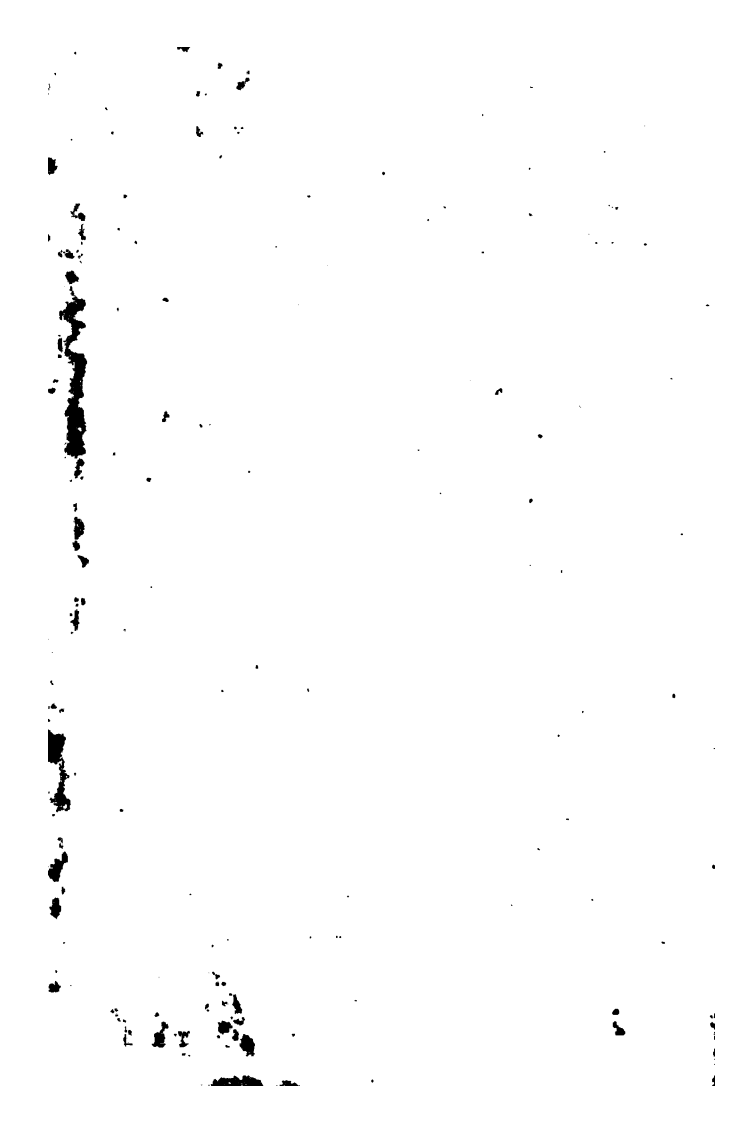
Grande Luis de Camoens, laureado no Parnazo por
rincipe dos Poetas.

ECCOS,
QUE O CLARIM DA FAMA DÁ: POSTILHAÕ DE APOLLO,
MONTADO NO PEGAZO, GIRANDO o Universo, para divulgar ao Orbe literario as peregrinas flores da Poezia Portugueza, com que vistosamente se esmaltaõ os jardins das Musas do Parnazo.

ACADEMIA UNIVERSAL:

Em a qual se recolhem os crystaes mais puros, que os famigerados Engenhos Lusitanos beberaõ nas fontes de Hipocrene, Helicona, e Aganipe.

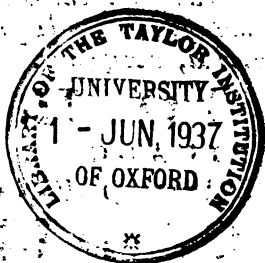
ECCO II.

DEDICADO AO NOSSO FIDELISSIMO MONARCHA

D. JOSEPH I.

POR

JOSEPH MAREGELO DE OSAN.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA:
Anno de MDCCLXII.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir a Collecçaõ de Obras, que se apresenta, e quer dar ao Prélo em dous tomos, com o titulo: *Eccos, que o Clarim da fama dá*, Joseph Maregelo de Osan, e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisbôa no Paço de Palhavaã 8. de Janeiro de 1760.

Trigozo. *Silveiro Lobo.*

DO ORDINARIO.

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir, e depois torne para se dar licença para correr. Lisbóa 3. de Fevereiro de 1760.

D. J. Arceb. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa revisto pelo Revisor, para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisbóa 11 de Fevereiro de 1760.

Carvalho. D. Velho. Castello.
Siqueira. Pacheco.

SE-

SEGUNDAS LICENSAS

PO'de correr, Lisboa 23 de Abril de 1762.

Trigozo. Lima.

PO'de correr, Lisboa 27 de Abril de 1762.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

QUe possa Correr, e táxaõ em trezentos reis, Lisboa 7 de Mayo de 1762.

Carvalho. Emaús. Fonseca.

IN-

INDICE

Das obras, que neste tomo se contèm.

Fa-

LVIZ DE CAMOIS. PRINCEPE DOS POETAS DE PORTVGAL

PAMBASILIA
DE
APOLLO.

PROLOGIO ACADEMICO.

DO verſo o inventor naſcido em Delos,
O Monarcha da Esphera, e parallelos,
De Jupiter gerado, e de Latona,
Fê-lo de hum proprio parto com Diana;
O que aos Cyclopes, e a Pithon deo morte,
E deſpojado foy da Divindade,
Que ſempre em tenra idade

Floreceo, sem no rosto ter cabellos,
E de Admeto guardou o branco gado;
Se em quanto Phebo Luminaria usana,
Que illustre nascimento tem na Zona,
E ardente fez de Phaetonte a sórte;
Que amante foy de Daphne, e de Cyrene,
Que da fonte Hippocrene
Licores com avara maõ dispensa,
Por tres Soberanias celebrado
Candor de espheras tres, Ceo, terra, e inferno,
Que com Neptuno muros deo a Troya,
Muros, que saõ despojo á furia immensa
Perdidos de Sinon pela tramoya:
O que hum Colosso tem na Ilha Rhodo,
Portento ao mundo todo,
Pois grangear-lhe pode nome eterno,
Nome admiravel, nome horrendo a Ilha;
No seu Palacio estava de Parnazo
Em sitial de razo
Coroado de murta, e de loureiro,
De nove irmãas dulcisonas cingido,
E de numero grande de criados,
Por onde antehontem fiz caminho acazo;
E vendo do Monarcha a excellencia,
Fuy dar-lhe obediencia.

Elle,

Elle, depois que com benignidade
Suas honras me fez, como a eſtrangeiro,
Me perguntou, onde hia dirigido?
Logo com termos cortezãos, e honrados,
Lhe diſſe, e deſcobri toda a verdade.
Soube o Senhor Apollo como eu vinha
Donde por incapaz naõ me convinha
Em tanto Tribunal ſer Preſidente,
Onde hum Cicero o menos eloquente,
Onde o menor Poeta he hum Homero:
E o que lhe diſſe mais naõ o repito,
Que mais eſte Auditorio me embaraça,
Que a preſença de Apollo; elle com graça
(me
Me perguntou quem era, e perguntou-
Onde eſte Douto Tribunal eſtava,
Por ſer quaſi infinito
O numero de ſeus Tribunaes; logo
Com animo ſincéro,
Do mundo, reſpondi, na mayor Praça.
Eſſa, diz, he Lisbôa; percebido
Tenho bem, e applaudido
Sey quanto nella ſou. Examinou-me,
E no exame commigo já apertava,
Tanto, que me enfadey; porèm rizonho
Me diz: O lá, quem quer ſer meu vaſ-
ſallo,

Ha de passar pelo escamel do exame;
De outra sórte naõ haja quem ouzado
Poeta, ou Orador inda se chame.
Eu timido de ouvî-lo me envergonho,
Porque esta voz a presumpçaõ a sacco,
E a fantazia pôs; e de tal geito,
Que naõ cabia o coraçaõ no peito,
E assim fiquey calado.
Elle me diz entaõ: Essa obediencia
Suppre faltas de vossa insufficiencia:
Comvosco aqui na minha Ley dispenso,
E hum Soneto de censo
Me pagareis cada anno, que he bem fraco:
Ide logo buscar meu Secretario,
Que Provisoens vos passe muy em fórma,
Para ser Presidente dessa Junta,
Que outros n'outras o saõ mais incapazes,
Inhabeis, ignorantes, e ambiciosos;
E taes, que só a quem as mãos lhes unta,
De Poetinhas passaõ seus cartazes.
Assim vós que advirtais he necessario,
(Que eu tenho em toda a parte quem me informa)
Que nesse Tribunal se naõ admittaõ,
E que por nenhum caso se permittaõ
Su-

Sujeitos negligentes, pirguiçosos;
Porque a sciencia honrosa, e veneranda
Naõ jaz em cama branda;
Nem nelle me admittais a fazer versos,
Senaõ o que os fizer polidos, tersos,
Lisos, sem enchimentos, e sem cunhas,
Homem, que morda as unhas;
Que trabalhe em fazê-los de tal sórte,
Que da eloquencia nunca perca o norte,
E que quando ajustá-la bem naõ soube,
Vos diga que no verso lhe naõ coube;
E que quando naõ for muito elegante,
Diga que força foy do consoante;
Que tenha no dizer variedade,
E haja sempre em seus versos igualdade;
E que naõ diga, quando disser nada
Ajustado, que má foy a fornada;
Que naõ comece a obra pelo eirado,
Para descer a hum, e outro sobrado,
Para que quem o ler, e vir, se ria,
Vendo-o parar em fim na estrebaria:
Que falle com palavras joeiradas,
E a quanto quiz dizer bem ajustadas;
Altas, em altos tectos de Senhores,
Baixas, fallando em choças de pastores;
Graves no grave, brandas no amoroso,
Asperas, e crueis no rigoroso,

No-

No jocoso ridiculas, no serio
Compostas, tudo em fim com seu mysterio,
Com sua perfeiçaõ, e com sua arte,
Dando as armas a Marte,
A bigorna a Vulcano,
Duas caras a Jano,
O tridente a Neptuno,
As riquezas a Juno,
A Jupiter os rayos,
E a mim de toda a musica os ensayos,
Ou sejaõ já nas citaras canoras,
Ou já nas vozes metricas sonoras.
Em fim, ninguem de versos medianos
Use, que nascem disso grandes damnos;
Donde a dizer-se por adagio veyo,
Que amor, e versos naõ consentem meyo.
Levay no pensamento
Esta minha liçaõ, e documento,
Com o qual Presidente,
Sereis nas Academias eminente.
A Deos, a Deos, Senhor, lhe digo, e vou-me;
Quando logo me diz: voltay, chamou-me
Outra vez, e com mostras amorosas
Me diz: Minhas entranhas generosas,
Ven-

Vendo vossa humildade,
Querem comvosco usar de piedade:
Eu sey que haveis de ter algum trabalho
Em me dar hum Soneto de tributo
Todos os annos por vós proprio feito,
E naõ por outrem, que he defeito grande,
Bem que hoje em uso ande:
Pois este inconveniente vos atalho,
E com minha liçaõ, se sois astuto,
Hum Soneto fareis muito perfeito;
E com este, que agora aqui faremos,
Muito bem entre nós nos comporemos,
E ireis desobrigado
Do Soneto deste anno, e sem cuidado;
Que eu nisto de tributos sou composto,
E naõ lanço tributos por meu gosto;
Mas quando os pede só a necessidade,
Os lanço, e com notavel igualdade,
Que paguem todos, ninguem fique izento,
Mas cada qual confórme seu talento,
Dos que tem pouco, muito naõ espero,
E dos de muito, que paguem muito quero.
Declarados estamos,
Pois ao Soneto do tributo vamos;

Eylo vay, ide attento, ide commigo,
E fareis hum Soneto em quanto o digo.

SONETO.

QUatorze versos tem todo o Soneto;
Cada verso onze syllabas contadas,
Naõ haõ de ser comtudo desatadas
Como estas: feito temos hum quarteto.
Outro vay, (em debuxos vos naõ metto)
Os versos haõ de ter suas pancadas,
E quédas, se por vós forem bem dadas,
Que sejais bom Poeta vos prometto.
Dous tercetos nos faltaõ, aqui agora
Deste verso notay a sinalefa,
No usar dellas sede muito astuto:
Delles no fim palavra aguda fóra,
Que naõ se usa. Acabou-se esta tarefa,
E o Soneto pagastes do tributo.

Nos jocosos talvez convêm no cabo,
Como a foguete, ou bruto, por-lhe hum rabo.
Mas adverti, me disse,
Que he grande parvoice
Fazer huns versos, que hoje chamaõ cultos,

Taõ

Taõ cegos, taõ eſcuros, taõ occultos,
Que lhe os dedos metter, vê los, nos olhos,
Pizar, por elles caminhar, abrolhos.
Eclipodas, Telegonas dar vozes,
Que o fructo menos, porèm mais que as nozes.
Digo-lhe eu: Senhor, naõ vos entendo.
E eu que eſtes verſos naõ façais, pertendo,
Me diz elle: ſe ás vezes ſua graça
Tambem tem, que, ſe poſtos ſaõ na praça,
Coſtumaõ dar tormento
Talvez aos mais ſubtis de penſamento:
E ſe tem, bem que occultos, ſeus conceitos,
Saõ depois de alcançados bem acceitos.
Naõ haõ de ſer porèm tambem taõ claros,
Que naõ poſſa haver nelles ſeus reparos;
E ſe o entendê-los dá cuidado, e ancia,
Por fim ha-ſe de achar nelles ſubſtancia:
Naõ depois de eſtrondoſa bizarria
Theſouro de carvaõ de ſaccaria.
Iſto em fim baſta, diz, que tenho dito;
Porque fora infinito

Na

Na Poesia dar regra adequada,
Que esta anda hoje muito adulterada
Por causa dos ouvintes ignorantes,
Periquiticos versos elegantes,
Dizendo toscos, e grosseiros, quando
Maronicos, e Homericos julgando.
E se vós meu conselho bem tomareis,
Muito discreto andareis
Em vos naõ applicar a esta arte,
Que he como maldiçaõ em toda a parte,
Pois supposto se chame arte divina,
He sempre taõ mofina,
Que acompanha com faltas a pobreza
De vestido, calçado, cama, e mesa.
Mas tal conselho meu será baldado,
Se he que a seguî-la vos obriga o fado,
Da humana vida inevitavel ordem,
Que querer atalhar será desordem.
Ide embora, segui vossa fortuna.
Assim deo fim á practica importuna
Apollo; e eu tambem, sem graça, e gloria,
Já o fim tenho dado á minha historia.

A' PRI-

A' PRIMAVERA.

IDILIO.

JA' tem principio o tempo appetecido,
Já lá vay a Estaçaõ chuvosa, e fria;
Na casa de Aries entra o Sol luzido,
A' noite conresponde igual o dia:
Aquelle, que antes era entristecido,
Mostra-se agora cheyo de alegria:
Que a alegre Primavera faz contente
Ainda a mais desgostosa, e triste gente.
O campo, que lavrou o duro arado,
Livre do triste Inverno, e seus rigores,
Hoje á vista se ostenta matizado
De vistosa espessura, e lindas flores:
No bosque mais horrivel, e intricado
Os seus troncos se vestem de verdores,
E até as duras sylvas reverdecem,
E os arbustos sylvestres flor offrecem.
O lavrador, do fructo cobiçoso,
Os olhos na seára verde emprega;
E se atégora andava receoso,
A mais larga esperança já se entrega:
No trabalho da monda rigoroso
Por hum breve momento naõ socega,
O tem-

O tempo, que veloz vay caminhando,
Com alegres cantigas enganando.
Ainda bem naõ ſe aviſta a luz do dia;
Ainda eſtrellas no Ceo eſtaõ luzindo,
Já ſe vê hum Paſtor a relva fria
Com ſeu manſo rebanho andar cobrindo:
Vive tambem coberto de alegria
Até que o claro Febo vá fugindo;
Que em quanto eſte Aſtro nobre reſplandece
Tudo goſto, e prazer alli lhe offrece.
Aquelle caminhante, que atégora
Entregar-ſe ao caminho receava,
Hoje parte ao romper da amena Aurora,
Sem temor do chuveiro, que o molhava:
Seus paſſos move agora a qualquer hora;
Viſtoſo encontra o que antes feyo eſtava,
E á freſca ſombra deſcançando, quanto
A viſta, e ouve lhe motiva eſpanto.
Contentes os meninos, e meninas
Já pelo verde prado andaõ ſaltando,
E nelle colhem roſas, e boninas,
Que a terra ſem cultura eſtá moſtrando:
Sentaõ-ſe ao pé das agoas cryſtallinas,
Que a viſtoſa eſpeſſura vaõ bordando,
Eſcolhendo entre as plantas, e verdores
Para tecer capellas lindas flores.

As

As terras Africanas desampara
Aquella ave de Progne procedida,
Voando para o sitio, que deixára,
Quando foy pelo inverno accommettida!
Chega, e vendo que a casa, que habitara,
A rigores do tempo he destroida,
Do barro, que no bico vem trazendo,
Cuidadosa outra nova vay fazendo.

Sempre neste trabalho anda occupada
Em quanto ao Ocidente o Sol naõ chega;
E só quando por si vê fabricada
A sua habitaçaõ, he que socega:
De pennas, e palhinhas sendo ornada,
Nella em fazer seu ninho só se emprega;
E os filhinhos, que alli contente cria,
Depois lhe saõ gostosa companhia.

A Filomélá, que antes com seu pranto
De Terêo avizava a crueldade,
Hoje apura seu terno, e doce canto,
Com que ás gentes cativa a liberdade:
A tenebrosa noite com seu manto
Enche a terra de triste escuridade;
Mas deste passarinho a voz sonóra
Lá nos bosques faz écco a qualquer hora.

A garrula perdiz, que temerosa
Das arvores os ramos naõ procura,

E o ſeu ninho fabrica cuidadoſa
Nas ceves, nos vallados, na eſpeſſura:
Já ſe alegra, já canta mais goſtoſa,
Os ſeus ovinhos pondo entre a verdura,
E os ternos filhos, que alli vay gerando
Com ella, apenas naſcem, vaõ voando.

O monte, que atéqui ſempre ſe via
D'eſpinhos duros, e crueis plantado,
Hoje offrece verdura alegre, e fria
Para ſeu alimento ao manſo gado:
Alli ao pé d'uma arvore ſombria
Paſſa o Paſtor a ſeſta ſocegado
Vendo que o ſeu rebanho a todo o inſtante
Tem paſto deleitoſo, e abundante.

O rio, que corria enfurecido,
E nos proximos campos ſe eſpalhava,
Agora, a ſeus limites recolhido,
Manſamente as arêas claras lava:
Das flores mais viſtoſas he veſtido
Aquelle ſitio, que antes inundava;
Pois, em lugar das agoas cryſtallinas,
He coberto de roſas, e boninas.

As abelhas ſolicitas voando
Fazem ſuſurro alegre, e deleitoſo,
E nos boſques de flor em flor ſaltando
O tomilho procuraõ por cheiroſo:

Nos

Nos ramos deste arbusto descançando
Nas suas flores tem pasto gostoso;
E apenas ás colmêas fartas chegaõ
Em formar doces favos só se empregaõ.
Os bichos, que na terra se escondiaõ,
Já pela amena selva andaõ correndo,
E se o tempo chuvoso antes fugiaõ
Hoje buscaõ o Sol, que está nascendo:
As lebres, e coelhos, que viviaõ
Nos matos, ainda a aurora vem rompendo,
Já nos campos vistosos, e esmaltados
Saltando suavizaõ seus cuidados.
Recebe a terra a luz d'Alva brilhante,
E a cigarra o orvalho na espessura;
Do Sol a flor se mostra mais fragrante,
Na calma aquelle insecto o canto apura:
Segue outro o passarinho como amante,
Alegre o gado pasta na verdura,
Finalmente alegria tudo offrece,
Oxalá que eu assim tambem vivesse.

LAU-

LAURA.

EGLOGA.

DE verdes plantas, de brilhantes flores
A alegre Primavera a terra ornava,
O Sol de ſeus viſtoſos reſplandores
Mais tarde os noſſos valles deſpojava;
Quando a paſtora Laura entre os verdores,
Adonde o ſeu rebanho apaſcentava,
Sentindo o cruel mal, que padecia,
Afflicta, e deſgoſtoſa aſſim dizia:
Oh quanto injuſta foy ſempre a ventura
Para commigo! Flores taõ viçoſas,
Eu vivo deſcontente na eſpeſſura,
Vós moſtrais-vos alegres, e goſtoſas;
Se atéqui naõ brilhaſtes na verdura,
Hoje ſois aprazíveis, e viſtoſas:
Da aurora recebeis contentamento,
Eu nunca tenho allivio em meu tormento.
Vós ſois mais do que todos ſabedoras
Da cauſa principal de meu cuidado,
Pois

Pois comvoſco vivia muitas horas
Anfronio em quanto o Sol era aviſtado ,
Aqui eſte cruel entre as Paſtoras
Paſſava o tempo alegre , e ſocegado ;
Quando eu a toda a hora , a todo o inſtante
Chorava a ſua auzencia como amante.

Deſta magoa tyranna acompanhada
Sentia cada vez mayor deſgoſto ;
Do meu Paſtor vivia ſeparada ,
Delle naõ eſperava o menor goſto :
A vós corria ás vezes como irada ,
Deixando o mêu rebanho ao tempo expoſto ;
E quanto aquelle ingrato mais me via ,
Tanto mais a meus olhos ſe eſcondia.

Mas já que a voſſa rama lhe era abrigo,
Plantas frondoſas , agradaveis flores ,
He juſto que tambem tenhais caſtigo ,
Pois tambem deſtes cauſa a minhas dores :
Comvoſco deo principio eſte inimigo
A tantas crueldades , e rigores ,
E naõ he bem que eu veja deſcontente
Quem nos deſgoſtos meus aſſim conſente.

Da voſſa bella viſta já me auzento ,
Já morreo para mim eſſa eſpeſſura ,
Pois o meu rigoroſo ſentimento

Naõ permitte que eu veja tal verdura :
Se ao campo me guiar o meu tormento ,
Bufcarey d'um cipreſte a ſombra eſcura ;
Em quanto naõ deixar de todo a vida ,
Cada vez ſentirey dor mais creſcida.
Aproveite-ſe Anfronio do recreyo ,
Què no voſſo brilhar eſtais moſtrando ,
Que eſte meu coraçaõ de magoas cheyo
So pezares me eſtá repreſentando :
Naõ ſirva de embaraço o meu receyo
Ao prazer , com que agora eſtais brilhando ;
Se a fortuna ſómente me condena ,
Seja ſó para mim taõ cruel pena.
Suſpendey , rouxinois , o voſſo canto ,
Naõ queirais augmentar minha agonia ,
Adonde nada ſe houve mais que pranto
Naõ deve ter lugar eſſa harmonia :
Só porque ás gentes cauſe mais eſpanto
Faça-me o triſte mocho companhia ;
Com eſte , em quanto o Sol for eſcondido ,
Será meu ſentimento repartido.
Vós , cryſtallinas agoas deſta fonte ,
Que eſſa eſpeſſura amena eſtais fazendo ,
Re-

Recebey tantas, que de monte a monte
Por minhas triſtes faces vaõ correndo:
Antes que fuja o Sol deſte orizonte
Minhas dores crueis ireis ſabendo,
Levay as groſſas lagrimas, que choro,
Ao ingrato Paſtor, que firme adoro.

Mas para que de vós favor eſpero,
Se tambem approvaſteis minhas dores?
De balde encaminhar-vos hoje quero
A abrandar d'um cruel tantos rigores:
No meu tormento rigoroſo, e fero,
Só conheço da ſórte os disfavores;
Ao murmureo, que faz a voſſa enchente,
Meus ays miſturarey continuamente.

Manſas ovelhas, innocente gado,
Procuray quem vos guarde na eſpeſſura;
Eu naõ poſſo em vós ter o meu cuidado,
Em quanto me ſeguir tal deſventura:
A minha doce frauta, o meu cajado
Fiquem para lembrança entre a verdura;
Se perdi todo o meu contentamento,
Só deve acompanhar-me o ſentimento.

Arvoredos frondoſos, que algum dia
Fazieis grande parte do meu goſto,

Da voſſa alegre, e doce companhia.
Me obriga a ſeparar o meu deſgoſto:
A ſopportar da ſórte a tyrannia
Meu triſte coraçaõ já vive expoſto;
Pelo meu bello Anfronio deſprezada,
A vida acabarey deſconſolada.
Paſtor, que neſte valle desde a Aurora
Contente andas teu gado apaſcentando,
Se vires o cruel, que eſta alma adora,
Dize-lhe que eu por elle eſtou chorando:
Conta-lhe que naõ paſſa huma ſó hora,
Que eu afflicta o naõ ande aqui chamando:
Pede-lhe que abbrevîe a minha morte,
Ou faça com que eu viva d'outra ſórte.
Dize lhe que por elle a todo o inſtante
Por eſtes montes triſte ando correndo;
E que ſuppoſto eu viva taõ diſtante,
Sempre em minha lembrança eſtá vivendo:
Roga lhe, em fim, que ſeja mais conſtante
A quem tanto rigor lhe eſtá ſoffrendo;
Que neſtes verdes campos appareça,
Porque o meu coraçaõ prazer conheça.
Aſſim a triſte Laura ſe queixava
De

De Anfronio, que causava o seu tormento;
Anfronio, que algum tempo motivava
A seu peito o mayor contentamento:
Já nenhuma esperança conservava
De viver em socego algum momento;
Em seus olhos só lagrimas se viaõ,
A todos, os seus ays enterneciaõ.

SATY-

SAUDADES
DE
LYDIA, E ARMIDO.
CANTO HEROICO,
POR HUM ANONYMO.

I.

ERa o tempo, em que pállido retrata
Seus ardores o Sol na Thetis fria,
E a noite d'entre as sombras se desata,
Porque em berços de neve nasce o dia:
Quando entre espumas de fingida prata
O vento com gentil descortezia,
Estampas profanando das estrellas,
Inchava as ondas, e batia as vélas.

II.

Gemia a tuba, o bronze retumbava
Em os éccos do vento repetido,
E no tambor guerreiro se dobrava
O horrendo som da déstra maõ ferido:
O soldado animoso se embarcava,

Des-

Despedia-se o amante enternecido,
Formando já nas liquidas espumas
Plantas de gallas, e jardim de plumas.

III.

Só Armido naõ ousava inda partir-se,
Porque ao partir de si naõ sabe parte,
Armido, em quem nasceraõ para unir-se
Graças da natureza, alentos da arte;
Em quem juntou amor a competir-se
Galhardias de Adonis, leys de Marte,
Valor, e discriçaõ sem artificio,
Aceyo sem dezar, talhe sem vicio.

IV.

Armido, aquelle Armido, a quem saudoso
Ao longe Marte com razaõ desterra,
E a ley violenta do valor brioso
Usurpa contra amor da patria terra;
Que como he guerra amor, braço imperioso
Desde huma guerra o alista em outra guerra,
Onde, se em partes a alma lhe reparte,
Huma assiste á que deixa, outra á q parte.

V.

Amava; mas só eraõ seus amores
Altas prendas de Lydia, que por bellas,
Nel-

Nellas a ser estrellas, e a ser flores
Aprendiaõ as flores, e as estrellas:
Andava tanto álèm em seus ardores,
Que a pezar destas, e a pezar daquellas,
Mais vezes, que em seus numeros, e assentos
Se trocavaõ as almas nos alentos.

VI.

Despedir-se de Lydia, a quem deixava,
Era forçoso agora, pois partia;
Ausentar se sem vê-la naõ ousava,
Vê la, e logo ausentar-se naõ podia:
No valor huma morte receava,
Na affeiçaõ outra morte presentia;
Mas amor, q̃ lhe armava o peito forte,
Huma morte vencia em outra morte.

VII.

Parte, em fim, a buscar o bem que adora,
E como em seu cuidado Lydia assiste,
Chora Lydia o que Armido tambem chora,
Que atè no unir a pena amor consiste:
Mas ay, que golpes sentirás agora,
O' Lydia sem ventura, ó Lydia triste,
Quando juntando amor dous homicidas,
Em duas mortes troque duas vidas!

Pe-

VIII.

Pena Lydia, e na pena, que a mal-
trata,
Da frustrada esperança de seu rogo,
Com suspiros, e lagrimas desata
Oceanos de neve, Ethnas de fogo:
Saõ seus olhos dous golfos, que dilata
Fogo no pranto, e na partida fogo;
Discretos sendo nelles té os pezares,
Pois ao por-se dous Sóes naicem dous
mares.

IX.

Assim padece Lydia, quando Armido
Entra á sua vista mais que nunca ayroso;
Que em retratar o bem, que he já per-
dido,
Sempre o desejo pecca de invejoso:
Liçoens vem dando a Abril em o florido,
Mates ao Sol vem dando em o lustroso;
Nelle culpaõ em fim seu pouco aviso,
Por flor Adonis, por crystal Narciso.

X.

Chega aos braços de Lydia, donde en-
volta
Entre hum soluço brando, hum ay ar-
dente,
A voz com muda queixa ao peito volta,
Don-

Donde interpreta quanto o peito ſente:
Os olhos fallaõ quando delles ſolta
Pedaços d'alma em liquida corrente;
Porque lhe empreſtaõ desde os ſeus retiros
Razoens as ancias, vozes os ſuſpiros.

XI.

Que pouco dura hum bem! Que mal ſegura
Huma eſperança ſeu verdor retira!
Ay, caduco prazer, falſa ventura,
Sombra vãa, leve flor, doce mentira!
Jaſmim, que, em quanto naſce, apenas dura,
Roſa, que apenas abre, quando eſpira!
Pois c'o Sol madrugando, c'o Sol arde,
Mimo da Aurora, laſtima da tarde.

XII.

Quem te diſſera, Armido laſtimado,
Quando a Lydia gozavas com ſocego,
E entre os favores do propicio fado,
Eras da ſórte vãa florido emprego;
Quem te diſſera então, que inda eſte eſtado
Te guardava de amor o engano cego:
Oh Armido, como achaſte em ſeus favores

Flo-

Flores no amanhecer, no acabar flores!

XIII.

Assim callava Armido em mudo espanto,
E desatado em neve, em fogo ardia,
Mas ay, que altos requebros em seu pranto
Amor formava, e Lydia percebia!
Dura-lhe breve espaço o doce encanto,
Porque vendo que falta ha muito o dia,
Deixando a Lydia assim em diluvios d'agoa,
Expõem a lingua quanto dicta a magoa.

XIV.

A deos, luz de meus olhos, Lydia minha,
Fica-te embora já, Lydia adorada;
Pois o tempo chegou, em que amor tinha
Huma morte a duas vidas reservada;
Já das estrellas decretada vinha,
Quando te amey, ó Lydia, esta jornada,
Vingou-se amor, vingaraõ-se as estrellas,
Ciumes delle fuy, tu inveja dellas.

XV.

Naõ chores, Lydia, naõ, do fado inico
As duras leys, que com amor relevo,

Que.

Que, ſe porque tu ficas, cá me fico,
Tambem porque me levo, lá te levo;
A tuas lagrimas a alma ſacrifico,
Pois que partir ſem ella hoje me atrevo:
Mas naõ, que contra amor niſto diſcorro,
Mil almas levo, pois mil vezes morro.

XVI.

Agora alcançarás ſe firme ha ſido
O teu Armido, ó Lydia, pois agora,
Perdendo-ſe a ſi meſmo, ainda perdido
Naõ ſabe, naõ, perder o que te adora:
De meu naõ levo mais q̃ o meu ſentido,
Porque em ſaber matar-me me namora:
Que he bem que ſeja, já que amor ordena,
Pois foy o author da culpa, o algoz da pena.

XVII.

Em mil partes, ó Lydia, o deſengano
Sinto da minha dor, que naõ deſcança,
Pois ſe em teu coraçaõ me alcança hum damno,
Outro em meu coraçaõ tambem me alcança:
Neſte ſoffro o tormento de hum engano,
Neſte padeço a dor de huma eſperança,
Mas bem he que em mil partes me condene,

Por-

Porque haja onde mais ame, onde mais
penne.

XVIII.

Atormenta-me a morte, e naõ me mata,
Porque nada em mim vive, só padece,
E ainda que agora só matar me trata,
Como me vê sem mim, me desconhece:
Ou he, Lydia, que tanto me maltrata
Minha dor, que sua dor me naõ parece,
Ou que a dor do partir me tem desórte,
Que a morte passo sem sentir a morte.

XIX.

Lembre-te, Lydia minha, esta fineza,
Por querer-te sómente padecida,
Que á vista de perder tua belleza,
Por naõ perder o amor naõ perco a vida:
E a Deos, Senhora, que já da noite espeza
O curso apressa as horas da partida:
Ay, Lydia, se inda a amor vives sujeita
Dá-me teus braços, e minha alma acceita.

XX.

Disse Armido; mas Lydia, a quem naõ deve
Hum amoroso allivio o ardente rogo,
Cobra em seus olhos derretida neve,
Bel-

Bebe em sua bocca suspirando fogo:
Ja falla, ja naõ ousa, ja se etreve,
Começa dando hũm ay, mas pàra logo;
Até que vendo que detem a morte,
Quando Armido detem, diz desta sórte:

XXI.

Espera hum pouco, cruel, e a teu retrato,
Leva meu coraçaõ, que por ti parte,
Mas se a meu coraçaõ has sido ingrato,
Que coraçaõ de novo posso dar-te!
Ficas, no que me deixas de barato,
Fiado em que por teu da dor se aparte,
Mas vê, que a qualquer dor ja naõ resiste,
Porque em saber ser meu sabe ser triste.

XXII.

Espera hum pouco, espera, amado ausente,
E se queres matar me na conquista,
Do que a minha alma em tua ausencia sente,
Melhor victoria alcançará tua vista:
Naõ tenhas medo, naõ, que ao rayo ardente
De teus olhos crueis meu ser resista,
Se já naõ tem tornado a sórte crua
Minha dureza na dureza tua.

Es-

XXIII.

Espera, saberey quem te arrebata
De entre meus braços, ainda que violento,
Darás, pois me naõ deixas por ingrata,
Esse allivio se quer ao meu tormento:
Padeça as queixas quem aggravo trata,
Rompa-se de huma vez o soffrimento,
Conheça o mundo, ingrato, pois me deixas,
Que em teus aggravos nascem muitas queixas.

XXIV.

Se o sangue illustre, que em teu peito mora,
Mostrar na guerra seu valor pertende,
Como intentas matar a quem te adora,
Só por ires matar a quem te offende?
Infame corta a espada vencedora
De quem a vida corta, e a vida rende;
Oh, detem te, naõ faças tanto alarde,
Por parecer valente, e ser cobarde.

XXV.

Na defensa de huma alma desvalida
Mostra valor galhardo hum peito forte,
Olha, ingrato, se estimas minha vida,
Que custa teu valor já minha morte:

Bem pódes esquecer tua partida,
Como a meu mal o remontado norte,
E pois teu peito minha voz naõ sente,
Mais ingrato serás, naõ mais valente.

XXVI.

Naõ he valor entrar acompanhado
A contender brioso com o inimigo,
Olha, cruel, adonde vás armado,
Que acompanhado vás, pois vou contigo;
Mas, naõ, que de duas vidas animado
Té ha mister o rigor desse perigo,
Porque a pezar assim da arma homicida
Assegure tua vida em minha vida.

XXVII.

Se entre riscos fataes, altas emprezas,
O valor mais á fáma te avisinha,
Como de teu valor tanto te prezas,
Se tanto foges da fraqueza minha?
Creditos buscas, creditos desprezas,
Que tinha minha queixa, ou que naõ tinha?
Que teu receyo pelo ferro a deixa,
Póde menos que o ferro a minha queixa?

XXVIII.

Deixa, tyranno, o fim desta conquista,
E se queres matar com mais violencia,
Naõ mates o inimigo com tua vista,

Ma-

Mata-o se quer, ingrato, com tua au-
sencia:
Naõ possa tanto o damno, a que te alista
De teu peito cruel a resistencia;
Que ella mais póde com discurso errante
Ser inimigo teu, que teu amante.

XXIX.

Naõ presumas, cruel, de ser valente,
Se pódes presumir de ser ingrato,
Que se teu trato mata duramente,
Escusado he mais ferro, que teu trato:
Sobeja ainda a bála, e a lança ardente,
Onde póde matar só teu retrato;
Porèm naõ bastas, naõ, para esse effeito,
Pois em teu peito faltará meu peito.

XXX.

Se da guerra o furor, só por deixar-me,
Buscar quizeste ingratamente duro,
Espera, naõ te vás, que com matar-me,
De hum, e outro trabalho me asseguro:
Poderás, offendendo-me, obrigar-me,
E eu, que a alta guerra de minha alma
aturo,
Farey que a morte, que teu gosto encerra,
Falte ao perigo, mas naõ falte á guerra.

XXXI.

Troféos insignes tens em minha morte,

Pois meu peito a teu ser está sujeito;
E se em meu peito está teu peito forte,
Naõ venças menos peito, que a teu peito:
Mas oh, q̃ em vaõ se queixa minha sórte,
Se, por ver teu valor, meu damno acceito,
Quando teu peito he tal, q̃ a meu gemido
Nem por ser vencedor será vencido.

XXXII.

Que triunfos procuras, que victorias?
Que naõ possa meu peito assegurar-te?
Na guerra vás buscar estranhas glorias,
E as glorias deixas, que eu pudera dar-te?
Solicitas no sangue altas memorias,
Deixando a Venus por seguir a Marte?
E a meu gosto teu risco sempre opposto,
Amas mais a teu risco, que a meu gosto?

XXXIII.

Porque em meu peito te reservas vivo,
Naõ temas o rebate de outra guerra.
Oh, vê que a guerra de meu peito altivo,
Ao tempo que meu mal, teu mal encerra!
Mas ay, que cuido, ingrato fugitivo,
Que se a dor, que a meu peito se desterra,
A morte dura naõ bastára a dar-me,
Nelle te matará só por matar-me!

XXXIV.

Quem póde, oh! quem, negar-te esta victoria,

Que

Que em meu damno cruel tanto dilatas!
Se, por dar mais assombros á memoria,
Com olhos feres, e com ferro matas!
Mas naõ, q̃ ha em teus olhos tanta gloria,
Que inda nos golpes, que com ferro tratas,
Temo que has de baldar tanta conquista,
Quando os q̃ mate o ferro, anime a vista.

XXXV.

Se em meu peito duas vidas naõ custára
De teu agudo ferro á morte crua,
Eu mesma seu rigor solicitára,
Por dar novos troféos á fama sua:
No ferro achára a vida, quando achára
Da morte a pena só por morte tua,
Mas em vaõ desejando o golpe érro,
Que donde mata a dor, sobeja o ferro.

XXXVI.

Se te ausenta a crueldade de teu peito,
E vás satisfazê-la no inimigo,
Torna atraz, e terá melhor effeito,
Sendo por naõ partir cruel contigo;
Ou se ver-te desejas satisfeito,
Naõ o sejas c'o estranho, sê-o commigo,
Que vay muito entre os dous, se he que
te infama,
Nelle quem te aborrece, em mim quem
te ama.

XXXVII.

Mas, ay, que do inimigo invejo a ſórte,
Quando do ferro prove o golpe duro,
Pois piedoſo cruel teu braço forte
Lhe acaba a pena, que eu co'a vida aturo;
Pódes ſer mais cruel, que em dar-me a
morte?
Pois da-me a morte a mim, que eu te aſ-
ſeguro,
Que repartido o golpe em tua metade,
Seja menos a dor, mais a crueldade.

XXXVIII.

Bem ſey que em ti he acçaõ de valentia
Ir buſcar a campanha, que appeteces,
Naõ por ſer mais cruel a tyrannia,
Mas por ſer mais cruel, ſendo-o mais ve-
zes;
A vida, que me deixas, te deſvia
Da morte, que em matar-me reconheces;
Oh quanto, oh quanto em mim teu dam-
no ordena,
Que dure a vida, porque dure a pena!

XXXIX.

Bem ſey, que entre os extremos das
bravezas,
Com que mataõ teus golpes taõ violen-
tos,

Mil

Mil vidas me tiraraõ as ferezas,
Se mil vidas tiveraõ meus alentos:
E assim a minha vida aqui desprezas,
Commettendo-a ao tropel de meus tormentos,
He só porque me matem mais constantes,
Pois mil vidas tenho em mil instantes.

XL.

Se he odio o que te ausenta de meus braços,
Porque na posse delles já te canças,
Ay, naõ te vás, Armido, que em seus laços
Eu te prometto novas esperanças:
Naõ te custe meu damno tantos passos,
Que a ti mesmo te alcanças nas vinganças:
Tem-me odio muito embora, mas, tyranno,
Sinta eu menos teu risco, que meu damno.

XLI.

Se minha vida te aborrece tanto,
Que ás armas estrangeiras te desterra,
Sentindo mais o risco do meu pranto,
Do que o perigo sentes de huma guerra:
Olha de meu amor o novo espanto,
Que suspeitando o mal, que lá se encerra,
E morrendo ja ás mãos de minha sórte,
Mais temo em ti a suspeita, que em mim a morte.

XLII.

A tanto de tua vista o amor dilato,
Que bastando a deter-te outros amores,
De ti mesmo terceira fora, ingrato,
Só por dever teu gosto a meus favores:
Lograr-se-ha no allivio de teu trato
Novo ardîl a pezar de teus rigores;
Que era em fim dor menos vehemente
Morrer eu offendida, que tu ausente.

XLIII.

Se isto naõ obstar, pára que altivo
A' vista de meus olhos te detenhas,
Eu me irey ao deserto mais esquivo
Gemer às féras, e queixar-me às penhas:
E quando a minhas dores compassivo
Naõ possa achar o rustico das brenhas,
Ver-te-hey sequer, posto naõ me acudas,
Nas féras livres, e nas penhas rudas.

XLIV.

Se interesse te leva a estranhos climas,
E só pelas riquezas te aventuras,
Torna atraz, que no bem, que desestimas,
Mais riquezas teràs, do que procuras:
Essa ambiçaõ dourada, donde animas
Tanta luz de esperanças mal seguras,
Ay, naõ te usurpe, naõ, que he pouco experto

N'u-

N'uma incerta ventura hum prazer certo.

XLV.

Dar-te-hey (se acaso entaõ me naõ
mentias,
Quando mais lisongeiro te mostravas.)
O ouro, que em meus cabellos dividias,
O aljófar, que em meus dentes numeráva-
vas:
Se ser grandes riquezas conhecias
As bréves perfeiçoens, que em mim no-
tavas,
Torna atraz, que eu farey, que assim as
possuas,
Que deixem de ser minhas, por ser tuas.

XLVI.

Mas, se tornar atraz a dar-me vida,
Naõ he possivel ja, querido ausente;
Porque de todo amor nos naõ divida,
Ao menos que te siga me consente:
Mal pódes recusar minha partida,
Posto que me aborreças duramente,
Sequer por obrigar-te, indo contigo,
Que por fugir-me fujas ao perigo.

XLVII.

Naõ temas que me falte a valentia,
Que me vençaõ temores, ou desmayos,
Que tambem sabe amor com bizarria

Despedir settas, e esgrimir os rayos
Faraõ meus olhos com gentil porfia,
Para poder matar nos teus ensayos;
Levando sempre do contrario a palma,
Se sua alma naõ for como tua alma.

XLVIII.

Ver-me-has pela campanha andar segura,
Sem que perigo algum me dê cuidado,
Como quem a pezar desta brandura
Leva seu peito de teu peito armado:
Entaõ entre o furor da guerra dura,
Meu peito de duas vidas animado,
Mostrará na batalha mais visinha
Que vence a tua, mas peleja a minha.

XLIX.

Servir-te-ha de defeza entaõ meu peito,
Sem que a teu peito aggrave esta defeza;
Pois por tanto, que soffre a teu respeito,
Bronze he na força, pedra na dureza.
Baldará todo o golpe em mim o effeito,
Posto que nasça de mayor fereza, (tes
Porque inda que em meu peito de mil sór-
Caibaõ feridas, já naõ cabem mortes.

L.

Mostrarey q̃ meu peito te acompanha,
Quando com a dureza entaõ resista;

De

De qualquer golpe fero a furia eſtranha,
Salvo ſe for o golpe da tua viſta:
Serey gentil aſſombro da campanha,
E entrando com duas vidas na conquiſta,
Só terey por desdem da ſórte crua
Naõ dar a minha, por viver a tua.

LI.

Se acaſo do inimigo o ferro agudo
Offender-te quizer vilmente forte,
Valer-te-has de meu peito para eſcudo,
Que izenta a tua vida ás leys da morte;
E ſe com ſer de prova, ainda com tudo
Puder mais que elle a força de tal ſórte,
Naõ temas, põem no á bála mais viſinha,
Que onde o golpe for teu, ſerá a dor
minha.

LII.

Mas, como na dureza nada iguala
A teu peito, proſegue o Marcio jogo;
Verás que o fogo do odio naõ abála
A quem nunca abalou de amor o fogo:
Que eſpada, ou lança, que montante,
ou bála
Vencerá peito, a que naõ vence o rogo?
Mas ay! ſim vencerá, ſe amor deſterra,
Que he filho o Deos do amor do Deos da
guerra.

LIII.

Se entre o rigor da guerra mal seguro,
Acaso de teu peito, ingrato Armido,
O duro pedernal, marmore duro
No carmim do teu sangue vir tingido;
Eu romperey do peito, que aventuro,
A nevada prizaõ, e ao teu unido,
A pezar do meu damno, e da tua sórte,
Teremos huma vida, ou huma morte.

LIV.

Tu ferido, e eu chorosa, hum doce encanto
Seremos do furor menos sujeito, (to,
Eu supprindo teu sangue com meu pran-
Tu apagando meu pranto com teu peito;
E quando nossa sórte possa tanto,
Que logre a morte em nós seu triste ef-
feito, (me,
Morreremos n'um ay, que amor confir-
Tu co' ferro; eu co' a dor; tu ingrato
eu firme.

LV.

Mas aqui, muda a pena, a voz faltea
Da triste Lydia, a cujos olhos logo
Pedaços d'alma em crystallina vea
Remette o coraçaõ desfeito em fogo:
Quando Armido, que entaõ menos recea

Que

ue os perigos da guerra os de ſeu rogo ,
epois que nectar bebe em ſeus alentos,
ſſim profana, aſſim commove os ventos.

LVI.

Detem , ó Lydia , as lagrimas , naõ chores ,
ſe intentas aſſim tirar-me a vida ,
eſerva para entaõ ſequer as dores ,
aõ as gaſte em tal fé minha partida :
eixa , meu bem, as ancias , e os temores
ara quem te imagina taõ ſentida ,
aõ cuſte a quem te vir com tal crueldade
uma morte o rigor , outra a piedade.

LVII.

Eu parto;mas ſe parto he porque o brio
o valor de meu ſangue aſſim me ordena,
porque com partir , ó Lydia , te deſvio
um deſcredito a troco de huma pena :
arto a fazer liſonja ao alvedrio ,
o rigor com que a auſencia me condena,
ara poder cuidar que te mereço ,
uando iguale o que te amo ao q̃ padeço.

LVIII.

Naõ me leva deſejo algum de guerra ,
orque, como na guerra, em que me vejo,
e deſejar-te a ti meu bem ſe encerra ,
aõ cabe já outra guerra em meu deſejo:

Ba-

Bastava, Lydia, a dor, que me desterra
Para me acreditar a paz que invejo:
E era, depois de ver-te, acçaõ perdida,
Indo a tirar a vida, ir taõ sem vida.

LIX.

Naõ me obriga a crueldade a que m
ausente,
Que isto, sobre ser culpa, era castigo,
Quando por ser cruel co' a estranha gẽte
Fora, em deixar-te, mais cruel commigo;
Ainda que bem pudera a sede ardente
De matar abalar-me a este perigo,
Por ser o tirar vidas na conquista
Copiar teus olhos, imitar-te a vista.

LX.

Naõ he odio, nem menos se ha cansad
De gozar teus favores meu sentido,
Porque está nelle o gosto taõ trocado,
Que com o desejo só os tem sabido:
Com outro amor deter-me aqui has pro
vado; (do
Se he de outra Lydia, acceito esse parti
Com tanto, que em favor de acçoens taõ
nobres, (dobres
Só porque eu dobre amor, tu as Lydia

LXI.

Naõ busco nos despojos da victoria,
In

Intereſſado as glorias da ventura,
Que quem te leva, ó Lydia, na memoria,
Que procura, ſe leva o que procura?
Mas ſe he que ſou deſpojo da tua gloria,
Eſtá contente, Lydia, eſtá ſegura,
Que mil deſpojos te darey rendidos,
Por dar-te em mil deſpojos mil Armidos.

LXII.

Se outra couſa me obriga a que me auſente,
Mais que o querer ſervir-te acreditado,
De qualquer lança aguda, ou bála ardente
Vejas meu peito, ó Lydia, traſpaſſado;
Hum rayo, hum baſiliſco, huma ſerpente
Moſtre em mim ſeu furor executado,
E a viſta de outrem, que em teu peito more,
Mais me aborreças, quando mais te adore.

LXIII.

Lembre-te, ó Lydia! Mas aqui de Marte
Confuſo eſtrondo multiplica logo,
Rompendo os Ceos de huma, e outra parte
No vento as tubas, nos metaes o fogo:
Armido ja ſe fica, ja ſe parte,
Lydia ja ſolta a voz, ja cala o rogo,
Huma chega os braços, outro a bocca applica,

Até

Até que Armido parte, e Lydia fica.

LXIV.

Deixa a parra cortez o alamo altivo,
O rustico penedo a hera inconstante,
O touro namorado o ardor lascivo,
A simplez avesinha o casto amante,
A fonte alegre o aljofar successivo,
O vento brando seu discurso errante,
Seu centro o mar, a féra seu bramido,
Tudo he pouco, isto he mais, a Lydia
Armido.

LXV.

Tal Lydia a seu pezar entaõ rendida,
Entre os braços de Armido naõ se atreve
A largar a alma, ja de amor sentida,
Por naõ largar de Armido a sombra leve;
Foge a seu rosto cuidadosa a vida,
Cobre suas flores condensada a neve,
E só saõ nella clausula da pena
Desmayado o jasmim, morta a açucena.

LXVI.

Està sem vida Lydia, e està formosa;
Inda mata sem vida, e sem sentido;
Porque entre quantas vidas tira ayrosa,
Para poder viver, busca a de Armido:
Mas como a natureza cuidadosa
A Armido igual naõ deo, tendo o perdi-
do,

Em

Em vaõ ſe canſa Lydia, em vaõ diſcorre,
Que em quantas vidas tira, em tantas
morre.

LXVII.

Como quando em hum prado arroyo
breve
Derretidos cryſtaes disfarça em prata,
Porque o Dezembro os veſtio de neve,
Com candida traiçaõ elle os deſata:
Ou como quando occulta em cinza leve
Diſſimulada a chamma ſe dilata,
Aſſim Lydia, encoberta a dor, e a magoa,
Se prende em fogo, ſe deſata em agoa.

LXVIII.

D'alta porçaõ de ſombra ja as eſtrellas
A Alampada nocturna o paſſo abria,
Quando em favor da noite outras mais
A deſmayada Lydia deſcobria, (bellas
Sem favor eſtas, e ſem luz aquellas
Chorando eſtaõ com liquida porfia
Ver que Lydia de ſeu pezar ordene,
Que viva o corpo, porque o corpo pene.

LXIX.

Mas oh quem dirá agora o que ſentiſte,
Quando lá na alta noite em ti tornaſte,
E em teus braços achando a ſombra triſte,
Nelles menos, ó Lydia, Armido achaſte:
Quem

Quem dirá a pena, com que ó Ceo feriste, (tasta
Quem o excesso cruel, com que augmen-
Em tua voz, em teu peito, em teu alento
Fogo ao fogo, agoa á agoa; vento ao vento?

LXX.

Dize-o tu, pois que o viste, ó noite escura,
E viste profanados da fereza
Em ondas de ouro, em cãpos de brancura
Troféos de amor, despojos de belleza:
Dize-o, pois viste em Lydia a formosura,
Com que se autorizava a natureza,
Despir nas queixas, e privar nas dores
Da pompa as luzes, de lisonja as flores.

LXXI.

Dize o, pois tantas vezes repetido
Do doce amante ouviste o brando alento,
Quantas o coraçaõ partio rendido
Apoz dos éccos, que levava o vento:
Dize-o, ó noite cruel, e se o sentido
Perdeste entaõ de puro sentimento,
Se dizê-lo naõ sabes, diga-o a fama;
Mas julgue-o quem mais pena, ou quem mais ama.

LXXII.

Já em vozes de metal se despediaõ
D

Do porto amado os lenhos nadadores :
E em Lydia as dores tanto mais crefciaõ,
Quanto mais vida refervava ás dores :
Lagrimas, e fufpiros fó fe ouviaõ,
Porque do longo mar de feus rigores
Competiaõ co' as ondas, e c'os tiros
Nos olhos a agoa, o fogo nos fufpiros.

LXXIII.

Affim a Armido altamente condenando
Os defpojos gentîs do penfamento,
Porque a vida lhe leve o vento brando,
A vida Lydia entrega ao brando vento :
Até que arrebatada o mar bufcando,
Sahe a dar doce allivio a feu tormento,
Pizando entre o temor da noite fêa
Na trifte praya a folitaria arêa.

LXXIV.

Dormia o tempo, a noite repoufava,
Calava o Ceo, a terra inmudecia,
Tudo hum medrofo affombro fepultava,
Tudo hum temor efcuro confundia :
Só com Lydia, que em dor a alma largava,
Só com Lydia, que em pranto a alma rendia,
A agoa turvando, e confundindo o alento,
Chorava o mar, e fufpirava o vento.

LXXV.

Volta Lydia ſeus olhos, mas a magoa
Do auſente Armido deſcobrindo logo,
Naõ fica arêa, que naõ lave em agoa,
Naõ fica eſpuma, q̃ naõ queime em fogo:
Do peito incendios de ſoluços fragoa,
Donde fulmina amor ſeu deſaffogo,
Tornando em cinzas, á pezar do eſpanto,
Nos ſuſpiros ao vento, ao mar no pranto.

LXXVI.

Qual ſobre o verde ramo deſmayado
O leve paſſarinho embarga a vida,
Sentindo as vozes do conſorte amado
Entre as unhas crueis da ave homicida:
E o que era voz de Flora, Orfeo do prado,
Interprete de Abril, Roſa florida,
Porq̃ em divorcios vê já ſeus requebros,
Encolhe as azas, e ſuſpende os quebros.

LXXVII.

Tal Lydia, vendo já ſeu bem perdido,
Os olhos pondo ſobre as agoas, ſente
Naõ q̃ ſe auſente como ingrato Armido,
Mas q̃ ingrato a naõ ouça como auſente:
Geme, chora, ſuſpira ſem ſentido,
Até que triſte a bocca abre prudente,
Abre firme, abre morta, abre homicida
A voz á dor, ao ſentimento a vida.

Adon-

LXXVIII.

Adonde vás, cruel, ingrato, adonde?
Chorando apenas diz, e logo o alento,
Que nos éccos do vento lhe responde,
Em prantos, e ays lhe vay trocando o vento: (de
Adonde vás, Armido, ou quem te escon-
Aos extremos crueis do meu tormento?
Leva me,ingrato,as lagrimas,e as queixas
Se em deixar-me sem ti, sem mim me deixas.

LXXIX.

Quem te nega a meus olhos, doce ausente,
Quem te occulta á minha alma, ingrato amante,
Naõ he a agoa, pois corre taõ frequente,
Naõ he o vento, pois sopra taõ constante:
Oh se a agoa parando aqui a corrente,
Co' vento me escutára hum breve instante! (to,
Mas ay! naõ, que aprendendo do teu tra-
Corre a agoa livre,e foge o vento ingrato.

LXXX.

A agoa corre, mas corre presumida,
Sopra o vento, mas sopra desvelado,
Ella, porque em si leva a minha vida,

Elle, porque em si leva meu cuidado:
Mas nem a agoa te esconde, e vay sentida,
Nem o vento te occulta, e vay turbado,
Que já em teus olhos, e nos meus a magoa
Te achára em vento, ou te encontrára em
agoa.

LXXXI.

Mas, pois que as agoas correm sem
firmeza,
Pois que soprão os ventos sem constancia,
Nellas me póde ouvir tua estranheza,
Nelles te póde achar minha ignorancia:
Mas ay, que as agoas dobro na tristeza!
Mas ay, que os ventos multiplico na ancia!
E sem te achar jámais em meu desejo,
Mudanças acho, e inconstancias vejo!

LXXXII.

Essa agoa, que correndo sempre assiste,
Esse vento, que sopra, e está presente,
Só porque choro, se eterniza triste,
Porque suspiro, se repete ardente:
Oh sombra da firmeza, em que consiste
O amor, com q̃ te adoro, ingrato ausente!
Que por ser sombra só de meus pezares,
Constancia os ventos tem, firmeza os ma-
(res.

LXXXIII.

Nas agoas não te alcança o largo pran-
to,
Nem

Nem nos ventos te acha o trifte alento,
Só porque leva em faudofo encanto
Minha alma a agoa, minha vida o vento:
Mas fe alma, e vida minha foſſe, em quan-
Lifonjas me fingio teu penfamento, (to
Como foges agora (ay homicida!)
De tua alma mefma, de tua mefma vida?

LXXXIV.

Porque fufpiro, e choro hum defen-
gano
Me dás de teu rigor á vifta fua?
Foges da alma, e da vida, cruel tyranno,
Que tantas vezes já chamafte tua?
Mas como em damno meu, como em teu
damno
Tanto da parte eftás da fórte crua?
Quando padeço aufente, e morro firme,
Vás fugindo de ti, fó por fugir-me?

LXXXV.

Se á vida, e alma foges, porque dura
A tua aufencia, naõ vês que a dor preciza,
Porque mais chore, em pranto fe aſſegura,
Porque mais pene, em vento fe eterniza?
Naõ foge á morte quem a morte atura,
A dor naõ deixa a quem na dor te aviza,
Que mais morre em viver, pois fe conde-
A amar a vida por fentir a pena. (na

Oh

LXXXVI.

Oh do mayor rigor amargo eſpanto!
Oh da mais triſte pena alto tormento!
Que nas agoas naõ te ache a magoa em
pranto!
Que nos ays naõ te encontre incurſo o
vento!
Mas, como minha pena póde tanto,
Que junto em hum tormento outro tor-
mento, (goa
Para que mais fujas, faz que a minha ma-
Ajude em vento ao vẽto, em agoa a agoa.

LXXXVII.

De meus ays foge o vento á ardente
chamma, (fogo;
De meus prantos foge a agoa ao immenſo
Porque arde o vento, porque o amor ſe
inflamma
Nos prantos, e ſuſpiros de meu rogo:
Mas ſe naõ ama o vento, a agoa naõ ama,
Bem foge de meu damno o deſaffogo,
Pois pódem ſó nas lagrimas, e alentos
Queimar-ſe as agoas, e abrazar-ſe os ven-
tos.

LXXXVIII.

A quanto chega, ingrato, o que te ado-
ro,

Pois

Pois juntando hum veneno a outro vene-
no,
Vence o mar, que navegas, no que choro,
Vence o fogo, que finges, no que peno!
E com ter o que peno tal decoro,
Que hum mar abraza no menor aceno,
Inda nos prantos,e ays,que aqui derramo,
Vence ao fogo, em que peno, o fogo,
em que amo.

LXXXIX.

Mas fuja o vento, e roube meu socego,
Ausente-se a agoa, e leve meu cuidado,
Pois que por agoa goza tanto emprego,
Pois que por vento logra tanto estado.
Mas oh de minha sórte engano cego!
Que inda desfeito em agoa,e vento o fado
Me naõ deixa gozar o que sem magoa
Logra o vento por vento,a agoa por agoa.

XC.

A agoa fuja, e retrate em si a presteza,
Sopre o vẽto,e eternize em si a mudança,
Fuja, e roube meu bem na ligeireza,
Sopre, e leve minha alma na esquivança:
Verá o mundo qual he tua firmeza,
Verá o mundo qual foy minha esperança;
Pois rouba, e leva com turbado alento
A agoa tua fé, minha esperança o vento!

Mas

XCI.

Mas ay ! ſuſpenda o vento o curſo errante,
A agoa detenha a liquida corrente,
Se te ſegue, e naõ te ha de ſer conſtante;
Se te buſca, e naõ te ha de ſer preſente:
Que he pouco hum mar, em quem padece amante,
Hum vento he pouco, em quem ſuſpira auſente,
Digaõ-no, ſem ſer muitos, os pezares,
Se dobro os ventos, ſe repito os mares.

XCII.

Mas corra o vento, mas apreſſe-ſe a agoa,
Fará na agoa, e no vento deſaffogo,
Quanto naõ póde ſuſpirando a magoa,
Quanto naõ póde padecendo o rogo:
E pois na agoa, e no vento incendios fragoa,
Partindo o coraçaõ envolto em fogo,
Atreva-ſe a eſſas náos, deixando nellas
Em cinzas troncos, e em carvaõ as vélas.

XCIII.

Mas a minha triſteza póde tanto,
Que recevo, a pezar do ſoffrimento,
Que ajude os troncos a nadar no pranto,

Que

Que ajude as vélas a fugir no vento,
Diga o tormento, mas admire o espanto,
Que em mim póde o amor mais que o tormento,
Pois chega a desejar, inda em teu trato,
Por ser mais firme, seres mais ingrato.

XCIV.

Foge, tyranno, que o fugir ousado
De quem n'alma te guarda, onde te tinha,
Fructo he da pena, mas rigor do fado,
Mudança tua, mas firmeza minha:
Castigando-me a mim, vás castigado,
Que o ser teu mesmo algoz assim convinha,
Pois jámais pagarás, em dor taõ crua,
Com menos pena, que naõ for a tua.

XCV.

A ambos o vento, e agoa nos reparte,
Mas es tu taõ cruel, como eu sou firme;
Pois quando a mim me deixo por buscarte,
Tu ingrato a ti te deixas por fugir-me:
A alma me levas, que contigo parte;
Mas naõ he muito, naõ, de mim partir-me,
Que como já a teu gosto me accommodo,
Contigo fujo, porque fujas todo.

Quan-

XCVI.

Quando apagas teu fogo em vento, e agoa,
Para que naõ se apague o que sustento,
Choro, e suspiro, porque a viva fragoa
De meu peito a agoa usurpe, e abraze o vento:
Mas oh de minha sórte injusta magoa!
Oh de teu fogo ingrato soffrimento!
Que só porque se dobrem meus pezares,
Póde contigo hum mar mais que dous mares.

XCVII.

Fuja, leve muito embora a agoa a chamma,
Se alguma occultou teu peito forte,
Que se o teu peito só meu peito infláma;
A' agoa, e vento lhe agradeço a sórte:
Olha ingrato, inda ausente, quanto te ama (
Meu coraçaõ, que, com custar-lhe a mor-
Tuas ingratidoens, segue teu trato,
Por te ver mais amante, ou mais ingrato.

XCVIII.

Mas temo que nas ondas, e em meu peito (pondas,
C'um extremo a outro extremo conresf-

Tem-

Temperando os ardîs em teu ſujeito
O ardor do peito no cryſtal das ondas!
Vivirá meu cuidado ſatisfeito
Quando a hum tempo appareças, e te eſcondas, (go,
Sendo lá a teus cryſtaes, ou cá a meu ro-
Sol ſempre em ondas, Feniz ſempre em fogo.

XCIX.

Se em ver o mar, e vento eſſa belleza,
Soube tomar a ſeu favor bonança,
Sequer agradecida a tal braveza,
Mar, e vento em ti mude a eſquivança:
Mas ay! ſey que te eſqueces da nobreza,
Por te eſquecer de amor, que em mim te cança,
Quando ſequer tomára por partido,
Por ver-te nobre, ver-te agradecido.

C.

Mas, ó troncos crueis, ó ingratas vélas,
Paray na agoa, e no vento o curſo forte,
Por ventura que a quem com taes cauté-
Offende a vida, liſongea a morte: (las
Mas ay! que haõ decretado já as eſtrellas,
Que o meſmo, que aborrece minha ſórte,
Me dê morte, por ter-me aborrecida,
Sem ſaber quando he morte, ou quando he vida.

Pa-

CI.

Paray, digo outra vez, a minhas ma-
goas, (tos,
Efcutay por hum pouco a meus tormen-
Logo meus olhos vos daraõ mais agoas,
Logo minha alma vos dará mais ventos,
E inda que vos pareçaõ vivas fragoas,
Oh! naõ deixeis de ouvir meus fentimen-
Porque troncos, e vélas fem fentido (tos;
Seguros vaõ, pois vay feguro Armido.

CII.

Mas he tanta a dureza, com que infama
Armido o peito feu, que a ouvir meu rogo
Primeiro as vélas fentiráõ a chamma,
Primeiro os troncos arderáõ no fogo:
Oh nunca ouvida pena de quem ama!
Que abale mais a hum tronco o defaffogo
Dos fufpiros, e prantos, que dilato,
Que a hum coraçaõ cruel, que a hum
peito ingrato!

CIII.

Paray com tudo a ouvir-me efpaço
breve,
Que em fim tanto temor já vos affea,
E quem prefidios tem de occulta neve,
Em fi alentos de fogo em vaõ recêa:
Paray, que quem de Armido a ver fe atreve

Os

Os olhos livres, onde amor ſe atêa,
Sem confeſſar em cinzas, que ſe inflâma,
Que teme o fogo,ou que recêa a chamma.

CIV.

Paray,q̃ quando eu os via, e os gozava,
Taõ livre de outro fogo me ſentia,
Que todo o ardor por neve reputava,
Porque arder em ſeu fogo ſó ſabia:
Porèm ſe reſiſtindo á ſórte brava
De ſuas chammas rompeis a ardente via,
Naõ temais, naõ, que eu crea q̃ naõ poſſa
Prender meu fogo na dureza voſſa.

CV.

Porèm fugî, fugî, donde eſſe ingrato
Em agoa, e fogo expire, como expiro;
Pois que o naõ rende o pranto, q̃ delato,
Pois que o naõ vence o fogo, que ſuſpiro:
Porèm ſeguro irá do falſo trato,
Que ſaudoſa padeço em ſeu retiro;
Naõ morrerá, q̃ a morte em ſeus rigores
Gaſtou as penas, e eſgotou as dores.

CVI.

Partî contentes, e partî ditoſos,
Partî ſeguros de qualquer perigo,
Porque em quanto houver prantos, e ays choroſos
As tempeſtades viviràõ commigo:

Se-

Será allivio a meus olhos laſtimoſos
Ver que por voſſo bem meu mal proſigo;
Pois vos eſcuſo, na ancia, que ſuſtento,
As furias d'agoa, as coleras do vento.

CVII.

Parti, que na agoa, e vento, em que me exhalo,
Para laſtro meu peito vos ſeguro,
Se he bronze no que ſoffro, e no q̃ calo,
Se he pedra no que paſſo, e no que aturo:
Mas naõ, que outro levais, q̃ a todo abalo
Mais he que pedra firme, ou bronze duro;
Diga-o pois, q̃ o naõ move em ſeu retiro
A agoa, que chóro, o vento, que ſuſpiro.

CVIII.

Seguros ides para tanto effeito,
Mas olhay naõ vos falte a vigilancia,
Que inda que pedra, e bronze acheis ſeu peito,
Na dureza o ſerá, naõ na conſtancia:
Mas poderá ſupprir em ſeu ſujeito,
Por firme, effeitos taes a voſſa inſtancia,
Se houver neſſa dureza de affligir me,
Que he muito o que cruel ſabe ſer firme.

CIX.

Seguir-vos-ha minha alma com ſeu rogo,

Já em foluços desfeita, já em fufpiros,
Unindo o vento, miniftrando o fogo
A voffas vélas, como a voffos tiros:
Poderá fer, que em fim meu defaffogo
Lifongee effe ingrato em feus retiros,
Que pois me mataõ, lhe daraõ contento
O coraçaõ no fogo, a alma no vento.

CX.

Mas, fe a alma trifte, o coraçaõ turbado
Sentir nos tiros, e encontrar nas vélas,
Como poderá fer que desvelado
Naõ fuja deftes, e naõ deixe aquellas!
Entaõ nas triftes ancias do meu fado
Vos verey, a pezar de outras cautélas;
Salvo fe conhecer que em vós fe preza
De igual voffa dureza a tal dureza.

CXI.

Mas ó tu, mais cruel que ondas, e ventos,
Pois quando elles á vifta de meus dãnos
Sujeitaõ a teu gofto feus alentos,
Tu foges a meu gofto em teus enganos:
Oh fe puderaõ já meus fentimentos
Em meus braços achar os defenganos,
Ou dando a vida á vida, ou morte á morte,
Que ditofa que fora minha fórte!

Olha,

CXII.

Olha, ingrato, se padecer desejo,
Que por ter-me aos pezares repetida,
Perco a vida na parte, em que os invejo,
E na parte, em que os sinto, perco a vida!
Mas ay, que em minha dor nova dor vejo,
Quando vejo na dor desta partida,
Que, sendo na alma a dor menor que a chamma;
Se occupa no que pena, naõ no que ama!

CXIII.

Mas quem crer poderá o desengano
De que fiquey sem ti, se estou commigo?
Naõ te partiste, naõ, que por teu damno
Era força partir tambem contigo:
Mas naõ; porque me basta o duro engano,
De que em meu peito estás, doce inimigo;
Para que, inda assistindo á menor parte,
Me naõ saiba deixar, por naõ deixar-te!

CXIV.

Olha, ausente cruel, como já corro
A ter-te ausente, sem sentir-te esquivo,
Que se na falta dessa vista morro,
Tambem no engano dessa sombra vivo:
Alèm de tanta offensa, que discorro,
Na tua vista sabe compassivo (pensa
Ser mais o mal, e bem, que em mim dif-

Da

Da sombra o engano, q̃ da vista a offensa.

CXV.

Mas naõ, que duplicando meu desgosto,
Eu mesma em minhas penas solicito
O ultimo extremo de morrer com gosto,
Ou de morrer com gosto resuscito:
Ou ja a tanta morte vive exposto
Meu coraçaõ, que a morte, que repito,
Como a vida naõ acha, obra desórte,
Que se naõ mata a vida, mata a morte.

CXVI.

De tanta pena desengana a sórte,
Vendo no alto rigor desta partida,
Que se naõ chega a ausencia a dar-me a
morte,
He porque a sombra tua me dá vida:
Jámais aquella acabará por sorte,
O que esta ha de durar por repetida:
Mas o prodigio, que meu peito assombra,
He a vista matar, e animar a sombra.

CXVII.

Vivo penando, e vivo de matar-me,
Porque a vida naõ perco na partida,
Mas se a vida naõ póde o amor tirar me,
Como poderá a dor tirar-me a vida?
Olha quanto hey chegado a atormentar-
me,

Que vivendo, e morrendo desvalida,
Ainda naõ sabe meu tormento esquivo
O modo porque morro, ou porque vivo.

CXVIII.

Mas ay de mim, que ausente de quem
amo,
Como acharey allivio a meu tormento,
Se até as queixas,e ays,que aqui derramo,
Trunca a voz, rompe o ar, confunde o
vento!
Receba-me, a pezar do que me inflâmo,
O centro vil deste humido elemento;
Mas naõ, que dirá amor que he injusta
magoa,
Que o q̃ nasceo em fogo açabe em agoa.

CXIX.

As sombras tristes em meu pranto in-
voco,
As ondas leves com meu rogo inflammo,
Com meus soluços as estrellas toco,
Com meus suspiros os penhascos chamo,
Os Ceos, ingrato, com razoens provoco,
As arêas com lastimas infamo, (alhêas,
Mas ay! que as ancias me ouvem como
Sombras, ondas, penhascos, Ceos, arêas.

CXX.

O' tu, que a minhas vozes te retiras,
Fa-

Fazendo em mim de teu furor enſayos,
Armem-ſe contra ti no vento as iras,
No mar as ondas, na campanha os rayos:
O porto amado, porque tanto aſpiras,
Te cuſte a vida com taõ crueis deſmayos,
Que pareça que nelle a teu reſpeito
Teu meſmo peito eſtá contra teu peito.

CXXI.

Deſpoje-te da minha liberdade,
Porque a gozes ingrato com deſconto,
De eſtrangeiros piratas a crueldade
Na Lybia ardente, e no gelado Ponto:
Occupe-ſe a mayor ferocidade
Em desfazer teu coraçaõ n'um ponto;
Porque nem inda tenhas deſſa ſorte
Para allivio da tua a minha morte.

CXXII.

Mas naõ: no brando Ceo, n'agoa ſerena
Tenha ſocego o vento, o mar bonança,
Que ſe dura em tua vida minha pena,
Nella dura tambem minha eſperança:
Goza o porto, cruel, que amor ordena
Iguale a crueldade á eſquivança,
Que á viſta do rigor de ter te vivo,
Eu ſerey mais crüel, tu mais eſquivo.

CXXIII.

Mas vós, Ceos, cujas luzes veſte o dia,

Vós, mar, cujos cryſtaes encreſpa o vento,
Sede, pois que de vós meu bem ſe fia,
Teſtimunhas aqui de meu tormento:
Ouvi deſtes ſuſpiros a porfia,
Notay deſtes deſdens o ſoffrimento,
Mas como os notareis, tendo eſſe ingrato
Se a belleza no Ceo, no mar o trato?

CXXIV.

Mas ſe guardais de Armido a formoſura,
Mas ſe de Armido tendes a inconſtancia,
Naõ me admiro que falte já a brandura
Em voſſo extremo para ouvir minha an-
Só me admira que vivaõ na figura (cia:
Deſſe cruel meus males com conſtancia,
Quando triſtes ſeus numeros, e idéas,
Conto eſtrellas no Ceo, no mar arêas.

CXXV.

Ceos, eſtrellas, penhaſcos, ondas, ventos,
Que retratais meu bem, que ouvîs meu
damno,
Doey-vos do rigor de meus tormentos,
Sequer co' a imagem ſó de hum doce en-
gano:
Para penar day vida a meus alentos,
Imitareis ao vivo eſſe tyranno;
Que pois ſeu goſto minha morte ordena,
Em mim quem menos morre, he quem
mais pena.

Mas

CXXVI.

Mas ay, que', se a pezar desta fineza,
Buscas, ingrato, em mim melhor victoria,
Ves aqui, que me mata já a dureza
Das ancias tristes, da passada gloria:
Porèm mate-me embora essa fereza,
Que amor renovará minha memoria,
Vendo que no rigor, que me condena,
Busco mais vida por soffrer mais pena.

CXXVII.

Recebe já, cruel, a vida minha,
Meu coraçaõ recebe, amado ingrato;
Pois quanto á dura morte mais visinha
Dilato a vida, teu pezar dilato:
Naõ sinto o morrer, naõ, que assim convinha
Que fosse o fructo de adorar teu trato,
Sinto sim que eras meu, e que sem ver-te
Perdendo a vida, (ay triste!) hey de perder-te!

CXXVIII.

Eu morro, ingrato meu, e morro ausente, (to,
(Diz Lydia) e já turbado o brando alen-
Entre suspiros tristes docemente (to:
Rompe o Ceo, move o ar, abranda o ven-
Morro, (torna a dizer) morro contente,
Por-

Porque me mata esse rigor violento,
De que vás, mas aqui já sem sentido;
Indo a dizer armado, disse Armido.

CXXIX.

Cahe em fim de repente, a voz turbada;
A cor defunta, o gesto amortecido,
A neve de seu rosto desmayada,
Já o nacar da bocca desmentido,
A alma dos movimentos toda atada,
O brio dás acçoens todo perdido,
Sómente de seu rosto a cor serena
Dá mostras do que vive no que pena.

CXXX.

Qual em cinzas de purpura olorosa,
De si mesma bellissima sangria,
Em fragrancias mortaes espira a rosa
Da doença de hum Sol, do mal de hum dia:
E em desmayos de nacar lastimosa
Alentos de ambar rouba a pompa fria,
Despedindo no ardor de seu thesouro
Por bocca de carmim suspiros d'ouro:

CXXXI.

Tal Lydia desmayada, tal sem vida,
A's leys de seu tormento naõ resiste,
Nella vendo a tristeza taõ valida,
Deseja a formosura de ser triste:

A mor-

A morte está turbada, está corrida
De ver quaõ bella, quaõ formosa assiste;
Quando em seu rosto a dous troféos ufana
Mata por bella, e mata por tyranna.

CXXXII.

Oh flor de pompa illustre despojada!
Oh Ceo da sombra escura desmentido!
Oh rosa em seus ardores desmayada!
Oh arroyo em seus crystaes escurecido!
Oh posto Sol de amor! Oh lastimada!
Oh triste Lydia, que rigor ha sido
O que pode eclypsar essas estrellas,
Bellas com luzes, e sem luzes bellas!

CXXXIII.

Que pena se atreveo ao Ceo brilhante
Desse rosto gentil, onde a ventura,
Dando as mãos ao discreto, e ao galante,
Pazes fez entre a sórte, e formosura?
Quem desmayou o Sol, quem desse Athlante
Rendeo a neve, reclinou a altura?
Oh tyranna pensaõ de hum pensamento,
Porque se chama amor, o que he tormento!

CXXXIV.

Amava Lydia, por isso se aventura,
Rompendo os privilegios da belleza,
Por-

Porque a dor, que no aggravo está segura,
Menos deve ao descuido, que á firmeza;
Sobeja em Lydia amor, falta a ventura,
Nella a morte he rigor, mas he fineza,
Pois morre só por fé de achar rendida
Para mais largo amor mais larga vida.

CXXXV.

Formosura gentil, que tanto amaste,
Que por amar sem vida a vida déste,
E tanto por teu bem te desvelaste,
Que perdido teu bem, tu te perdeste:
Esse amor, de que tanto te pagaste,
Esse amor, a quem firme obedeceste,
No templo te eterniza já da fama,
Onde sempre bem vive quem bem ama.

SAU-

SAUDADES
DE
LYDIA, E ARMIDO.

Pelo Doutor
ANTONIO BARBOZA BACELAR.

I.

JA' da horriſona tuba o repetido
Clamor formava a bellica harmonia,
E incitando ao militar ruído,
Já cada qual inquieto ſe partia:
Lydia ſó encoſtada ao bello Armido
Porfia em deſpedir-ſe, e em vaõ porfia;
Porque enlaçando as queixas c'os abraços
A dor lhe prende a voz, amor os braços.

II.

Era o tempo, em que o claro Firmamento,
Emmaſcára da noite o negro manto:
Entre os braços da ſombra eſtava o vento
Prezo menos do ſomno, que do eſpanto:
Naõ rompia o ſilencio humano acento.

Mais

Mais que da tuba o ſom, de Lydia o pran-
E com murmureo flebil, e ſombrio, (to,
Ou ajudava, ou murmurava o rio.

III.

Em fim, Lydia começa deſmayada:
Ah! já chega, doce Armido, a hora;
Mas à voz já no meyo articulada
Truncou-ſe parte dentro, parte fóra:
Lá fez écco no peito reprezada,
Ouve-a Armido, que no peito mora,
E a trombeta outra vez enfurecida
Chama em Armido o esforço, em Lydia
a vida.

IV.

Deſperta Lydia ao ſom, e acceſa em
Pede todo o valor ao ſoffrimento, (fogo
Torna a ſoltar a voz, mas pára logo,
Ou co' a preſſa, ou co' a furia, ou co'
tormento:
E com pranto, com laſtima, com rogo
Pede attençaõ por premio ao ſentimento:
Ouve-a Armido cruel, que naõ recêa,
Valor, que Ulyſſes he, voz de Serêa.

V.

Em fim, partes-te, Armido! Em fim
ſe parte
De meus olhos a luz, do peito a vida!

Em

Em fim, trocas, cruel, amor por Marte!
Deixas-me em fim a vida repartida!
Naõ me leves, tyranno, huma só parte,
Leva estoutra, que sendo dividida,
Fica de balde, já que amor ordena,
Que em vez da vida me alimente a pena.

VI.

Se armado de duas vidas o inimigo
Te vir posto em campanha denodado,
Temerá certo contender contigo,
E terá este allivio meu cuidado:
Temerey muito menos teu perigo,
Se te vir de duas vidas animado;
Mas com tanto, que á bála mais visinha
Trates de offereçer primeiro a minha.

VII.

Leva-a contigo pois, que vàs seguro,
Por mais que o Castelhano bálas chova,
Que se soffrido tem teu desdem duro,
Bem tem qualificado que he de prova:
Que escudo, ou peito, que trincheira, ou muro
Poderà rebater a furia nova,
Com que amor hoje a offende, e se reba- (te?
Leva-a contigo, e entra no combate.

VIII.

Se te obriga o valor, a que tyranno
Fu-

Fugindo a huma alma, que em teus olhos
mora,
No peito do soberbo Castelhano
Vàs esconder a espada vencedora:
Menos valor he dar a hum peito insano
Morte, que vida a hũa alma, que te adora:
Vàs introduzir guerra a estranha terra,
E deixas quem te adora em vìva guerra?

IX.

Oh quantas vezes me juraste activo
Que antes atraz o Tejo tornaria,
Que pudesse jàmais Armido esquivo
Sem os olhos de Lydia ver o dia?
Torna atraz, doce Tejo fugitivo,
Que jà Armido de Lydia se desvia:
Torna atraz, lisongea a minha queixa;
Torna atraz, que ja Armido a Lydia deixa.

X.

Mas ainda que exprimento a dura au-
sencia; (mo,
Me persegue o discurso em tanto extre-
Que mais choro o receyo, que a expe-
riencia,
Menos sinto o que passo, que o que temo;
Temo do Castelhano a resistencia,
A cada nome do inimigo tremo,
Oh que infeliz estado amor me ordena,
On-

Onde he a ſaudade a menor pena !

XI.

De hum amoroſo medo convocado
Se remonta o diſcurſo fugitivo ,
Quanto encerra poſſivel triſte o fado ,
Tanto futuro moſtra o diſcurſivo :
Detem , ó Iberio vil , o ferro ouſado ,
Naõ toques deſte peito o marmor vivo ;
Que ha muitas vidas a eſſe peito unidas ,
Naõ tires de hum ſó golpe tantas vidas.

XII.

Mas oh loucura vãa ! oh amante erro !
Naõ tens, naõ, que temer o Marcio jogo,
Porq̃ naõ póde entrar n'um peito o ferro,
Onde naõ póde entrar de amor o fogo :
Ja desde agora meu temor deſterro ,
Que naõ reſiſte o ferro a hum brando rogo ;
E pois deixas meu rogo ſem effeito ,
Reſiſtir pódes tudo com teu peito.

XIII.

Naõ convem ao florido de teus annos
Mais que de amor a doce ſuavidade ,
Da antiga Patria reparar os damnos,
Cuidado he juſto da mayor idade ;
Oh ! deixa , Armido , deixa os vãos enganos ,

Que

Que te mostra o verdor da mocidade,
Naõ es inda capaz da gurra dura,
Salvo aonde for arma a formosura.

XIV.

E se tomas a guerra por motivo
De me deixar sem parecer ingrato,
Deixa-me antes por outra fugitivo,
Que eu te remitto a culpa de barato:
Em quanto te eu tiver seguro, e vivo,
Prometto naõ chorar teu falso trato,
Escusa-me a partida, e os temores,
E eu serey a terceira em teus amores.

XV.

Eu farey com que logres teu cuidado,
Sem te mostrar nem longes de desgosto,
Que tenho já commigo decretado,
Que naõ me cause pena o q̃ he teu gosto:
Eu obrarey desórte, que obrigado
Vejas seu peito a teu querer disposto;
Sempre fará meu rogo algum effeito,
Se seu peito naõ for como o teu peito.

XVI.

Se he odio, e taõ sómente me aborreces
Pelo delicto de querer-te muito,
Se te offendem meus ays, que muitas vezes
Se colhe das finezas este fructo,
Eu

Eu me irey para hum monte, onde ás vezes (to;
Conte meus males a hum penhasco bru-
Naõ seja o odio, naõ, teu homicida;
Naõ valho eu tanto, que te custe a vida.

XVII.

Se assegurada em teu valor a espada
Naõ teme do inimigo a bizarria,
Agora na Canicula abrazada
Queima o ar, arde o Sol, e ferve o dia:
Poderás na campanha, e na estacada
Mostrar contra o Iberio valentia;
Mas mal teu rosto contra o Sol se atreve,
Que em fim he Sol, quando teu rosto he neve.

XVIII.

Em quanto ferve o Sol, e em quanto la-
Esse celeste Caõ do Firmamento, (te
Em quanto o ar os rayos naõ rebate,
Suspende da partida o pensamento:
Naõ se acaba a batalha n'um combate,
Inda terás quinhaõ no vencimento;
Já naõ peço que escuses a partida,
Peço hum espaço a troco de huma vida.

XIX.

Em fim, se he força que te partas logo
Por ganhar na victoria inteira a palma,

Que

Que me leves contigo só te rogo,
Pequena carga te fará huma alma:
Temperaràs hum fogo em outro fogo,
Passaràs huma calma em outra calma;
Causaràõ minhas lagrimas contigo
Brandura ao Sol, piedade ao inimigo.

XX.

Valor tenho tambem para ajudar-te,
Que naõ implica o esforço com brandura,
Que depois que tratou Venus com Marte,
Tambem de armas entende a formosura:
Teràs victorias sempre em toda a parte,
Huma de amor, e muitas da ventura,
Vencendo ayroso em duplicada palma
Muitos corpos no campo, em casa huma alma.

XXI.

Se acaso do inimigo o ousado braço
Tingir em sangue de teu peito a neve,
Tu veràs como em pranto me desfaço,
E com ella te lavo o sangue leve:
Farey de meus cabellos fino laço,
Que sirva de atadura à chaga breve,
E enxugaremos ambos entretanto
Ao tempo que eu teu sangue, tu meu pranto.

XXII.

Tu me verás briosa na campanha,
Porque contigo a nada me acobardo,
Será tua tambem toda a façanha,
Que obrar valente meu amor galhardo:
Sempre o amor de esforço se acompanha,
Arderey de valor, se de amor ardo;
Causará meu valor mortaes desmayos,
Que he filho o deos do amor do deos dos
rayos.

XXIII.

Ah! se te ameaçar a arma homicida,
Me interporey veloz, armada, ou núa,
E partida em dous peitos a ferida
Será em qualquer delles menos crua:
Teremos huma morte, ou huma vida,
E qualquer poderá chamar-lhe sua;
E alcançaremos ambos desta sórte,
Se nos unia amor, nos una a morte.

XXIV.

Mas que digo, que a morte menos dura
Será, se entre nós ambos for partida?
Delirio, pois naõ póde ter brandura,
Por mais que em nós se veja dividida:
Antes assim mais fêa se affigura,
Mais dura, mais cruel, mais homicida;
Pois se junta huma vida só nos mata,

Partida a duas vidas desbarata.

XXV.

Se te obriga a nobreza a que arrojado
Naõ temas dos combates o perigo;
Se te partes sómente por honrado,
Força será que eu vá tambem contigo:
Naõ vás todo, se eu fico, que animado
Fica outro Armido, a teu pezar, cõmigo;
E eu, que já a teu gosto me accommodo,
Temo que digaõ, que naõ foste todo.

XXVI.

Se brioso pertendes vencimento
Do feroz, atrevido, e forte Ibéro,
Ou se intentas mostrar teu grande alento,
Resistindo ao inimigo irado, e fero,
Consente-me te vá no seguimento,
Que só assim triunfante ver-te espero;
Bastará, se he que me amas, minha vista
Para dar-te a victoria na conquista.

XXVII.

Pois meus rogos desprezas inclemente,
Engendrou te do Caucaso a dureza?
De algum robusto tronco es descendente,
De quem trazes no duro a natureza?
Parte-te pois, que eu morrerey ausente
Antes que acabes felizmente a empreza,
E para te ser facil a conquista

Ba-

Basta que obre a espada o que obra a vista.

XXVIII.

Mas ah! detem-te, Armido, que enganado
Vás entregar troféos ao adversario,
Naõ sejas, naõ, meu bem, precipitado,
Porque naõ he valor ser temerario:
Se queres o inimigo avassallado
Naõ vás á guerra, deixa o teu contrario;
Porque se este lograr da tua vista,
Naõ perderá a vida na conquista.

XXIX.

Mata-o antes, Armido, co' ausencia,
Que será para elle o mór tormento,
Usa commigo, Armido, de clemencia,
Naõ desafies, naõ, meu sentimento:
E será, se naõ partes, tua assistencia
Da vida, e morte o unico instrumento;
Matarás, assistindo-me, o inimigo,
E vida me darás, se estás commigo.

XXX.

Aqui chegava Lydia, e destillando
Em diluvios de fogo incendios d'agoa,
Aos olhos communica em licor brando
O fogo, que exhalava a ardente fragoa:
Armido a attendeo mudo, e disfarçando
Com externa alegria a interna magoa,

As lagrimas lhe alimpa, o rosto toca;
Bebe aos olhos o pranto, os ays á bocca.

XXXI.

Lydia, lhe diz, eu parto, mas desórte,
Que já naõ tenho que temer perigo,
Pois se esta ausencia me naõ causa a mor-
Naõ temo que ma cause o inimigo: (te,
Em teu nome guerreiro, altivo, e forte
Parto sem mim, e parto só contigo:
Deixa por hora o medo satisfeito,
Que vay seguro, pois te leva, o peito.

XXXII.

Quem haverá, que possa maltratá-lo,
Se lhe assiste em defeza huma deidade?
Naõ me custa o Iberio algum abálo,
Temo-me, Lydia, só da saudade:
Faltar-me de teus olhos o regálo
He a mayor, que temo, adversidade;
Se matar me naõ queres entretanto,
Detem as queixas, e suspende o pranto.

XXXIII.

Naõ temo, Lydia, o Sol, inda que queime,
Nem o ardor da Canicula incendido:
Que quem vive em dous sóes, hum Sol naõ teme,
E bem vês que em teus olhos hey vivido:

Se

Se com ardores a cigarra geme,
Naõ recêa este ardor o forte Armido,
Que se em fogo de amor vivo abrazado,
Ando a mayores calmas costumado.

XXXIV.

Vou merecer-te á guerra, porque agora
Infame he a paz a quem nasceo honrado,
E grande mancha fora em quem te adora
Descançar em teus braços infamado;
Delicto, ó Lydia, irreverente fora
Merecer com affrontas teu cuidado;
Meu amor desta guerra ha de ser fruito,
Que o que val muito, sempre custa muito.

XXXV.

Naõ temas, Lydia, a morte na partida,
Nem dês lugar no peito a taes temores,
Eu te asseguro com certeza a vida,
Naõ faças caso, naõ, de seus rigores:
Esta, que agora faço, despedida,
De tua vida te dá certos penhores;
Porque se eu estou seguro lá comtigo,
Tu ficarás segura aqui commigo.

XXXVI.

Naõ temo os golpes, naõ, que se occupado
Das frechas de teus olhos homicidas,
Trago o peito em feridas traspassado,

Naõ

Naõ tenho onde me caibaõ mais feridas:
Só peço, Lydia... Más aqui salteado
Da trombeta em cadencias repetidas,
Deixa o discurso, interrompendo-o o brio,
E entra em guerra o valor co' alvedrio.

XXXVII.

Luta em Armido o esforço co' a brandura;
Contende com o affecto a bizarria;
Mas esta vez foy traça da ventura,
Que quando cede amor à valentia,
Ja naõ tem privilegio a formosura:
De balde Lydia em lagrimas porfia;
Porque o valor com avisos prevenidos
Mandou prender os olhos, e os ouvidos.

XXXVIII.

Parte-se Armido, fica Lydia: Oh quanto
Fogo Lydia exhalou da interna fragoa!
Acompanha-lhe os passos com o pranto,
Quer-lhe estorvar a fuga c'hum mar d'agoa:
Desapparece Armido, e Lydia tanto
Se deixou penetrar da aguda magoa,
Que entregue em fim à dor, e à dor rendida
Lhe embargou hum desmayo o fim da vida.

Oh

XXXIX.

Oh Lydia trifte, oh Lydia desgraçada!
Quem te differa, Lydia, n'alguma hora,
Que havias de chorar-te assim deixada
De quem, sendo cruel, diz que te adora!
Chora, Lydia formosa, e sepultada
Em diluvios de pranto trifte chora,
E se se ouve a voz n'algum gemido,
As suas vozes saõ: Armido, Armido.

XL.

Oh, que dirias Lydia, quando abrifte
A vez primeira os olhos muda, e fria,
Quando te vifte sem Armido, e vifte
Mudo o ar, cego o Sol, ausente o dia!
Encarecer as penas, que sentifte,
Só do silencio minha Musa o fia,
Que em taõ grande pezar a Musa ordena
Que obre o discurso, naõ escreva a penna.

EPI-

EPITAFIO
NA SEPULTURA
DE LYDIA,

POR HUM ANONYMO.

SONETO.

Essa, que vês, errante peregrino,
Urna funesta em marmore erigida,
He sepulchro horroroso de huma vida
Morta às mãos ou da Parca, ou do destino:
  Foy-lhe mortal doença o amor mais fino,
O querer bem lhe foy féro homicida;
Se fosse, como quiz, taõ bem querida,
O tempo contaria Nestorino:
  Lydia jaz aqui, Lydia desgraçada,
Lydia, aquelle de amor raro portento.
Mas ah! naõ cuides, naõ, que sepultada
  Entre as cinzas está do esquecimento:
Està viva Lydia, ainda que enterrada,
Que inda em seu peito amor infunde alento.

A' VAI-

A' VAIDADE DO MUNDO.

TERCETOS MORAES.

Por

FRANCISCO DE VASCONCELLOS
Coutinho.

FAbio neste dos Seculos abrigo,
Extasis reverente da vaidade,
Antidoto da dor, da ancia jazigo.
Nos hermos desta muda soledade
Segundo domicilio das auroras,
Oraculo primeiro da verdade:
Venerando os harpoens, passando as horas,
Faço nestas reliquias do que hey sido
Dos symptomas da dor, da alma as melhoras.
Pois conheço em meus damnos advertido,
Que saõ justos castigos da verdura
Estes impios venenos de Cupido.
Que ja como tropeço da ventura,
Nos lustres do esplendor dourando as fezes,
He

He contagio da sórte a formosura.
Pois nos herpes da magoa tantas vezes
As que em brindes de gosto eraõ affagos,
Das violencias do fado saõ revezes.
Digaõ-no em mudas cinzas os Carthagos,
Onde foraõ nos braços das Elenas
As ternuras subornos dos estragos.
Pois ao pezar, ao gosto, á dita, ás penas,
Tecendo as almas victimas nos braços,
Eraõ cinzas os marmores nos Ethnas.
E juntando as delicias, e fracaços
Prestava ao mesmo tempo o fado summo
Ternuras ao desejo, á dor pedaços.
Unindo o amor, e o odio em tal resumo
Em carceres de luz, settas de rayos,
Sobre Olympos de fogo Egeos de fumo.
Porèm fique-se Troya entre os desmayos,
Olhemos cada tronco derrubado,
Dos Dezembros ludibrio, alma dos Mayos.
Pois cadaver no bosque amortalhado,
Caveira da floresta, urna de Flora,
Epitafio de Abril, tumba do Prado,
Nos mostra que de amor despojo fora,
Pois

Pois lhe deraõ a terra os brancos ossos,
Hum vento amante, hũa hera aduladora.
Tendo de ambos em mizeros sobroços,
Nos abraços das heras as ruinas,
E nos sopros do Zefiro os destroços.
Descem do risco as agoas crystallinas
Em crystal, que em tremuras se desata,
A requestar as flores, e as boninas.
E apenas dos ardores se arrebata,
Quando no barro turvos os candores
Naõ saõ mais que cadaveres de prata.
Garfo apenas da casa dos amores
Nasce no campo a rosa, que Alva molha,
Ja confundindo a Venus, e os ardores;
Quando adverte logo quem as olha
De amor huma reliquia em cada vêa,
Da morte hum epitafio em cada folha.
Pois se amor nos imperios de Amalthea
Deixa, roubando ao bosque as maravilhas,
Secca a planta, a flor murcha, a planta fêa:
Se as librés, se os arminhos, se as mantilhas
Desluzidas, impuras, e abrazadas
Saõ mortalhas, saõ sombras, saõ pastilhas:
Que muito essas de fogo armas hervadas,

Sen-

Sendo aos sentidos remoras brilhantes,
Sejaõ do gosto pirolas douradas!
Ardem no golfo os liquidos diamantes,
Sentem na esphera os tremulos zafiros,
E amaõ no abysmo os barbaros gigantes.
Pois em Jove, Plutaõ, Neptuno os tiros
De amor fazem render-lhe aos seus impe-
rios
Pranto o mar, ays o centro, o ar suspiros.
Os Tarquinos, os Numas, e os Tiberios
Foraõ alvos de igniferos cartazes,
Sendo rayos de entre ambos emisferios.
Hum Alcides, hum Cesar, que vorazes
Padroens lhes faz a fama em cada bocca
O firmamento throno, os pólos bazes:
Abrazados de amor na chamma louca
Infamando do braço altas idéas,
Fazem settas do fuzo, armas da roca.
Choraõ-se Didos, Fedras, e Medéas
Vendo no mar, no zefiro, nas prayas
Fugir Jazoens, Hyppolitos, e Enêas.
E tocando da sórte ultimas rayas
Em resgate da dor, da ancia desquite,
Foraõ do gosto as lagrimas alfayas.
Jaz Leandro nos Reynos de Anfitrite
Que absorto nas Pyramides de Avido
Acaba em cadafalsos de Salite.

Rom

Rompe Piramo, a golpes de hum gemido,
No alcaçar Soberano aos ays vestigios,
E acaba n'um punhal amortecido.
Fulmina Orfêo os carceres Estigios,
Querendo antes vencer do Averno a preza,
Que conservar no peito os campos frigios.
Pois se he taõ fraca a humana natureza,
Que erguendo Capitolios na vaidade
Os derruba aos arbitrios da torpeza;
Já que ao gosto obedece a liberdade,
E naõ pódem dictames do discurso
Evitar precipicios na vontade;
Por pagar dos auxilios o concurso
Despenhe em cinza os idolos do vicio,
Que naõ susteve aos Icaros o curso.
Porèm dando ás vaidades novo hospicio,
Onde a razaõ formava hum holocausto
Lhe reserva a vangloria hum sacrificio.
Rompe o peito nas lagrimas exhausto,
Ficando das venturas na carreira
Por alfaya o pezar, a dor por fausto.
E inda vendo dos gostos a caveira,
Entre os mudos horrores do escarmento

Le-

Levanta simulacros a cegueira.

Que he taõ barbaro o humano entendimento,
Que vendo consumir Troyas na chamma,
Inda quer levantar Grecias no vento.

Esses Heróes, que em pifanos da fama
Esgotáraõ os Fidios, e os Timantes,
Roubando ao Pindo o timbre, ao Sol a rama:

Hoje em reliquias só do que eraõ d'antes
Saõ as letras aviso das memorias,
Saõ as Urnas despojo dos instantes.

Essas, que foraõ timbre das vanglorias
Bellezas, que, na galla prezumidas,
As deixa o desengano transitorias:

Que lhes valem de Abril pompas floridas,
Se no sagrado horror da sepultura
Astros pizados saõ, flores cahidas?

Lenho podre, Atalaya mal segura
Em brocado da tumba, Urna funesta,
Em taboa de caruncho alta pintura.

Da desfolhada pompa apenas resta
Em caduca elegancia o desengano,
Quanto brilhou triunfo da floresta.

Esses no Mauzoléo do Vaticano,

Ca-

Caracteres, que impias mudas aras
São reliquias do Seculo tyranno:
Queixas são, que fulmina o tempo claras,
Vendo quam endeozados se presumem
Os Imperios, os Solios, e as Tiaras:
Sem que a temer os damnos se costumem,
Inda que de Tonante os rayos desção,
Por mais que do Vezubio as cinzas fumem:
Vejaõ, antes que ao tempo os annos cresção,
Quaõ estreitas a morte as contas toma,
E que os éccos da tumba naõ dispensaõ.
Olhem para os Encelados de Roma,
Onde a golpes hum Seculo infelice
Quanto em jaspe adulava, em cinza somma.
Que quiz a Omnipotencia que cahisse,
Porque, como do mundo era Cabeça,
Tivesse huma caveira, em que se visse.
Veja-se neste espelho a gentileza,
Que se he caduca a vida nos escolhos,
Como fica nas bazes a belleza?
Guarde as flores Abril, Agosto os molhos,

Que

Que a fouce, com que a morte se desvela,
Vem avizando as flores, e os abrolhos.
Pois no verde cavallo, em que haõ de vê-la,
Se orna das Primaveras, que desfolha,
Se compõem dos verdores, que atropella,
Advirta-lhe as espigas quem as olha,
Porque a fouce, que ostenta nas fadigas,
Leva ao Dezembro o tronco, ao Mayo a folha.
Alerta, Primavera, que perigas,
Pois prevenindo lastimas nas flores,
Vem fazendo os ensayos nas espigas.
Se pois os gritos da alma saõ mayores,
Quando he mais dos humanos a maldade,
Como excedem os gostos aos horrores?
Tantos Camaleoens da vaidade,
Alvergues impios da soberba louca,
De quem tem medo os éccos da verdade,
Que esperaõ quando a morte a raya toca?
Quando hum achaque as purpuras derriba?
Quando hum rayo as piramides suffoca?
Veja, pois, bem que ufano baixe, ou suba,
Que ha de cahir nos tumulos da morte.
E

E ferão de erguer nos extasis da tuba.
Humilhe-se a cabana, campe a Corte,
Que lá será do mundo nos conflictos
O valente caduco, o debil forte.
Enlutados carbunculos marchitos
Seraõ na esféra os tremulos adornos
Mortalhas do zafir, do pólo gritos.
Dádo em gyros o fogo, a luz em tornos,
Nos coriscos aos Caucasos mortalhas
Nos eclypses ás lagrimas sobornos.
Ficando do Universo nas batalhas
Por tumulos funestos as arêas,
Do firmamento as tremulas medalhas.
As Dríades unidas, e as Nerêas
Seraõ urnas de Doris os salites,
E tumulos de Ceres as pavêas.
Pois, rompendo das prayas os limites,
Se veraõ nos dous ambitos estragos
Amaltheas adornos de Anfitrites.
Ruidosas Serpes os cometas vagos
Vomitando em relampagos tocsgos,
Dará plantas o fogo, a terra lagos.
E, profanando os funebres abrigos,
Cahiraõ esses timbres de Corintho,
Que de cinzas heroicas saõ jazigos.
Sem ficar deste immenso labyrintho,
Nem inda aos epitafios hum só verso,

Que naõ ſeja nos marmores extincto.
Reduzido a mortalhas o Univerſo
Começaràõ da tuba os roucos brados,
Sem diſtinguir o throno, o ceptro, o ber-
Eſſes troncos agora desfolhados, (ço,
Reveſtidos de novas Primaveras,
Seraõ luto dos tumulos os prados.
Té que julgando os ſeculos, e as eras,
Huns iráõ para eſtragos dos abyſmos,
Outros para luzeiros das esféras.
Oh ſe deixaſſe o mundo os barbariſmos
Com que abſorto dos ſeculos nas horas
Lhe naõ lẽbraõ da morte os parociſmos!
E ſe os tenros arminhos das Auroras
Viſſem que ſaõ da ſombra as luzes filhas,
E que quando mais vîs, mais brilhadoras!
Diſpa o pompoſo Abril as maravilhas,
Pois vê neſſes de nacares aſſeyos,
Trazer os epitafios nas mantilhas.
Acabem da belleza os vaons enleyos,
E vejaõ já que feudos ſaõ dos annos,
Que ſómente do tempo ſaõ correyos.
Os Martes, os Lycurgos, e os Tyrãnos
Que lhes valem as borlas, e os eſcudos
Se, vivendo Saturnos, morrem Janos?
Ponhaõ os olhos neſſes Troncos rudos,
Que neſſe cemiterio adormecidos
Por

Por tantas boccas nos accusaõ mudos.
E se ainda ao desengano ensordecidos,
Naõ respeitaõ de Cloto aquellas tramas,
Já que naõ lhe pôem olhos, dem-me ouvidos.
Tronco sem folhas, que fizeste ás ramas?
Astro sem luzes, quem te guarda os rayos?
Cinza sem fogo, quẽ te offẽde as chãmas?
Pois nas áscuas, nas sõbras, nos desmayos
Vejo apagados, languidos, e baços,
As chammas, os relampagos, os Mayos.
Se brilhavas Narciso, prende os laços,
Se blazonavas Midas, luze as rendas,
Se prezumias Marte, esgrime os braços.
Pois se perdeste a força, o lustre, as prẽdas,
Que val ao brio, á gála, á vaidade
As forças, os agrados, e as Commendas!
Se foste Rey, que he dessa Magestade?
Se foste Sabio, que he das elegancias?
Se foste moço, donde tens a idade?
Pois se perdeste letras, ceptro, e insĩcias,
Que val ao throno, ao berço, e ás cadeiras
Os dominios, verdores, e as jactancias!
Se as gálas, se os thesouros, se as frõteiras,
Se os ceptros, se os talentos, se os abonos
Nas aras da ventura saõ carreiras.
Quem naõ vê q̃ nos extasis dos somnos

Se haõ de acabar aos impetos dos annos
Ambrio, prata, engenho, berço, e thronos?
Cayaõ, pois, esses idolos profanos,
E já que fazem torre ás vaidades,
Reservem hum postigo aos desenganos:
Vendo q̃ quando em loucas Magestades
Os arrebata o gosto das caricias,
Os desengana o golpe das idades.
E se os gostos da morte saõ primicias,
Saibaõ, trocando em lagrimas os rizos,
Que deste horror os annos saõ noticias,
E deste damno as horas saõ avisos.

En-

Entrando na Corte o Senhor Rey Dom João V. (de gloriosa memoria) com os Serenissimos Principe, e Princeza do Brasil; nossos Senhores, serenou o dia, tendo chovido toda a noite antecedente.

SONETO.

SEnhor, mostrais, vencẽdo a tẽpestade,
A quanto o poder vosso se estendia;
Pois que ás estrellas chega a Monarchia
Quando a estaçaõ respeita a Magestade.
A vossa gloria adquire a nossa idade
De Alta Princeza a nobre idolatria,
E he menos governar a luz, e o dia,
Que erigir-nos de novo huma Deidade.
Entrais na Corte, ó Rey, sẽpre glorioso,
E das nuvens vencido o vapor denso
Naõ altera o concurso Magestoso.
E he certo q̃ fizeste, em tudo immenso,
Mais que nũca, hoje o mundo venturoso,
Em que o Ceo de admirado está suspenso.

Por huma douta penna.

A LU-

A LUCRECIA
ROMANA.

SONETO.

EM ſangue hõradamente derramado,
Infamia infauſtamente ſuccedida,
Lava a triſte Lucrecia, e na ferida
Abre caminho ao ferro, e porta ao fado.
Dirige o duro golpe ao tenro lado
Sem receyo da fama de homicida;
Porque como he a honra alma da vida,
Cadaver era o corpo injuriado.
Morra, diz, o inſtrumento da deshonra,
Que para a formoſura ſer culpada
Baſta ter da laſcivia o incentivo.
Fique vingada em Collatino a honra,
Que ſe me exime á culpa o ſer forçada,
Baſta-me para a morte o ſer motivo.

Pelo Doutor Antonio Barboſa Bacelar.

A S. PEDRO

Quando negou a Christo.

SONETO.

A' Vista daquelle amoroso alarde
Obrado de seus pés, ás mãos de algozes;
Se nega a Christo Pedro, humilde em vo-
A vozes logo o nega de cobarde. (zes;
Duvida hum bẽ, e os pés entrega tarde,
Teme hum mal, e as desculpas dá velozes;
Frio treme entre chammas taõ atrozes,
Fervoroso em taõ pias ondas arde.
Assim a Deos tendo Pedro por amigo
Naufragava n'um mar a confiança;
E n'outro mar se salva do inimigo;
Que logrando os affectos da esperança,
Sem fé a mór bonança traz perigo,
Com ella o mór perigo tem bonança.

Por Bucelar.

A NOS-

A NOSSA SENHORA DO ROSARIO.

SONETO.

FRagrante Rosa em Jericó plantada,
E como Alva formosa esclarecida,
Como Sol entre todas escolhida,
E como puro espelho immaculada.
Virgem antes dos Seculos creada
Para Máy do Supremo Author da Vida,
Para fonte de graça dirigida,
E de toda a desgraça preservada.
Pois ao vosso Rosario se dedica
Esta Academia no que tanto acerta,
Consagrando-se a vós, Divina Rosa:
Claro, patente, e manifesto fica,
E sem fallencia he conclusaõ certa,
Que do mundo ha de ser a mais gloriosa.

De hum Academico.

AO PADRE ANTONIO VIEIRA

Prégando na Degolaçaõ de S. Joaõ Baptista.

SONETO.

MOrre Joaõ por odio, mas desórte
Lhe augmentais a ventura na cahida,
Que se Herodias lhe invejava a vida,
Sendo hoje viva, lhe invejára a morte:
Pode tirar-lhe a vida adversa sórte;
Mas por vós a tragedia repetida
Faz taõ soberba a pena padecida,
Que suaviza ao ferro o duro córte.
Como por vós na morte acha ventura,
Se invejosa Herodias o antevira,
Conservara-lhe a vida de traidora,
Que, como lhe buscava a desventura,
Naõ pedira a cabeça, e se a pedira,
Naõ fora a de Joaõ, a vossa fora.

Por Bacelar.

A LA VIRGEN DE GUADALUPE.

SONETO RETROGADO DICCIONAL.

DIvina Virgen, Celeſtial Maria,
Sagrada Eſther, Honor de Eſtremadura;
Preſervada de culpa, ſiempre pura,
Digna de Dios glorioſa Monarquia.
Camina para vós, ſiendo vós guia,
Atribulada el alma en vós procura
Deſeada bonança mas ſegura,
Benigna Abigail, fecunda Lia.
Aurora en Guadalupe os vi mas bella,
Luzero Univerſal acà os admiro;
Señora, Eſpoſa, Madre, Hija, Donzella;
Verdadero refugio, a vós aſpiro;
Protectora Divina, ſois mi Eſtrella,
Eſpero en vós, porque con vós reſpiro.

De hum Anonymo.

AO

AO AMOR
DO
MENINO DEOS
NASCIDO.

SONETO.

(ſivel,
AMor ſublime, eterno, e incomprehen-
Amor, q̃ o torpe amor converte em puro,
Amor, que ao duvidoſo faz ſeguro,
Amor, que tudo vê, ſendo inviſivel.
Amor, que faz ſuave ao inſoffrivel,
Amor, que moſtra claro o que era eſcuro,
Amor, q̃ faz mais brando o q̃ he mais du-
Amor, que facilita o impoſſivel. (ro,
Amor, que tudo vence, e tudo apura;
O homem com ſeu Deos pacificando
Quiz q̃ eſte Deos ao homem ſe ajuntaſſe.
E juntos o Creador com a creatura,
Que a creatura em Deos ficaſſe amando;
E Deos nas creaturas ſempre amaſſe.

De hum Anonymo.

Pedindo-se huma mercê a Nossa Senhora.

SONETO.

A Vós, ó Virgem pura, lúz radiante,
Estrella de Jacob resplandecente,
Rosa de Jericó, Judith valente,
De Deos Filha, Esposa, Mãy, e Amante.
A vós, ó bella Aurora rutilante,
Cedro sem corrupçaõ, Torre eminente,
Fecunda Vara de Jessé florente,
Lua chea de graça sem minguante.
A vós, Arca Divina, Muro forte,
Soberana Rachel, Palma formosa,
A vós invoco, a vós, bem confiado,
Day-me, no que pertendo, bôa sorte,
Pois que nunca faltastes generosa
A quem vos invocou necessitado.

De hum Academico.

A' CONCEIÇAÕ DE NOSSA SENHORA.

SONETO.

CLara Luz, cuja excelsa fórmosura
Dos eclypses por Deos foy reservada,
Lua cheya de graça, que manchada
Jámais de culpa foy, Mãy sempre pura.
Escada de Jacob, Guia segura,
Real Templo, em q̃ o Verbo fez morada;
Na vossa Conceiçaõ immaculada
Fostes a mais perfeita creatura.
Mas qual podia ser, quem escolhida
Para Divina Mãy era, Senhora,
Senaõ vós sem peccado concebida!
Que se o Sol de Justiça vinha fóra,
Era força que achasse já nascida
Para taõ claro Sol taõ bella Aurora.

Por hum Anonymo.

AL

AL PRODIGIOSO TRANSITO DE LA VIRGEN SEÑORA NUESTRA.

S O N E T O.

AL Cielo, de la tierra deſpedida,
Sube la Virgen ſiempre immaculada,
De Exercitos Celeſtes feſtejada,
En carroças de luzes conduzida.
Toda de tornaſoles reveſtida,
De luzientes eſtrellas coronada,
En jubilos el Cielo a ſua llegada,
En ſuſpiros la tierra a ſu partida.
En triunſos aſſi todo en Alteza
Unifórme la Empyrea Corte jura.
Reyna del Cielo, y tierra a ſua belleza.
Oh de Dios Providencia altiva, y pura,
Que al que por el ſe humilla a mas baxeza
Sabe el miſmo exaltar a mas altura!

Por hum Academico.

A' MORTE DE DIOGO LOPES DA FRANCA,

Que morreo degolado.

SONETO.

DEtem a maõ infamemente armada,
Que essa vida que cortas, homicida,
Foy já de Hespanha tantas vezes vida,
Quantas foy morte à Mauritana espada.
Essa, que vês, cabeça, hoje prostrada,
A tragico theatro reduzida,
Se vio de tantas glorias já vestida,
De quantas hoje lagrimas chorada. (te,
Prẽde-lhe agora as mãos cobarde a sór-
Porque lhe falta á morte atrevimento
Para oppor-se a seu braço a mesma morte;
Que era tal de seu braço o fórte alento,
Que se lhe naõ ligára o braço forte,
Duvidoso ficára o vencimento.

De Bacelar.

A HU-

A HUMAS SAUDADES.

SONETO.

SAudades de meu bem, que noite, e dia
A alma atormentais, se he vosso intento
Acabares-me a vida com tormento,
Mais lisonja será, que tyrannia:
Mas quando me matar vossa porfia,
De morrer tenho tal contentamento,
Que em me matando vosso sentimento,
Me ha de resuscitar minha alegria.
Porèm matay-me embora, q̃ pertendo
Satisfazer com mortes repetidas
O que á belleza sua estou devendo.
Vidas me day para tirar-me vidas,
Que ao grande gosto, cõ q̃ as for perdendo,
Seraõ todas as mortes bem devidas.

De Bacelar.

A HUNS

A HUNS OLHOS TORTOS.

SONETO.

TRavessos olhos, que na travessia
Deixais os olhos todos derrubados,
Contra quem só tres dedos cavalgados
Saõ na manhaã remedio a todo o dia:
Dos milagres, que fez Santa Luzia,
Nenhum sabemos de olhos enfrestados,
E mais de olhos, que saõ taõ namorados,
Que olhaõ hum para o outro á mor porfia:
Ciosos olhos, pois essas meninas
Escondeis no mais alto das capellas,
Naõ consintais haver dellas suspeita:
Torcey-lhe a condiçaõ de pequeninas;
Porque nunca se possa dizer dellas
Quem torto nasce, tarde se endireita.

De Bacelar.

A HUM DESMAYO.

SONETO.

Contra Flora aos ſuſpiros fugitiva
O amor em hum deliquio ſe conjura,
Muda-ſe o vivo fogo em neve pura,
Mas mais aquella neve o fogo aviva.
Até no parociſmo almas cativa
Deſmayada a mais bella formoſura,
Nos embargos da vida inda lhe dura
O rigor, em ſignal de que era viva.
Silvio, que aſſiſte a elle, e a Flora adora,
Trazendo-a no peito retratada,
Com hum deſmayo outro deſmayo chora;
Mas naõ foy maravilha deſuſada,
Se a bella copia ſe deſmaya em Flora,
Que ſe deſmaye em Silvio a copiada.

De Bacelar.

A HUMA

A HUMA AUSENCIA.

SONETO.

Sinto-me, ſem ſentír, todo abrazado
No rigoroſo fogo, que me alenta;
O mal, que me conſome, me ſuſtenta,
O bem, que me entretem, me dá cuidado.
Ando ſem me mover, fallo calado,
O que mais perto vejo ſe me auſenta,
E o que eſtou ſem ver, mais me atormenta,
Alegro-me de ver-me atormentado:
Choro no meſmo ponto, em q̃ me rio,
No mór riſco me anima a confiança,
Do que menos ſe eſpera eſtou mais certo;
Mas ſe de confiado deſconfio,
He porque entre os receyos da mudança
Ando perdido em mim, como em deſerto.

De Bacelar.

A's melhoras, que o Senhor Rey Dom Joaõ V. (de gloriosa memoria) teve na sua molestia.

SONETO.

MOnarcha Augusto, Principe adorado,
Vivey glorioso, resistindo forte,
Se os triunfos nos mostraõ que da morte
Sois temido, Senhor, e respeitado.
Viveis de muitas vidas animado,
Só a vossa he razaõ que nos importe:
Como ha de chegar da Parca o córte
A quem alentos todo hũ Reyno ha dado?
Deponde o susto, e natural receyo,
Pois só a dar-vos gloria conhecida
No cruel accidente a morte veyo.
Morrereis, mas será vossa homicida
Depois que naõ houver (assim o creyo)
Em todo o Portugal huma só vida.

Por huma douta penna.

GLOS-

GLOSSA AO SONETO DE CAMOENS

Sette annos &c.

SONETO.

SEtte annos de pastor Jacob servia
Labaõ, pay de Rachel, serrana bella,
Mas naõ servia ao pay, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia:
Os dias na esperança de hum só dia
Passava contentando-se com vella;
Porèm o pay, usando de cautella,
Em lugar de Rachel lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada sua pastora,
Como se a naõ tivera merecida,
Começa de servir outros sette annos,
Dizendo: Mais servira, se naõ fora
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

GLOSSA I.

A R de Jacob desórte, que elevado
Na vista de Rachel o pensamento,
Faz tanta estimaçaõ de seu cuidado,
Que cuida naõ merece o seu tormento:
Como julga o emprego remontado,
Desconfia do seu merecimento,
E cifrando em servir sua valia,
Sette annos de pastor Jacob servia.

II.

Servia, mas taõ ledo, que parece (yo,
Que o servir tẽ por premio em doce enle-
Que o desejo do fim, que se appetece,
Do mayor padecer faz doce meyo:
Rachel, que seus tormentos lhe agradece,
Bem quizera já ver o prazo cheyo,
Mas alongava o tempo á custa della:
Labaõ, pay de Rachel, serrana bella.

III.

Rachel o premio a seu serviço ordena,
De taõ ledo servir Labaõ se encanta,
Rachel deseja o fim de tanta pena,
Labaõ grangeyo faz de pena tanta:
Rachel de deshumano ao pay condena,
Labaõ do que enriquece só se espanta;
Serve Jacob, e amante se desvella,
Mas naõ servia ao pay, servia a ella.

O ser-

IV.

O servir tem por doce passatempo
Na esperança Jacob de merecella,
Do servir para o amor só furta o tempo,
Mas ainda era servilla este querella:
Naõ o cança a esperança ha tanto tempo,
Que, como mais merece á vista della,
Tanto della gostou, que parecia,
Que a ella só por premio pertendia.

V.

Tem de esperar a gloria, e naõ alcança
Da dilaçaõ a pena o sentimento;
Oh venturoso amor, onde a esperança
Se casava taõ bem c'o soffrimento!
Espera alegre, e de esperar naõ cança,
Que, como faz deleite do tormento,
Por pequenos instantes avalia
Mil dias na esperança de hum só dia.

VI.

Tanto está de seu dammo satisfeito,
Que cuida compra a gloria muy barato,
E como pena á vista do sujeito,
Suaviza-lhe a pena o doce trato:
Suspira entre os limites do respeito,
Padece entre os respeitos do recato;
E como naõ quer mais da sua estrella,
Passava contentando-se com vella.

De

VII.

De Rachel, e Labaõ Jacob ufano
Cuida que tem a paga asseguranda;
De Rachel em hum riso soberano,
De Labaõ na palavra concertada:
Mas ay! q̃ cedo chega o desengano, (da;
Que a mais firme esperança em fim he na-
Pois lhe falta co' a fé, naõ Rachel bella;
Porèm o Pay usando de cautella.

VIII.

Oh mentido prazer, quaõ enganado
Trazes hũ peito amante em seu tormento!
Promettes-lhe hum favor imaginado,
Sendo hum fragil engano, hum leve vẽto:
Serve o pobre pastor, e quando o fado
Lhe promettia a paga ao soffrimento,
De hum pay interesseiro a tyrannia
Em lugar de Rachel, lhe dâva Lia.

IX.

Dentro fogo Jacob, e neve fóra,
Ficou com o premio novo, que topava;
Muito sentia a perda da pastora, (va:
Mas mais sente a traiçaõ, q̃ o pay mostra-
Arde, pena, suspira, geme, e chora,
Vendo que perde o bem, que tanto amava;
Mas de todo enloquece entre seus damnos
Vendo o triste pastor que com enganos.

A mais

X.

A mais robusta serra, que arrogante
Resiste ao tempo de si mesma armada,
Lastimado o pastor, quanto constante,
Tinha já de seu pranto lastimada:
Muita pena lhe custa ao triste amante
Ser-lhe a sua pastora ao fim negada,
Mas ainda sente mais o ver que agora
Lhe fora assim negada a sua pastora.

XI.

Ausentar-se quizera de corrido,
Mas amor, e Rachel, e seu cuidado
Mandaõ que, sobre as custas de offendido,
Torne a tomar descontos de enganado:
Torna de novo a commetter partido,
E, a pezar das lembranças de aggravado,
De novo a merecê-la offrece a vida,
Como se a naõ tivera merecida.

XII.

Oh doce affago de hum amante intento,
Que tanto a hum pensamento desvarias,
Que, depois de enganado o soffrimento,
Inda fia em promessas de alegrias!
Torna a buscar o premio em seu tormẽto,
Premio esperado de taõ largos dias,
E lavrador de amor, colhendo enganos,
Começa de servir outros sette annos.

Ser

XIII.

Seu gosto era servir, mas naõ quizera
Que o gosto parecesse violentado;
E assim sente a traiçaõ, que o pay fizera,
Por tirar esta gloria ao seu cuidado:
Rachel lhe diz: Jacob querido, espera,
Ainda que agora servirás forçado.
E esse torna constante á sua pastora,
Dizendo: Mais servira se naõ fora.

XIV.

Naõ quer o pastor mais do que querê-la,
Nem busca mayor premio, que adorá-la,
Muito cuida que alcança em poder vê-la,
Pouco cuida que faz, sabendo amá-la:
Para ter mais lugar de merecê-la,
Quasi estima a occasiaõ de naõ lográ-la:
Só sente ter, em gloria taõ crescida,
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

Pelo Doutor Antonio Barbosa Bacelar.

OUTRA GLOSSA
AO MESMO SONETO.

I.

EM fogo activo, mais q̃ o Ethna ardẽ- (te,
Feniz de amor Jacob acceſo ardia,
E para ſe fazer ao bem preſente
Sette annos de paſtor Jacob ſervia:
Andava no ſerviço taõ contente,
Fazendo tanto mais do que devia,
Que tinha tal criado a bôa eſtrella
Labaõ pay de Rachel, ſerrana bella.

II.

Moſtrava ao pay, e á filha tal cuidádo,
Que no campo amoroſa ſentinella,
Nella paſcia os olhos, nelle o gado,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella:
Quando Rachel ſahia ao verde prado,
Sahia-lhe ao caminho ſó por vella:
Se ella premios lhe dava, elle dizia,
Que a ella ſó por premio pertendia.

III.

Se á fonte hia Rachel, do Sol affronta,
Para tomar-lhe o pote elle a ſeguia,
E quanto mais a vê, tanto mais conta
Os dias na eſperança de hum ſó dia:

Se

Se a sua nova ovelha se remonta,
Jacob ao seu collo lha trazia;
E quando em casa a laã fiava ella,
Passava contentando-se com vella.

IV.

Já quasi o longo tempo se acabava,
Que merecido tinha Rachel bella,
Mil vezes a pedio, dissimulava
Porèm o pay, usando de cautella:
Chorando o pastor triste se queixava
Do rigor delle, da obediencia della;
Pois quando mais amante a merecia,
Em lugar de Rachel lhe dava Lia.

V.

Com muda voz se queixa da ventura,
Que deo a tal amor taes desenganos;
Foge do pay, que o chama com brandura,
Vendo o triste pastor que com enganos:
Mas como se murchava a formosura,
Da filha evitar quiz mayores damnos,
Que, pela ver muy mais merecedora,
Lhe fora assim negada sua pastora.

VI.

Com mais alento já, mór esperança
Torna aos mortos espiritos à vida;
Deseja merecê-la, naõ descança,
Como se a naõ tivera merecida:

Por

Por indigno se tem, pois naõ alcança
A gloria, que lhe era taõ devida;
E naõ temendo haver outros enganos;
Começa de servir outros sette annos.

VII.

Eterno qualquer dia lhe mostrava
A esperança do bem de tal pastora,
Que pelo ver taõ grande suspirava,
Dizendo: Mais servira, se naõ fora:
Merecimentos novos desejava,
Deseja-se immortal pelo que chora;
Julgando ser na gloria promettida
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

Por Bacelar.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO.

PErtendendo Rachel, ſerrana bella,
Sette annos de paſtor Jacob ſervia;
Porèm como a Rachel ſó pertendia,
Naõ ſervia a Labaõ, ſervia a ella.
Conſolava a eſperança ſó com vella,
Indo paſſando hum dia, e outro dia;
Dava-lhe alento o muito que queria,
E pagava-ſe ſó com merecella:
Porèm quando por meyos taõ tyrannos
De Rachel ſe lhe nega a formoſura
Agradece a Labaõ eſtes enganos, (ra,
Cifrando em mais ſervir mayor ventu-
Dizendo: Servirey, porque os meus annos
Com ſervilla haõ de ſer de eterna dura.

De Bacelar.

Cam

Cantava huma Dama, e Fabio sem a ver se enamorou só por ouvî-la.

ASSUMPTO ACADEMICO.

CUido que saõ tres Semanas,
Pois tres Academias ha,
Que quasi este mesmo assumpto
Nos deraõ para fallar.
huma Dama, que cantava
Em hum bosque, ou hum pomar;
E agora canta em Palacio,
Adonde escondida está.
lusica, e Dama? Gran cousa!
Naõ deve de cantar mal,
Que se naõ, dissera eu della
Cantar mal, e porfiar.
om tudo, o que mais me admira,
Confórme os catarros ha,
Que ha tantos dias que cante,
E que inda possa piar.
uem addivinhára entaõ,
Que se puzera a guardar

Me-

Meya duzia de conceitos
No livro do cabedal,
Por ter que dizer agora,
Tanto aqui, como acolá,
Da Musica as excellencias
Muito para celebrar.
Traz porèm de novidade
Este assumpto original,
Que era Dama nunca vista,
E inda por representar.
Que bella para Comedia!
Se a farça andára por cá,
A's punhadas, e a perdoens
A houveramos de comprar.
He circunstancia mutante,
Que graça ao negocio dá,
Pois de ouvî-la Fabio hum dia
Logo a quiz enamorar.
Logo quiz? Naõ digo bem,
Que taõ rematado está,
Que no toque da violla
Toca o coraçaõ á amar.
He de saber se esta Dama,
Fabio, sabe temperar,
E com presteza, se naõ,
Muy bem aviado estás.
Em fim, a huma voz adoras?

Quizera-te perguntar
Qual era o tom desta voz
Pela mercê que te faz?
Voz, he palavra commũa;
Se a voz do povo será?
Porèm essa voz naõ canta,
He voz só para chorar.
Que a voz, que suppõem sogeito,
Já sey me responderás,
E que o sogeito era Dama
Dignissima de adorar.
E se a voz fosse o falsete
Do meu vizinho Moraes,
Taõ fino, e taõ soberano,
Que he já Musico Real?
Dize, havias de querer-lhe?
Dizes que naõ. Claro està;
Pelo menos no sentido,
Que queres considerar.
Se essa Dama fosse torta,
Fêa, brava, e de máo ar,
E cantando como hum Anjo
Te sahirá hum Satanaz?
Querer-lhe-hias muito? Naõ,
Nem zombando, me dirás.
Pois logo porque te apressas,
Se em pressas te has de ficar?

Se depois de enamorado ,
Muy fino , e muy cordial
Foras bufcar a Maria ,
E te acháras com Guiomar,
Huma mulata da dança
Com beiços de alguidar ,
E huma caçoula perpetua ,
E trezentas coufas más ?
Havias de amá-la ? Naõ ;
Porque amor , fendo rapaz ,
Com penfoens taõ rigorofas
Mal fe póde conſervar.
Pergunto : Se eſſa Madama ,
Depois de taõ bem cantar ,
Tendo huma voz de Jacob ,
Tiveſſe humas mãos de gral ;
Seria digno fogeito ,
Para nelle te empregar ?
Naõ por certo , em nenhum cafo ,
De preſſa refponderás.
Saya a publico eſta Dama ,
Vejamos que cara traz ,
E fe for para querida
Metterá feu Memorial.
A viſta ao entendimento
Huma confulta fará ,
E defpachando-a a vontade ,
Com

Com mil razoens amarás:
Em namorar-te de ouvida
Naõ digo que fazes mal;
Porèm se os olhos se enganaõ,
Sómente o ouvir que fará!
Aqui huma questaõzinha
Se pudera levantar;
Como naõ for testimunho,
Nenhum aggravo fará.
De todos cinco sentidos
Qual he o mais nobre? E qual
Com mais poderoso affecto
Póde a vontade obrigar?
Todos respondem que os olhos
Saõ a parte principal,
Por onde nas almas entra
Amor, sem dizer lá vay.
Os outros quatro, que saõ
Ouvir, cheirar, apalpar;
Gostar, como menos nobres,
Saõ postiguinhos naõ mais.
Bem que todos a vontade
Pódem seu pouco brindar,
Sempre quando o mais he muito,
Nunca algum a satisfaz.
Desórte que outro sentido,
Que o ver naõ seja, será.

Motivo para o deleite,
Mas naõ para amor cabal.
Será huma confusaõ
Ver a vontade, que já,
Sendo potencia, aos sentidos
Lhes dá licença de amar.
Em conclusaõ, Fabio amigo,
Agora naõ me dirás:
A quem amas, neste caso,
A' Dama, ou ao seu cantar?
Se ao cantar, te digo que
De ti naõ seguro está
O Rouxinol no arvoredo,
Nem a Serea no mar.
E se amas á Dama, he certo,
Que bom partido terá
Contigo toda a mulher
Em teu amor singular.
Pois a razaõ de que o seja
Basta para te obrigar,
Sem saberes com que cara
Mais cara te sahirá.
Nesta duvida, ou certeza,
Te quero hum caso contar,
Bem que ha muito succedido
A Orfeo, hum certo Galan.
Dizem que era cazado,

E que

E que o Cura do Lugar
Os recebera n'um dia
Elle, e a mulher; quem faz tal!
Viveraõ, naõ sey que tempo,
Em viva guerra, inda mal,
Até que a morte c'o a noiva
Metteo o negocio em paz.
Euridice foy ao Inferno
De tal vida descançar;
Que a vida dos mal cazados
He peyor que a infernal.
Era Orfeo Musico grande,
Foy-se cantando até lá,
Levando os montes traz si,
Arvoredo, e tudo mais.
Dizem que tambem as pedras
O seguiaõ sem cessar;
E o mesmo lhe succedera
Se acaso cantara mal.
Cessou, pois, no Reyno escuro
Todo o tormento, e pezar;
E Plutaõ, ja de enfadado,
A sua mulher lhe dá,
Com condiçaõ infallivel,
Que naõ olhe para traz,
Para que naõ se arrependa
De ver que toma a cazar.

Elle, vendo-se enganado,
De industrioso, ou de sagaz,
Torna a olhar para a mulher,
E lha tornou a encampar.
Neste successo, ou prodigio,
A distinçaõ acharás:
Que o canto move o inferno,
E as mulheres ficaõ lá.
Quero que o canto enamore,
No que for para agradar;
Porèm querer bem de amor
Respeita ao sogeito mais.
Bem está que a belleza agrade,
Privilegio Celestial;
Porèm, sem ver, querer bem,
Fora querer avoar.
Adorar a hum accidente,
Que póde o sogeito errar,
Accidente he sem sogeito,
Que sem milagre naõ ha.
Mas eu, que fiz atégora,
Vay por meya hora a gritar,
Contradizendo no assumpto
O que por certo nos dà?
Se Fabio se enamorou
De ouvir a Nize cantar;
Sem a ter visto, façamos
A isso hum Soneto. Và.

SONETO.

ROmpe el ayre la voz de oculta Da-
En passos de armonia, y de dulçura, (ma,
Y el ayre roto por mil partes jura
Que es digno el canto de una eterna fama.
Tan dulce es el veneno, que derrama,
En todo lo que alcança, su blandura,
Que lo insensible a oirla se apresura,
Y lo sensible por la oir se inflamma.
Oyola Fabio, y en pensamiento altivo
Adorar la presume amante luego,
Siendo el no verla espuelas al motivo:
Quierela con mayor dezassociego,
Y por ser del amor retrato vivo,
Sin verla adora, porque amor es ciego.

De hum Academico.

RO-

ROMANCE.

QUe avarienta de favores,
Que liberal de tormentos
Es tu piedad con mis ancias;
Es tu rigor con mi pecho!
Que obediente a mi destino
Te admira mi pensamiento;
Pues tu piedades limitas
Por observar sus decretos!
La mitad de un papel mio
Dexas sin respuesta, ay Cielos!
No porque el tiempo te falte,
Mas porque yo falte al tiempo.
Caudal immenso reprimes,
Porque con rigor immenso;
Por huir a la memoria,
Huyes al entendimiento.
Ay! mira, encanto del alma,
Que tambien en muchos versos
Se otorgan pocos favores,
Se cifran muchos desprecios.
Mira que es accion injusta,
Que entre raudales diversos,
Por soltar los de mis ojos
Reprimas los de tu ingenio.

Pe-

Pero bien sê, dueño mio,
Que has evitado con esto,
Si motivos de alegrias,
Desperdicios de conceptos.
Yo confiesso que es muy justo;
Porque thesoros immensos,
Solo merece alcançarlos,
Quien alcança merecerlos.
Mas supuesto que conosco,
Que desengaños adquiero
Quando exagero verdades,
Quando explico rendimientos:
Otra vez buelvo a cansarte,
Mas tan temerosa buelvo,
Que abrasando-me de amores,
Tiemblo, señor, de recelos.
Quien viò tan nueba desdicha,
Quien viò prodigio màs nuebo,
Que tema sempre castigos,
Quien siempre merece premios!
Pero que mucho que tema,
Quien sabe en fin tan de cierto,
Que nunca de una ignorante
Puede gustar un discreto.
Mas, señor, si amor es alma,
Y el alma es entendimiento,
Yo que soy la mas amante,

La

La mas discreta a ser vengo.
Y aunqne razon tan notoria
No me acreditàra en esto,
Para abonarme bastava
De mi cuidado el empleo.
Amo tus partes divinas,
Y esto con tal excesso,
Que estimo màs tus agrabios,
Que los favores agenos.
Tu sabes quanto te adoro,
Pues sabes lo que me has hecho,
Que amor, que offensas no acaban,
Ya no es amor, es portento.
Dirás que muchas te quieren,
Bien sê que dirás lo cierto,
Que para immensas vitorias
Son tus poderes immensos.
Mas yo sê, dueño querido,
Que dirás en todo tiempo,
Que ninguna, sino Silvia,
Supo adorarte sin premio.

Man-

Mandou Filis a Aonia por offerta de Reys hum coraçaõ de crystal com guarniçaõ de ouro em occasiaõ de queixas, e ciumes.

Em resposta da mesma Aonia.

ROMANCE.

COmo estais do coraçaõ,
Meu coraçaõ, me dizey;
Que com o vosso me tenho
Por certo achado muy bem.
Mas se este coraçaõ vosso
He coraçaõ, que se vê,
He o melhor, que ha no mundo;
O mais fino, o mais fiel.
Oh se todos assim foraõ,
O que haveria que ver!
Que de cousas se souberaõ,

E que

E que de faltas de fé !
Desenganos se veriaõ,
Naõ se enganára ninguem,
Nem coraçaõ enganoso
Entaõ havia de haver.
Verificar-se-ha o dito
Daquella sentença, que he:
Nenhum coraçaõ se engana,
Com mais razaõ o direy.
Bem affortunada eu,
Que possuo o melhor bem,
E do vosso coraçaõ
Sou thesoureira fiel:
Vede, com tanta ventura,
Que riqueza naõ terey,
Possuindo hum coraçaõ,
Onde naõ ha mais que ver!
Digo que haverá no mundo,
Por bõa fortuna, quem
Tenha hum coraçaõ muy fino,
Mas como este meu naõ sey.
Se tendes tal coraçaõ,
Naõ tenho mais que querer:
Dentro no meu, por minha alma,
Este coraçaõ porey.
Já tenho tudo o que quero,
Faz-me, Amor, esta mercê:

Tenho o coraçaõ na maõ,
Sem enganos vivirey.
Muito devo á minha ſórte
Neſta entrega, que me fez,
Que eſtando atéqui queixoſa,
Agradecida me tem.
Tenho vencido a demanda,
Em que tanto tempo andey:
Ganhey-vos o coraçaõ,
Já he meu, em que vos pez.
Foy premio do meu amor,
Premiar-me quiz como Rey,
E em dia de Reys me dá,
O que me fez merecer.
Já naõ temo de Narciza
O nome, nem nada; que,
Como eſtais ſem coraçaõ,
Ninguem vos ha de querer.

RO-

ROMANCE.

COraçon, pues os maltratan,
Bolved, bolved a ser mio,
Que dueño, que os niega premios,
Quien duda que os dá castigos.
Herido estais de su mano,
Mas si bien estais herido,
Mal os aplica remedios
Quien os aumenta peligros.
Amar sin correspondencia
Mirad que passa a delirio,
Porque si bien es fineza,
No puede nunca ser brio.
No deis credito a venturas
Libradas solo en indicios,
Que tambien finge piedades
Quien executa delictos.
Yo confiesso que presumo
Talvez affectos benignos:
Mas ay, que todos mis bienes
No passan de presumidos!
Confusa vivo entre dudas,
Mas, coraçon, mal he dicho;
Que solo confusa muero,
Pues solo confusa vivo.
Nuevos rigores inventa

La cauſa de mis ſuſpiros;
Pues talvez miente fabores
Para duplicar hechizos.
Ay que diverſos effectos
En ſus acciones diviſó,
Pues unas me dan peſares,
Otras me cauſan alivios!
A quien havrá que no aſſombre
Tan confuſo labyrintho,
Pues quando preſumo glorias,
Entonces hallo martyrios!
Huid pues coraçon luego,
Huid de eſcuros abiſmos,
Que para morir de dudas,
Mas quiero morir de olvidos.
Huid de quien os maltrata,
Que ſiempre cauſan al tibio
Execuciones de ingrato,
Preſunciones de querido.
Huid de dueño tirano,
Dexad amantes delirios,
Que nunca las tiranias
Fueron de amor incentivos.
Pero ſi temeis acaſo
Las violencias del deſtino,
Advertid que nunca eſtrellas
Pudieron mas que alvedrios.
Reſiſtid inclinaciones

Evi-

Evitareis precipicios,
Que donde un ciego es el norte,
Qual podrá ſer el camino!
Mas, coraçon, ſi es forçoſo,
Que ameis con tantos peligros,
Y quereis ſer maltratado
Antes que ſer fugitivo:
Ocultad los rendimientos
De vueſtro amor tan preciſo,
Porque naciendo venturas
No mueran nunca ludibrios.
Ay coraçon rendido,
Sufrid, amad, quered, vivid cautivo,
Que adonde reina amor, no manda el brio.

Por hum Anonymo.

LX.

Onde com glorias taõ felices viva,
Que a seus pés se sujeite a furia brava
Da inconstante fortuna, por captiva,
Da intratavel inveja, por escrava:
E Cupido adorando a galla altiva
De tantas perfeições, lhe renda a aljava;
Porque a seu brio humilde se submetta
Sem força o arco, sem virtude a setta.

LXI.

Eu, que fuy atégora acompanhando
A Principes taõ altos, discorrendo,
Seus vestigios illustres observando,
Para os ir nesta copia descrevendo;
Taõ relevante assumpto ja deixando,
Vou os rasgos á penna suspendendo;
Porque mais dilatar-me naõ convinha,
Deixo a Lisboa, e volto á Patria minha.

LXII.

Nesta terra com Regios pensamentos
Mandava o Rey fazer todos os dias
A pessoas honradas, e Conventos
Grandes esmólas, muitas obras pias:
Deixou para os Sagrados Ornamentos
Do Senhor do Bom Fim, que as regalias
Da Capella preservem sem desdouro,
Muy grande somma de moedas de ouro.

LXIII.

Gualter de Andrade Rua era o ſecreto
Eſmoler, que eſtas obras miniſtrava,
A quem com Regio eſpecial Decreto
Taõ ſoberana commiſſaõ ſe dava:
Por arbitrio de ſeu fervor diſcreto,
Subſidio taõ commum ſe diſpenſava,
A todos dando por diverſos modos,
Porque conhece neſta terra a todos.

LXIV.

Aſſim ſe julga ſempre agradecida
A taõ zeloſo amor, porque deſeja
Que nos augmentos, ſendo a mais luzida,
Sirva ás mais terras de luſtroſa inveja:
De ſeu Porto a importancia conhecida
Propôs ao grande Rey, para que ſeja
Motivo para vir a viſitá-lo,
Naõ ſómente por vê-lo, mas honrá-lo.

LXV.

Elle foy Director deſta jornada,
Que quiz fazer a Excelſa Mageſtade,
Porque ſe viſſe a induſtria bem traçada
Com que o Rio tem mais capacidade:
Pois do deſlaſtre a fórma exercitada
Lhe reſulta de tanta utilidade,
Que ſe livra de ſer para deſditas
Hum monſtro de cabeças infinitas.

LXVI. Diſ-

LXVI.

Difpondo as novas Leys do Regimẽto,
Com que o Direito do feu Sal fe cobra,
Deo á Regia Fazenda mais augmento
Na fua direcçaõ, notavel obra:
Correndo os annos, cõ mais jufto intento
Se verá que o Commercio mais fe dobra,
Devendo-fe taõ profpero recurfo
A feu bom zelo, e fingular difcurfo.

LXVII.

Defta Praça a grandeza mais honrofa
Sempre procura com fiel defignio,
Que fe póde chamar muy venturofa,
Sómente por lograr feu patrocinio:
Taõ nobre diligencia generofa
De feu futuro augmento he vaticinio,
Devendo-fe acclamar no amor piedofo
Por Pay da Patria, e Protector zelofo.

LXVIII.

Efta he a copia, emfim, (fe naõ me enga-
Da nunca vifta pompa fublimada, no)
Com que o Lufo Monarcha Soberano
Fez em Setuval generofa entrada:
Que impére Augufto, que domine Ufano
Com propicio louvor, forte elevada,
Com plaufiveis troféos, perpetuas ditas,
Pompas immenfas, glorias infinitas.

LXIX.

Assim permitta o Ceo, para que o veja
Portugal com taõ prospera fortuna
Ser Luz da Europa, Protecçaõ da Igreja,
De Africa Terror, da Fé Columna:
E gozando das ditas, que deseja,
Com sórte a seus designios opportuna,
Exalte o seu louvor, que a Fama abona,
De Pólo a Pólo, e de Zona a Zona.

LXX.

Seu nome acclame sempre victorioso
Todo o Paîz, que o Sol tem manifesto,
Desde que nasce em thalamo formoso,
Até que morre em tumulo funesto:
E das armas, que logra venturoso
Com tanta inveja do inimigo infesto,
Veja o Sacro pendaõ ser collocado
Sobre as ruinas do Agareno ouzado.

LXXI.

Da Asia offerta, que o seu nome zela
Benigno o Sol, e liberal a Aurora,
Na mina singular, na concha bella,
Rubîs, que cria, e perolas, que chora:
Para que logre com ditosa estrella
Dos Lusos a bandeira vencedora
Muy propicios trofêos a seu desejo,
Por ser o Indo tributario ao Tejo.

LXXII. No

LXXII.

No nome de Joaõ bem se acredita
Esta fortuna Regiamente grata,
Que ha de ser para nós de grande dita,
Pois parece do Ceo propicia data:
De Joaõ o Primeiro heroico imita
O valor, que invencivel se relata,
Debellados ficando com desdouros
Na Campanha Hespanhoes, em Ceuta os (Mouros.

LXXIII.

De Joaõ o Segundo, que se acclama
Oraculo discreto da prudencia,
Com providentes documentos ama
As mais cultas idéas da advertencia:
De Joaõ o Terceiro, que na Fama
Exemplo fora da melhor Regencia,
Segue, para os arbitrios mais perfeitos,
Os sabios dogmas, inclytos preceitos.

LXXIV.

E do Quarto Joaõ, seu generoso
Memoravel Avô, taõ decantado,
Com prompto estudo observe cuidadoso
Os altos pontos das razoens de Estado:
Porque em seu grave seculo ditoso,
Em politico acerto administrado,
Resuscite com mais prosperidade
De Augusto o tempo, ou de ouro a idade.

LXXV. No

LXXV.

No jardim de ſeus annos, ſem mudãça,
Se habilite a colher em paz ſegura
Das flores aprazivejs da eſperança
Os fructos mais ſuaves da ventura :
Mais que Tito , com firme confiança
Da Patria chegue a ſer delicia pura ,
Melhor que Ceſar com progreſſo inſigne
Na terra impére , ſobre o mar domine.

LXXVI.

Para Rey taõ ſublime , reverentes
Só formem por idéas relevantes
Os Lyſipos eſtatuaes excellentes ,
Os Apelles retratos elegantes :
Para que ſempre fique em preeminentes
Dourados caracteres ſcintillantes
Eſcrito em prata , eternizado em bronze
Nas partes quatro , nas esféras onze.

EGLO

EGLOGA
NA MORTE DO SENHOR
D. MIGUEL,
FILHO DELREY
D. PEDRO II.

Que em 23 de Janeiro de 1724 naufragou no Tejo.

ESCRITA

PELO CONDE DA ERICEIRA

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES.

INTERLOCUTORES:

Anfriso, *Caçador.* *Fileno*, *Pescador.* *Lise*, *Paſtora.*

Anfriſo.

QUe fazes neſtes boſques, meu Fileno?
Se do mar já deſprezas o exercicio,
Trocaſte o tormentoſo pelo ameno.
Deyxas da peſca o perigoſo officio?
Se antes as aves, do que os peixes ſegues,

Hoje

Hoje o Fado cruel me foy propicio.
Pois na minha amizade he bem q̃ empregues
Quanto a sua fineza te assegura:
Se esta inferencia he certa, naõ ma negues.
Suspiras? Choras? Que occasiaõ taõ dura
Assim perturba hum animo constante,
Me move hum susto, e hũ pezar te apura?

Fileno.

Anfriso, se o naõ diz o meu semblante,
Naõ saberás meu mal, porque naõ fio
Que a debil voz taõ forte pena cante.
Da minha magoa agora desconfio,
Porque naõ he taõ grande o seu excesso,
Que explique a dor, q̃ ás lagrimas confio.

Anfriso.

Antes q̃ faça em mim mayor progresso
O temor, que a certeza, dize, amigo,
Se o meu peito addivinha este successo?
Presago o coraçaõ falla commigo;
E me diz, quando tu timido calas,
Que teve Melibeo algum perigo.
Naõ me respondes, e do peito exhalas
Tristes suspiros, com que vejo os ares
Chorar nos eccos quanto tu me callas!
Oh como se anticipaõ os pezares!

Se

Se he certo o que imagino, agora vejo
Que buscas nos meus olhos outros mares.

Fileno.

Em parte faz a pena o que desejo,
Pois deyxa conhecer-te quanto sente
A Tragedia mayor, que chora o Tejo.
Do triste naõ esperes o eloquente,
E se o suppoens, a duvida, ay Anfriso,
O pezar na certeza naõ te augmente.

Anfriso.

Se discorresse livre o teu juizo,
Soubera que a verdade de hum affecto
Mais teme o mal confuso, que o preciso.
He desesperaçaõ o teu projecto,
Commigo tanta dor fiel reparte,
Naõ vejas só taõ lastimoso objecto.
De Melibeo me toca tanta parte,
Que aos dous huma amizade pura, e fina
Póde sincera a ambos igualar-te.

Fileno.

Naõ me esquece q̃ hum symbolo ima-(gina
Aos tres nos seus altares a amizade,
No Triangulo igual, que nos destina.
Apagou-se huma linha, com crueldade
Desfez a Parca huma uniaõ taõ forte,
Que até vencia a mesma eternidade.
De hum golpe atroz o inexoravel córte
Fez

Fez ſepultar no mar, e no Occidente
Hum Sol, q̃ ha de dar luz á meſma morte.

Anfriſo.

Oh, naõ me digas mais! Pois naõ con- (ſente
O coraçaõ no horror deſte contagio
Novo veneno, que no ouvido ſente.

Fileno.

Se já to prevenia o ſeu preſagio,
Attende agora quanto ouvir querias,
Padeçamos no pranto outro naufragio.
A naõ ſer ſepultado em ondas frias,
O' Melibeo, ás tuas cinzas puras
Duas Pyras ardentes já terias.
Neſtes dous coraçoens ardes, e duras,
E eternamente em qualidade, e fórma
Pyramides, e Pyras te aſſeguras.

Anfriſo.

Se em ambos huma pena ſe confórma,
E hoje mais ſó do monte a ſoledade
Em a noſſa ſaudade ſe transfórma,
Conta-me eſta Tragedia com verdade,
E unidos, o Epicedio cantaremos,
Mas que depois morramos da ſaudade.

Fileno

Para q̃ augmente a dor os ſeus extre- (mos,
Tyrannizando as vozes a memoria,
Quãto ellas doces cantaõ, nós choremos.

Vi-

Vivia, Melibeo, com tanta gloria,
Que até na noſſa Patria ſuperava
A inveja em benemerita victoria.

Regio ſangue ao eſpirito animava,
Nobremente a modeſtia o abatia,
Altamente a grandeza o elevava.

Eſta contrariedade, que vencia,
Vinculando o carinho, e o reſpeito,
Voluntarios obſequios lhe adquiria.

Por mais que a inveja com maligno ef-
Cegaſſe das virtudes ao luzido, (feito
O odio da razaõ ficou ſujeito.

E deyxou o impoſſivel conſeguido
De que huma vez neſte Paiz ſe viſſe
Ser invejado, e naõ aborrecido.

Se a ſua gentileza te exprimiſſe,
Ou te julgára eſquecimento indigno,
Ou quizera teu peito mais ſentiſſe.

Era teu digno irmaõ, aſſim defino
O valente, o diſcreto, o generoſo,
E quantos bens dá prodigo o deſtino.

Da illuſtre, e bella Liſe amado eſpoſo,
Lograva amante em vinculo adorado,
Sórte, que fez a Jupiter cioſo,

Liſe, que de opulento, e rico Eſtado
O fez Senhor, e de tres bellos fructos
Entre flores o amor vio coroado.

Her-

Herdeyros de preclaros attributos,
A quẽ tinha elevado o Graõ Monarcha,
A ſer de antigas glorias ſubſtitutos.
Naõ ſe atrevia a temeroſa Parca
A Heróe tanto, ſe elle lhe naõ dera
Fatal motivo na infelice barca.
Com Alecto, Theſyfone, e Megéra
Se introduz nella o funebre Caronte,
E ſó alli mortal o conſidera.
O Tejo transformado em Flegetonte,
Em tumulo de prata, em urna de ouro
A laſtima renova de Faetonte.
Occulta avaro o mais feliz theſouro,
Que guardou no ſeu Templo cryſtallino,
A quem venera o Vouga, adora o Douro.
Da caça anciofo Adonis peregrino,
Com ſettas mais activas, q̃ as de Apollo,
Suavizava dos Cyſnes o deſtino.
Das nuvens negras ſe cubria o Pólo,
De eſcumas brãcas ſe encreſpava a agoa,
De horriveis furias ſe valia Eólo.
Rayos forjava de Vulcano a fragoa;
Tantas Deidades, tantos Elementos
Querem ſer triſtes cauſas de hũa magoa!
Os que ſó devem ſer os inſtrumentos
Da alta felicidade dos humanos,
Os artifices ſaõ dos ſeus tormentos?

Adoremos decretos Soberanos,
Porque a fé, e a razaõ vê que saõ justos,
E os negaõ só sacrilegos profanos.
No animo heroyco nunca entráraõ sustos,
O valor muitas vezes da cautéla
Naõ attende aos avisos nunca injustos.
Por ver em Lise a sua amada estrella,
Despreza as que ou escuras, ou contrarias
Huma luz lhe escondiaõ menos bella.
De Leandro as finezas temerarias
Na erudita memoria hoje esquecidas:
O expõem cõ peito firme ás ondas varias.
Do amor, e da fortuna achou unidas
As sempre lamentaveis inconstancias,
Contra quem mais merece, prevenidas.
Incauto Palinuro, as ignorancias,
Perdido o leme, padeceo primeiro;
Pequeno emprego a tantas arrogancias.
Piedoso Melibeo, corre ligeiro
A soccorrê-lo, imita-o na clemencia,
E em tudo igual o illustre companheiro.
Iphis, que do perigo na violencia,
Naõ na fortuna, fino o acompanha,
E só venceo dos Fados a inclemencia.
De infernal furacaõ a furia estranha,
Tanta heroyca piedade abominando,
Desce do Imperio azul á azul campanha.

D

De Zefyro fugio o impulſo brando,
E aos implacaveis impetos do Noto
Ceo, terra, e mar ficáraõ vacillando.
O Bergantim ſem leme, e ſem Piloto,
Contra quem ſobejavaõ menos iras,
Sepultado ſe vio, perdido, e roto.
Anfriſo, tu deſmayas, tu ſuſpiras?
Tu, que antes me animavas, já cobarde
No fim da Tragedia te retiras?

Anfriſo.

Permitte-me, ó Fileno, me acobarde,
Que he nobre eſte temor, e ſe he poſſivel,
Faze que tanto mal hum pouco tarde.

Fileno.

Anfriſo, como o mal he infallivel,
E o teu preceito unido com teu rogo
Deyxa o ſilencio inutil, e impoſſivel;
Seja aſpero remedio o deſafogo:
Quando a prizaõ ſulfurea o Ethna rõpe,
Ninguem ſuſpende o rápido do fogo.
E pois que a tua voz naõ me interrõpe,
Acabarey o laſtimoſo caſo, (pe.
Por quẽ meu peito em lagrimas prorõ-
Antes que foſſe o mar eterno Occaſo
De Melibeo, que reſiſtindo á ſorte
Naõ prevenio eſte fatal acaſo:
O pinho arroja, que o opprime forte

E do

E dominando a quem o dominava,
Em triunfante carro vence a morte.
Invejoso Neptuno, porque achava
Quem naõ cedia ao seu feróz imperio,
Convocou de Protheo a furia brava.
Do centro do maritimo Hemisferio
Feridas do Tridente vem as Fócas
Da vida mais illustre em vituperio.
Naõ reservárão as occultas rocas
Monstros, q̃ pelo abysmo se introduzem,
Que naõ abrissem as horrendas boccas.
Os rayos de Diana inda naõ luzem,
E Melibeo, que intrépido vencia,
Já naõ acha as estrellas, que o conduzem.
Fiel Iphis primeiro o soccorria,
E ouve que humilde ao Ceo invoca pio,
Teme devoto, forte naõ temia.
Expõem-se por livrá-lo, e no desvio
Que fez dos dous irmãos a mayor onda,
Sepulta a Melibeo o Patrio rio.
Se Pollux vive, Castor naõ se esconda
Se naõ para viver, e repartida
Huma immortalidade os corresponda.
Thetis, de tanto mal compadecida,
As Nereidas, e as Tagides ao pranto
De Melibeo com lastima convida.
Ceruleo coro com funesto canto

Aug-

Augmenta com as lagrimas as agoas,
Foge das Focas o horrorofo efpanto.
Entre a neve o Amor accende as fragoas,
Ardem nas ondas os amantes rayos,
Nafcem das mortas cinzas vivas magoas.
Cantaõ as Nynfas tragicos enfayos,
E fuavizando as triftes confonancias,
Animaõ os obfequios nos defmayos.
De Suprema Deidade as finas ancias
Já nas margens auriferas feriaõ,
Interrompendo as doces diffonancias.
Da bella Franceliza conheciaõ
A fuaviffima queixa, o doce accento,
Que as maritimas grutas repetiaõ.
Thetis, tocando o funebre inftrumẽtõ,
Que a Melpomene rouba na Hypocrene,
Equivocava o canto, e o lamento.
Confagra a Melibeo rito folemne,
E em Semideos do Tejo o immortaliza;
Mas que Aquiles o inveje, e a condene.
Pois vê que hoje o adopta, e eterniza,
E o deyxa inteiramente invulneravel,
Que aquelle exemplo a prevençaõ lhe aviza.
Regenerado o Semideos amavel,
Melhor defende o Tejo, que Portuno,
Do

Do irmaõ o Imperio fica inexpugnavel.
Jove, que manda o Reyno de Neptuno,
Em alto solio quasi a si o iguala,
E o destino cruel faz opportuno.
O ambar mais puro já do amor exhala
Fumos fragrantes, que no sacrificio
Ardente culto ao Numen assignála.
Hum templo de crystal deo exercicio
De Glauco em breve tempo á rara idéa,
Só para ter a Melibeo propicio.
De coral o enriquece Galatéa,
E de nacar Doris o seu tecto esmalta,
As paredes de perolas Deyopea.
Estatua viva a Melibeo se exalta,
Fica divinizada a gentileza,
E nem da morte entre os horrores falta.
As laminas de aljofar tanta empreza
Em bem gravados symbolos publicaõ,
E nem occulta o mar a alta grandeza.
A' Fé, e á Religiaõ a hum tempo applicaõ
As mysticas figuras, que retrataõ
Luzes, que em Melibeo se multiplicaõ.
Ao valor Jeroglyphicos dilataõ
Em mais sólida fórma, e mais robusta,
Com que á Parca, e ao tempo desbarataõ.

Tem a Docilidade copia justa ;
Sinzel exacto representa o Regio
Do Sangue excelso na prosapia Augusta.
Mostra a verdade o seu semblante egregio ,
Sempre adorado , e pouco conhecido ,
Porque fugio do mundo ao sacrilegio.
A Generosidade , o mais luzido
Emblema achou, e em ouro bem gravado
Estava , ainda que prezo , diffundido.
Vê-se a Constancia em throno sublimado ;
Com rosto igual debuxa-se a Prudencia ;
Com suave attracçaõ está o Agrado.
Aguda a Discriçaõ , clara a Sciencia ,
Florida a Erudiçaõ , e laboriosa ,
E , unida com as tres , doce Eloquencia.
A Agilidade prompta , e vigorosa ,
E em ara triangular tem a amizade
Culto , que o mundo razas vezes gosa.
Hercules a sustenta , e persuade ,
Theseo a corresponde , e fino observa ,
Perithôo a merece na igualdade.
Tudo em sonhos me disse hoje Minerva,
E me inspirou Melpomene , ensinando
Quanto aos altos espiritos reserva.
Os meus barcos já deyxo naufragando,
As

As redes rompo, o porto, que bufcava,
Aborreço por placido, e por brando.
De Erice a altiva rocha eu dominava,
A quem deo nome Venus Ericina,
Que com candidos Cyfnes a illuftrava.
O caracol torcido, a concha fina,
De que a Lyra formou o Deos ligeiro,
A Mufa funeral hoje abomina.
O mar foy defte mal motor primeiro,
Naõ quero vê-lo mais, fuas mudanças
Tolere o ambiciofo aventureiro.
No bofque as florefcentes efperanças
De Melibeo o nome reproduzaõ
Em verdes folhas tragicas lembranças.
Do Tejo as agoas juftamente accuzaõ,
Pois ainda Melibeas as naõ chama,
Porque a taõ grande nome fe reduzaõ.
O mar Icario perpetûa a fama
De hum vôo transformado em precipicio,
A que a cega vaidade Febo inflamma.
Foy de Helle menos nobre o facrificio,
E em eterna memoria o Hellefponto
Deo da fua piedade claro indicio.
Naõ foy igual ao cafo, que te conto,
O que immortalizou com doce pena
As triftes ondas barbaras do Ponto.

Anfriso.

Cessa, Fileno, cessa, pois condena
O meu affecto em lagrimas afflictas,
Quanto a ti só Melpomene te ordena.
Dotes heroicos, glorias infinitas,
Tambem quero cantar, para que logo
As sciencias, e as artes tu repitas.

Fileno.

Seja o louvá-lo eterno desaffogo.

Anfriso.

Galhardo Melibeo, quando te via
Na caça nestes verdes orizontes,
Teu acerto, e teu braço parecia
Nobre estrago dos ares, e dos montes:
Velóz, e astuta a ave, que corria,
Faz que tu mais sublime te remontes,
Sem que possa livrá-la a azul esféra,
Nem verde asylo á mais horrivel féra.

Fileno.

O engenho mais sublime, e mais agudo
Se elevava, e feria mais activo,
E no amor da sciencia alcançou tudo,
A que naõ chega o sabio mais altivo:
Naõ basta aos argumentos forte escudo,
Mysterio occulto, ou inferior motivo
Naõ teve a natureza reservado
Ao douto Filosofico cuidado.

An-

Anfriso.

Se o visses dominar destro, e robusto,
De hum cavallo os impulsos vigorosos,
E quando mais ardente, e mais adusto
Render-lhe os féros impetos fogosos:
Mandar sem ira, executar sem susto
Da arte equestre os preceitos generosos;
Entenderás que o mar o acha opportuno
Para reger o carro de Neptuno.

Fileno.

Quanto nas Mathematicas ensina
Clara a verdade com principios certos,
Dos numeros na celebre doutrina,
Das linhas nos mysterios encobertos:
Lusitano Archimedes examina,
E deyxa os seus segredos descobertos;
Mas sendo eterno o circulo, que apuras,
Naõ te haõ de comprehender tantas figu- (ras.

Anfriso.

Scientifico fazia o exercicio
Da negra espada nos ensayos claros,
Robusto esgrime, mas naõ quer propicio
Que sirvaõ ás offensas os reparos:
Pois quando fora debil sacrificio
Todo o valor, a golpes taõ preclaros,
Os impulsos activos da violencia,
Moderava nas iras a prudencia.

Fi-

Fileno.

Tanto ſabia do Latino idioma,
Que adoptariaõ ſuas doutas frazes
No mais polîdo ſeculo de Roma
Horacios puros, Tullios efficazes:
E quanto Italia, Heſpanha, e França toma
Da origem Lacia as linguas ſó capazes,
Deve á ſua eloquencia os documentos,
Em Lyricos, Rhetoricos accentos.

Anfriſo.

Doce harmonîa em clauſulas canoras
Compunha o Cyſne, que no Tejo morre,
Velóz o plectro a agitaçoens ſonoras,
Sem faltar á cadencia a lyra corre:
Ayroſo, e deſtro nas nocturnas horas
Hum Coliſſeo magnifico diſcorre,
Na muſica ſe vê a melodîa,
Na dança ouvem os olhos a harmonîa.

Fileno. (bre,

Quanto a fabula em véos ſubtil enco-
Quantos ſucceſſos referio a Hiſtoria,
Quanto erudita a Critica deſcobre,
E acha a Filologia na memoria:
Feliz emprego da attençaõ mais nobre
Deo aos vaſtos eſtudos tanta gloria,
Que quaſi em cinco luſtros pareciaõ
Que nas folhas dos livros floreſciaõ.

An-

Anfriso.

Pincel polîdo, e remontada penna
Destros rasgos com vôos elevados
Fia ao papel, a quem a fama ordena
Que fiquem no seu Templo debuxados:
Com caracter perfeito assim condena
Caracteres vulgares, que apagados
Indigno emprego a hum Escritor famoso,
Vem inutil o jaspe, o bronze ocioso.

Fileno.

Mas huma voz ao longe mais suave
O Epicedio interrompe, o ar lastima.

Anfriso.

He Filomena, que lamenta grave
O grande mal, que a Aurora desanima?

Fileno.

Naõ he taõ triste, ou harmoniosa a ave,
Como esta, que desmaya quanto anima.

Anfriso.

Ouve, q̃ he Lise quẽ cantando assombra,
Que ao silẽcio deo voz, deo luz á sombra.

Lise.

Melibeo adorado, já que a sorte,
Para que eu morra mais, naõ quer que espire,
E a vida em q̃ ainda vive a minha morte
Faz, porque dure o fogo, que respire;

E já

E já que ſurdo o mar, tyranno, e forte
Entre as ondas naõ deyxa que ſuſpire,
Sem que penetrem no rigor das magoas
Os ſuſpiros em ar, do pranto as agoas.

Para chamar por ti, a eſte deſterro
Buſca ſaudoſa huma infelice amante:
A côr das eſperanças, he hum erro,
Que liſonjêa huma alma taõ conſtante:
Tem vizos de ouro, e coraçaõ de ferro
O Tejo, que te rouba naufragante,
E ſe a firmeza no ſeu centro occulta,
Como a ti ſó, e a mim me naõ ſepulta?

Se naõ baſta o carinho de meus braços
Para reſuſcitar-te, donde fino
Te naõ deixe outra vez romper os laços,
Mas que o queira fatidico o deſtino:
Vê que te chama Aonia, os ſeus abraços
De affecto paternal emprego digno,
Com Pierio, e com Inaço renovem
Os nomes Regios, que o reſpeito movem.

Verey ſe he a innocencia mais activa,
Já que foy a fineza delinquente,
Mas ſe do meu affecto a chamma viva
Naõ baſta, as outras obraõ tibiamente:
Se naõ accende as ondas, e ſe altiva
Naõ leva aos Ceos hum holocauſto ardente,

Ou se perca entre os Astros, ou naufrague,
Certa estou, Melibeo, que naõ se apague.
Ainda que congelasse a errante neve
A tua bella estatua crystallina,
A animá-la o meu peito aqui se atreve,
Sem usurpar ao Ceo chamma Divina:
E se a huma idolatria o premio deve,
Quem a outra rendeo victima fina,
Corra o véo o maritimo theatro,
Verá se ao dar-lhe espirito a idolatro.
Naõ temo q̃ chegasse a corromper-se
Quem de mim nunca pode dividir-se,
E se em meu coraçaõ veyo a accender-se,
Como hũ eterno ardor vejo extinguir-se?
Tambem sey que naõ ha de desfazer-se
Quem á minha firmeza soube unir-se,
E se em urna inconstante as cinzas vagaõ,
Na pyra de meu peito naõ se apagaõ.
Thetys cruel; a tua sorte invejo;
Mas naõ hey de imitar tua inconstancia:
Sol menos bello entre os teus braços vejo,
E cada dia o largas sem constancia:
Quem te chamou formoso, horrivel Tejo,
E achou suave a tua dissonancia!
Finges, e ainda és mais barbaro q̃ o Nilo,
Dourado Monstro, vago Crocodilo.

Meli-

Melibeo, Melibeo, naõ me refpondes?
Pois immudeça o meu fentido canto;
E fe nas agoas tragicas te efcondes,
Porque naõ efcolhefte as de meu pranto?
Mas fe divinizado conrefpondes
A hum fino affecto, que te adora tanto,
Faze que eu feja na immortal idéa
De melhor Acis nova Galatéa.

SEN-

SENTIMENTOS DE D. PEDRO, E DE D. IGNEZ DE CASTRO,

POR

MANOEL DE AZEVEDO PEREIRA.

PRIMEIRA PARTE.

I.

ERa na meya idade, a que chegava
Em fragoas de zafir o Sol que ardia,
E nas azas do tempo, que voava,
Icaro de ſeus rayos era o dia:
Quando com flãmas de ouro ſe abrazava,
Que morrer incendido entaõ queria,
Sendo por renaſcer com novo alarde
Em cinzas de rubim Feniz da tarde.

II. Na

II.

Na lisonjeira planta se enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia,
E nos jardins a rosa, que encalmava;
Em berços de esmeralda adormecia:
A simplez avezinha se banhava
No murmureo correr da fonte fria,
Renovando na vista, e doce alento
Narcisos nos crystaes, Orféos no vento.

III.

Mas Ignez, que por penas só vivia,
Naufragando em soluços cada instante,
Ignez, aquella Ignez, que amor fazia
Por lhe dobrar as magoas mais constante:
Aquella, em cujas graças competia
Ser formosa, discreta, e ser amante;
Em cujas prendas naõ tiveraõ parte
Artificios da industria, invenções da arte.

IV.

A que nos dotes da alma taõ possante,
Discreta, grave, terna, e generosa,
Que, da mesma belleza sendo Atlante,
Tinha por menor prenda o ser formosa:
Nos donaires do talhe taõ galante,
Nos alinhos da graça taõ vistosa,
Que, topando na culpa de Narciso,
Fora sem culpa o seu discreto aviso.

V. Mas

V.

Mas qual o passarinho descuidado ,
Lisonja mais gentil da tenra idade ,
Foy das mãos do menino aprisionado ,
Que lhe roubou no laço a liberdade :
E quando delle mais galanteado
Exprimenta no mimo a crueldade ,
E quando a cor das pennas lhe contenta ,
Mas que lhe tira,muitas lhe accrescenta.

VI.

Tal Ignez na manhaã dos tenros annos,
Nas primeiras auroras da esperança
Deo nos laços de amor doces enganos ,
Do vendado rapaz linda vingança :
Mas os golpes da Parca deshumanos
A belleza por flor em flor alcança ,
E exprimentou na sempre amarga sorte
Por mãos do Deos de amor armas da (morte.

VII.

Eraõ gentil emprego a seus cuidados
As finezas de Pedro , que a beldade
Soube nellas trazer aprizionados
Ceptro , Coroa , vida , e liberdade :
Entre ambos tinha amor já taõ ligados
Os soltos alvedrios da vontade ,
Que foy nelles baldado , e foy perdido
Nascer Anteros , por crescer Cupido.

VIII. Mas

VIII.

Mas oh tyranna dor, que amor invent
Forçosa foy de Pedro a dura auzencia ,
Atropos da alma , que da pena izenta
Sabe nella sentir mortal violencia :
Como prezo partir-sé Pedro intenta ,
Ignez na alma sentio nova inclemencia ,
Que quer a sórte , pois amor ordena ,
Onde naõ chega a morte, offenda a pe

IX.

Quantas vezes, Ignez, no pensamen
Este dezar notaste a teus favores ,
Quantas vezes, Ignez, nas mãos do ve
Os viste , vês agora , e verás flores !
Tanto nas affeiçoens gosto avarento
Este pezar sentiste em teus amores ,
Que naõ posso dizer que neste empreg
Estavas , linda Ignez , posta em soceg

X.

Entre os braços de Pedro ardẽte frag
Se acosta Ignez sem vida , e sem sentid
Que multiplica a dor , e dobra a magoa
Lograr presente o bem, q̃ he já perdido
Dos olhos solta dous chuveiros de agoa
Oceanos de neve , onde Cupido
Quiz da belleza já molhando as vélas ,
Chegasse a tempestade até ás estrellas.

XI. Qu

XI.

Qual em berços de purpura olorosa,
Delicias da manhaã, da tarde empreza,
Dos melindres de flor enferma a rosa,
Desmayado o valor, murcha a lindeza:
A que já foy de Abril pompa lustrosa,
Livro de amor, emblema da belleza,
Perde a graça, por ver que o Sol lhe talha
Do mesmo carmesim gálla, e mortalha.

XII.

Tal do fogo de amor na immẽsa calma
A cor Ignez perdeo, que amor ordena
Os desmayos, q̃ tinha impressos n'alma,
Trasladasse no rosto a viva pena:
Já despojo da dor, da magoa palma,
Com respirar de flor, ar de açucena,
Exhala nova dor ao pensamento
Em saudosos ays o doce alento.

XIII.

Ay caduco prazer, diz lastimada,
Esperança de hum bem, doce tormento!
Ay que por verde murchas apressada
Primavera de amor, da dor portento!
Ay melindrosa flor agonizada,
Despojado jasmim de qualquer vento,
Que quando nasce traz na mesma alvura
Gálla, mortalha, berço, e sepultura!

XIV. Ay,

XIV.

Ay, que chegas, ó dia , em q̃ amor tira
Duas almas de hum peito ! oh noite fria!
Oh noite , digo , porque a quem ſuſpira
Foge a luz , morre o Sol , acaba o dia :
A bocca , de que hum ay outro ay retira
Já cançada , mais baixo repetia :
Paray , Senhor ; mas hum ſoluço ardente
Suffoca o par , repete o ay ſómente.

XV.

Paray ,torna a dizer,meu goſto amado,
Gloria deſta alma em quãto gloria tinha;
Mas ay, allivio meu , ay meu cuidado ,
Como podeis parar , ſe he gloria minha !
Mas ſe deſtina o Ceo , e manda o fado
Eſta alma caſtigar, que amor mantinha,
Deixay-me a voſſa,porque a ſórte ordene
Mais almas tenha , porq̃ aſſim mais pene.

XVI.

Mas naõ, q̃ he contra amor eſta porfia;
Mas naõ , q̃ deixo amor niſto aggravado :
Muitas almas naõ quero , que ſeria
Repartir o tormento a meu cuidado :
Mas ſe a pena permitte companhia
Neſta auzencia cruel , (oh triſte fado!)
Antes que a dor a roube da partida ,
Levay-me , vida minha , a minha vida.

XVII. Só

XXVII.

Quando o menino deos, e a Aguia cega,
Que regala cruel, ſuave mata
O peito, que a ſeu peito culto nega,
De ſettas de ouro branco fez de prata:
No cortez mimo a clara viſta emprega,
Mais amoroſa ja, menos ingrata,
E bem que eſtima de tal fé o abono,
Se o naõ perdera por achar ſeu dono.

XXVIII.

Pinta entre ſi do outro a doce guerra,
E tanto os olhos, e faces lhe enriquece,
Que hũ mappa faz do Ceo, outro da terra,
Quando aquelle mais luz, e eſta florece:
Buſca no prado a quem no peito encerra,
E a par de hũ trõco em fim, q̃ sõbras tece,
Reſiſtencias do Sol, guerra da calma,
Achou ſeu corpo, mas perdeo ſua alma.

XXIX.

O corpo vio nas flores reclinado,
Porèm cuidando ſer morte ſuave,
O que era ſó repouſo deſvelado,
Cortez ao ſomno, á vigilancia grave,
Teme o querido, evita o deſejado,
Naõ ſabe proſeguir, nem tornar ſabe,
Qual borboleta, quando as luzes gira,
A quem o amor impelle, e o temor retira.

XXX.

Em fim chegou, e vendo neve, e rosa,
Que na maõ, e na boca affina as cores,
Sente menos cruel, mais amorosa,
Fogo entre neve, aspid entre flores:
Do Ceo imaginava a fronte ayrosa,
E do Sol os cabellos brilhadores,
Mas entre o Sol, e Ceo toda se assombra
De ver o Ceo na terra, o Sol na sombra.

XXXI.

Que pudera render se persuade
O pastor, mais que Paris bem disposto,
Naõ só Venus, mas toda a mais deidade
Com as ricas maçaás do bello rosto:
Por delictos as julga, e com verdade,
Pois de tudo se esquecem com seu gosto;
Mas quando nellas vê taõ lindas cores,
Por fructo naõ as tem, tem-nas por flores.

XXXII.

Cercando a grossa bocca buço louro,
Huma singular rosa construia
Com pedra de rubim, engaste de ouro:
Veneno em tudo a Ninfa em fim bebia,
Veneno, que do nectar he desdouro;
Porèm bebendo mais, mais se embebia,
Menos sedenta está no rio, e fragoa
De fogo salamandra, adiça em agoa.

XXXIII. Por

XXXIII.

Por poſtigo ſubtil, que o ſomno experto
Nas raſgadas janellas do ſeu roſto
Deixára mal fechado, mal aberto,
Conſidera o paſtor da Ninfa o goſto:
E que deixára a Troya tem por certo
A bella Ninfa engano bem compoſto,
Ao abrir das janellas, onde encerra (ra.
Guerra de Marte naõ, mas de amor guer-

XXXIV.

Abre em fim as janellas elegantes,
Donde hum par de meninas apparece,
No ſer meninas, no maior gigantes:
Deſperto amor com olhos ja parece,
Quem Sol ſem elles parecia d'antes;
Pelos da Ninfa hum doce fogo deſce
Ao coraçaõ, que ardendo bate as azas,
Naõ por fugir, por avivar as brazas.

XXXV.

Mais branda cada vez, menos ſevéra,
Menos ſe difficulta, mais ſe inflamma;
Porèm ſeu peito avara recupera,
Quando ſeu amor prodigo derrama:
Hum tronco de frondoſos braços era
Pavilhaõ de huma verde, e doce cama,
E cortina tres vides, cujos laços (ços.
Grilhões na planta, algemas ſaõ nos bra-

XXXVI.

Sobre hum verde tapete, donde affina
Seu primor Flora, e vence com mil cores
Quanto America lavra, e tece a China,
Se aſſenta a nova deoſa dos amores:
Como a Doris ſegundo a quem deſtina
O amor delicias, e o ciume dores,
Promettendo-lhe em huma, e outra parte
Huma Venus gentil, hum novo Marte.

XXXVII.

Voaraõ triſtes junto ao verde leito,
Aves da noite, ſem temer o dia,
Moſtrando triſtes o funeſto effeito,
Que contra os dous amantes ja ſe urdia:
Se ja naõ foy que voos deſte geito
Eraõ voz, que ao retiro os perſuadia,
Clamando q̃ deixaſſem hum breve goſto
Por fugir á violencia de hum deſgoſto.

XXXVIII.

A ſombra deſta vide, que dilata
Pompoſos ramos de hum verde claro,
Ao Sol os furta, que com rayos mata,
Quando irado, e cioſo o monſtro raro
Hũa rocha humilhou, q̃ ás náos he grata;
Porque as conduz ao porto, como Faro
Ficando aſſim por huma, e outra via,
Faro, mas cego; rocha ſim, mas pia.

XXXIX. Mais

XXXIX.

Mais alta rocha sobre a rocha muda
Dá sonoroso alento á rouca avena,
Cuja horrorosa voz, agreste, e ruda
Deixa a tuba mayor frauta pequena;
A Ninfa o ouve, e o medo a cor lhe muda
De ardente rosa em candida açucena;
Fugir ao som naõ póde, ou naõ se atreve,
Porq̃ o medo lhe põem grilhões de neve.

XL.

Da tuba rouca o som grandes espaços
Horrendo geme, atroa ruidoso:
Sendo prizaõ aos pés, algema aos braços
Tira o ligeiro a ambas, e o forçoso;
Das mãos tira o vigor, aos pés os passos;
Temem da voz o canto pavoroso,
E concebem da voz hum horror tanto,
Que a morte ambos quizeraõ, mais que o (canto.

XLI.

O' gentil Galathea, mais suave,
E branca mais que as pombas de Cupido,
Mais formosa que o passaro, que grave,
Ouro a coroa, purpura o vestido,
He das aves o Sol, e do Sol ave,
Naõ menos grata, que o jardim florido,
Mais doce, quãdo a calma, e frio assõbra,
Que o Sol no Inverno, q̃ no Estio a sõbra.

XLII. As

XLII.

As grutas deixa, tece o cabello louro
De ouro, ou zafir da undosa Monarchia,
Que sobre seu azul fará teu ouro
Parar a noite, e proseguir o dia:
A teu pé deve o naear o thesouro,
Que com liquida neve o orvalho cria;
Pois teu cabello largo, e teu pé breve
Cifra os rayos do Sol, da Aurora a neve.

XLIII.

Cruel filha dos mares, cujo ouvido
A' minha voz he de aspid ao encanto,
A's agoas deste entrega teu sentido
Deste musico triste ao doce pranto, (do
Que os ventos tem calado, e immudeci-
Com a voz de falcaõ, e d'Orfeu canto,
Immudecendo entre hũa, e outras vêas
Do rio os cysnes, as do mar sereas.

XLIV.

Pastor sou, mas por estes horizontes
Quando bebe o meu gado, quando pasce,
Furta ao mar rios, corre á terra montes,
E fórma a laã, e leite, que lhe nasce,
Móres outeiros, naõ menores fontes,
Iguaes ás que por huma, e outra face
Descem a meu peito, q̃ cõ novo encanto
Dentro arde em fogo, fóra arde em prã-
to

XLV. Mais

XLV,

Mais do q̃ as flores, e q̃ orvalho as flores
Arvores tenho, onde abelhas crio,
Que ſahem de hũa, e entraõ de mil cores
De flores chêas, ricas de rocio:
Unindo cada tronco ſeus licores,
O que foy breve orvalho, he largo rio,
Onde ſe muda, para mór theſouro,
O prãto da Alva em riſo, a prata em ouro.

XLVI.

Tendo meu pay a Jupiter ſegundo,
Naõ ſegũdo em valor, ſegundo em ſorte,
Mal póde a larga terra, o mar profundo
Dar-te ſogro mayor, mayor cõſorte: (do
Naõ me deſprezes, quãdo admira o mun-
Minha excelſa eſtatura, e peito forte,
Qual outro nunca vio o Rey do Pindo
Do Nilo ao Tanais, e do Tejo ao Indo.

XLVII.

Trinacria o breve Ceo, o Ceo nevado,
Trinacria, q̃ he do mũdo nobre emporio,
Deve a meu corpo Atlante levantado
Hũ novo monte, hũ quarto promontorio:
Se pois ao Ceo Atlante eſtá chegado,
E o Sol primeiro aos montes he notorio;
Bem ſerá, bem, que teus favores cante,
Sendo Atlante a teu Ceo, e a teu Ceo
monte.

XLVIII. Ao

XLVIII.

Ao Sol vi hoje, e vi-me juntamente
No quieto cryſtal de hum lago frio,
Por ſinal que me foy ſua corrente
Eſpelho pouco, ſendo largo rio:
Meu olho radiante, e o Sol luzente
Ficáraõ neſta viſta ao deſafio
Taõ huns na luz, que fomos neſta guerra
Elle do Ceo gigante, eu ſol da terra.

XLIX.

De minha gruta pende no rochedo
O truculento vulto, e pelle ayroſa,
Com que nos brutos cauſa amor, e medo
A fantaſma por fêa, e por formoſa:
Laſtimoſos ſinaes outro penedo
Dos peregrinos deſgraçados goza;
Porèm ja a dar hoſpicio me accómodo,
E ſe antes Marte fuy, amor ſou todo.

L.

Mais de perolas chêa, que de vento
Igualmente de bens, e males chêa,
Huma frota deſſe humido elemento
Beijou meu porto, e abraçou a ar a:
Eſte de cera, e cana inſtrumento
Era entaõ doce freyo á ſalſa vêa
Com taõ ſuave ſom, que bem pudéra
Ser açucar na cana, e mel na cera.

LI. Quan-

LI.

Quanto o rico Senhor do roto pinho
De metaes, e de aromas me apresenta,
Com que o Feniz fabrica, e tece o ninho,
E com que doura o Sol, e o feto argenta,
Tudo te offereço: rompe o véo marinho
Naõ te escondas, q̃ a luz sẽpre se ostenta;
E se vem na celeste Monarchia
As Estrellas de noite, o Sol de dia.

LII.

Ao grato hospicio hum novo peregrino
Tributou! quanto verte, e quanto chora
Electro louro, aljofar crystallino
A triste Lampetusa, a alegre Aurora:
E com engaste de metal mais fino
Hum niveo som, que dente eburneo fora
Do feroz bruto, q̃ os mais fortes traga,
Torres sustenta, exercitos estraga.

LIII.

Arco digo gentil com settas de ouro,
Obra feliz de artifice famoso,
Que em tua maõ de seu marfim desdouro
Será, se menos branco, mais ditoso:
Pois imitas em luz a Febo louro,
A Febo imita em arco taõ lustroso;
E assim ficareis ambos nesta guerra
Elle arco do Ceo, tu Sol da terra.

LIV. Aqui

LIV.

Aqui romperaõ cabras petulantes
Seu duro canto, naõ seu brando effeito,
Desenlaçando as vides, que eraõ d'antes
Cortinas frescas do pomposo leito:
Porèm vendo o Monarcha dos gigantes
Trocada a sorte assim por este geito,
Pedras, e vozes despedio ligeiras,
Mais duras as segundas, que as primeiras.

LV.

Os montes pelos ares vaõ voando
Com furia tanta ao longo arremessados,
Que lá aonde chegaõ, vaõ formando
Novos montes mais altos, e elevados:
Naõ cessa de atirar, nem de ir gritando
Com força tanta taõ medonhos brados,
Que a terra treme, o Ceo, e o mar suspi-
Hum do que falla, outro do q̃ atira. (ra

LVI.

Estraga o pavilhaõ com furia brava
Pedras arremessando, que puderaõ,
Segundo a força, com que as atirava,
Arruinar ao mundo, se quizeraõ:
Mas como só com ellas intentava
Vingar a affronta vil, que lhe fizeraõ,
Que só soffraõ os dous o golpe ordena,
E que quem fez a culpa, ature a pena.

LVII. Ven-

LVII.

Vendo que ao mar com Galatea desce
Medroso Acis, o Cyclope tyranno
Tantas rochas atira, que parece
Naõ Polifemo ja, mas Centimano:
Rayos Jove! Pois rayos bem merece
Este novo Tyfonte deshumano, (mo!
Que ao Ceo se atreve: rayos Deos supre-
Que Acis he Ceo, Tyfonte Polifemo.

LVIII.

Hum penhasco arrancou mais levantado,
E nesta pedra tantas vezes dura
Teve o Pastor ditoso, e desgraçado,
Primeiro do que a morte, a sepultura:
A doce Ninfa do seu mar salgado
O deos convoca, e seu favor procura,
Vem todos aonde á morte rende a palma
O corpo do Pastor, da Ninfa a alma.

LIX.

Ja Polifemo está de espanto absorto,
Vendo correr por purpura rocio;
E a penha, que foy alma de Acis morto,
Urna permanece, e de Acis rio:
Conserva seu licor, que foge ao porto
De membros de crystal da morte frio;
E seus olhos, e vêas nesta mágoa
Ficaõ olhos de fonte, e vêas de agoa.

Oh

LX.

Oh gloria mal presente, e mal passada!
Oh delicia de amor, qual vento leve!
Mais que o fogo de hũ rayo accelerada,
Naõ menos mobil, q̃ de hum rio a neve!
De Veraõ noite, quando mais pausada,
De Inverno dia, quando es menos breve,
He bem caduco o cego, que confia
Em vento, em fogo, em neve, em noite
em dia.

A F. Que perdeo hum Cupido de coco, que trazia, de que só lhe ficarão as azas.

ROMANCE.

FAzer hum Romance quero,
Mas duvidoſo me ſinto
Se o faça grave, ſe agudo,
Se o faça creſpo, ſe lizo.
Vá de véras, vá de graças,
Que ſendo aſſumpto Cupido,
Pede véras, como deos,
Quer graças como menino.
A vós, bella Tisbe, invoco,
Porque eſtou perſuadido
Que acharey de Apollo muito
Em quem de Sol tanto admiro.
Hum Cupidinho perdeſtes,
E por ſinal que imagino
Que me haveis odio cobrado,
Pois haveis o amor perdido.

Era

Era de coco o rapaz,
Que junto a gesto taõ lindo
Ficou feito como hum coco,
Sendo bello como hum brinco.
Azas no gibaõ deixou,
Mas eu sey que o Cupidinho,
Se se tem ido sem azas,
Sem penas se naõ tem ido.
Tantas deixou na partida,
Que bem póde o deos mal visto,
Sem deixar comvosco as suas,
As vossas levar comsigo.
Naõ podendo amor com todas,
Procedeo como muy fino,
Porque largou as do vôo
Por levar as do martyrio.
Largou-as, porque depois
Que a tal Ceo teve subido,
Voar mais era impossivel,
E menos naõ era brio.
Naõ foy senaõ, porque estando
De tal gloria dividido,
Ir pezado era fineza,
Andar leve era delicto.
Ou foy talvez por mostrar
Que estava de vós ferido,
Pois ave, que deixa as pennas,

Pu-

Publica que leva os tiros.
Por ver se lhe daveis azas,
Azas vos deo, mas eu digo
Que naõ foy por isso só,
Foy tambem por isto, e isto.
Foy, porque de vós ausente.
Dava mostras, dava indicios
Com as azas de ser vario,
Sem as azas de ser fino.
As azas deixou no peito,
Porque fora desvario,
Chegando do Ceo aos globos,
Torná-las do vento aos giros.
Icaro de vossas luzes
Azas perdeo, e achou riscos,
Que naõ quer Sol taõ brilhante
Ter Icaro menos digno.
Deixou no gibaõ as penas,
Porque as do Senhor de Egnido
Quando vaõ entrar-vos na alma,
Vos tocaõ só nos vestidos.

Carta a hum amigo, em que lhe dá conta de huma jornada.

ROMANCE.

PAulo, ſe novas quereis
Daquelle valle feliz,
Illuſtre esféra de roſas,
De eſtrellas bello jardim;
E ſe tambem as venturas
Deſte moderno Amadîs,
Naõ de Gaula, mas de Garça,
Que nunca temeo nebli.
Vá de verſos, vá de novas,
Mas naõ eſpereis aqui
Mentiras de Poeſias,
Verdades de hiſtoria ſim.
Pezava em caſa de Aſtrea
Dos Aſtros o Gran Sofî
De prata em duas balanças
Reſplandores de ouro mil.
A doce mãy de Memnon,
De Faetonte o pay gentil,

Aca-

Acabava de chorar,
E começava de rir:
Mas melhor me explicarey,
Se vos escrever assim:
Era ja Settembro entrado,
E o Sol queria sahir,
Duas figuras dos Gregos,
Que seguiaõ por seguir,
O confuso D. Noutel,
Quero dizer D. Luiz.
Mas deixando aves nocturnas,
Junto com o Sol sahi
Bem posto, e melhor disposto
Do que alface por Abril.
O Luz, Sol destas estradas,
Se foy diante de mim,
Que como sou Rey dos Magos,
Com luz diante parti.
Dez cabras me acompanharaõ;
Se naõ periguey, roî
Oito, ou nove çapateiras,
Com que bellas obras fiz.
De huma pescada naõ trato,
Que ao meu pobre nariz,
Bem que melhor naõ cheirava,
Cheirava mais que hum jasmim.
Para se ver até boca

Minhas armas de Pariz,
Levey tres lustrosos frascos
De polvora carmesim.
Desta sorte petrechado
Passey o Mondego, e vi
Em poucos momentos d'agoa
De arêas seculos mil.
Apeey-me junto a Cêa
Outros dizem que cahi,
Lançou a fugir o macho,
Lançou o moço a fugir.
Mas para que me detenho
Neste successo infelíz,
Se a renovar a dor torno,
A molestia a referir?
Pelas doze, ou pouco menos,
Cheguey a Semide em fim,
Naõ por andar pouco a besta,
Mas por andar muito sim.
Jantey, e dormí hum pouco,
Tres horas digo, dormi,
Que isto de dormir tres horas
He muy pouco para mim.
Fuy-me logo a conversar,
E agora, Musas, aqui
Requintay as cordas de ouro,
E a cythara de marfim,

Logo vi a vossa irmaã,
Vossa irmaã ausente vi,
Serafim pelo discreto,
Pelo bello Serafim.

Ao grande Luiz assistia,
Bem que ella he taõ gentil,
Que para assistir a hum grande
Lhe basta assistir a si.

Deo-me as bem vindas modesta,
Eu de como respondi,
E comecey a calar
Por interesse de ouvir.

O que ouvi, dizer naõ posso,
Que conceitos taõ subtîs
Só quem os souber dizer,
Os saberá repetir.

Chegou logo alli Correa,
Bello esplendor de Mongil,
Que melhor que as cinco Zonas,
Os Ceos pudéra cingir.

Vieraõ doces diversos,
Naõ muy doces para mim,
Porque me soube melhor
O que ouvi, que o que comi.

Com vergonha, e ambiçaõ
De alli naõ poder luzir,
O dia vi retirar,

E vi logo a noite vir.
Sepultou o Sol ſeus rayos
No tumulo de zafir,
E de luz tanta eclipſado
Naõ era Sol, mas Sol criz,
Agradecido, e cortez
Logo entaõ me deſpedi,
E caminhey para Cêa,
Sem de Semide ſahir.
Ceey, e naõ digo muito,
Porque ja ſabeis de mim,
Que quando tenho vontade
Naõ hey miſter perrexil.
Logo depois de cear,
Do apoſento ſahi,
Paſſeando, e mais o Luz
Para o ſomno divertir.
Varias queſtões propuzemos,
Eu ao Luz, e elle a mim,
Elle para as ſublimar,
Eu para as diminuir.
Das redes de amor zombey,
De ſeus incendios me ri,
Com donaires gracioſos,
Com picantes anexins.
Chamey fraco ao deos mais forte,
Vede a quanto me atrevi;
Annaõ

Annão ao mayor gigante,
Cego ao lince mais ſubtil.
Chamey ás feridas grandes,
Que em peitos daõ varonís,
Picadinhas de alfinetes
Em coraçoens de alfenim.
De livre me gloriey,
E de bronze prezumì:
Ri-me de ſeu mór tormento,
E de ſeu goſto me ri.
Baſta, naõ contemos mais,
Que daõ muito que ſentir
Lembranças, que hum desditoſo
Tem de quando foy feliz.
Demais que ja tem chegado
Aquella beſta ruim,
Cuja ligeira fugida
Aó principio referi.
Leve-te o demonio, macho,
E mais quem te trouxe aqui;
Agora me vens buſcar,
Quando havias de fugir?
Quando eſtou taõ deſcançado,
Dize-me, beſta, a que fim
Me vens privar deſte bem?
Dize me que mal te fiz?
Vay te em paz, foge ligeiro,

Assim vivas gordo, assim
Por cavallo de S. Jorge
A casa te vaõ pedir.
Se me foges, oh que fama
Taõ grande te ha de seguir!
Competidor do Pegaso,
Das Musas serás rocim.
Vivirás sempre em meus versos,
Illustre macho, e por ti
Se dirá Machina a fonte,
Que Caballina se diz.
Estas palavras lhe disse,
Esta petiçaõ lhe fiz,
Mas naõ querendo entender,
Me constangeo a partir.
Montey nelle, e entaõ cuidey
Que me dizia que sim,
Porque lhe ouvi muitas vezes
Em alta voz dizer im.
Cri que queria deixar me;
Porèm estirado alli,
Se o moço, que me assistia,
Naõ tivesse maõ em mim.
Caminhey, deo duas voltas
Com bizarria gentil,
E levantando-se em gemeas,
Gemendo no chaõ me vi.

Os

Os que viraõ esta desgraça,
Se começaraõ a rir,
E tantas vayas me deraõ,
Que estive quasi em me ir,
Porque foy taõ grande a quéda,
Que a morte muy perto vi,
Inda que naõ a cavallo,
Estirado no chaõ sim.
Mas ser grande cavalleiro
Entaõ claramente vi,
Pois perdendo as estribeiras,
Os estribos naõ perdi.
Oxalá que eu os perdera,
Que nunca me vira assim;
Porque prezo a hum estribo
Muy longas terras corri.
Como ao infame do macho
Ser Pegaso prometti,
Como Pegaso voava,
Levando-me atraz de si,
Creyo que por minhas culpas
Levey castigo taõ vil,
Quando ao rabo de hum cavallo
Arrastado me vi ir,
Pára, macho do diabo,
Pára mii, pára rocim,
Lhe dizia; porèm elle
Nenhum caso faz de mim.

Ao

Antes virando o focinho,
Cuidey se ria de mim,
Quando o vi a brir a boca,
E os dentes descobrir.
E o caso vinha a ser,
Que o macho entre manhas mil
Tambem tinha a de morder,
Quando parecia rir.
Eu naõ fiquey todo trigo,
Quando taõ alegre o vi,
Antes cuidey que fazia
O mú cevada de mim.
O Luz naõ apparecia,
Nem me podia acudir,
Pois naõ podia haver luz
Quando estrellas tantas vi.
A manhaã vinha rompendo,
Mas eu entaõ entendi
Que sahia a enforcar,
Quando alva lhe vi vestir.
A traz vinha logo Apollo
Com galla muito gentil,
E em lugar de campainha
Tocar hum sino lhe ouvi.
Nem faltava alli Justiça,
Porque, como eu adverti,
O Sol trazia balanças,
Sinal proprio de aguazil.

Parou de canſado o macho,
E eu torney a ſubir,
Sobre canſado, corrido
De ver o quanto corri.
Deſpedi-me: ay que tormento!
Já naõ poſſo proſeguir,
Que ainda ſinto a dor paſſada,
Como preſente a ſenti.
Deſpedi-me, mas que digo,
Se fiquey, quando me vim
Deſorte, que aſſiſto lá,
Inda mais que aſſiſto aqui!
Para deſcobrir tal pena
Poucas eraõ linguas mil,
Mas com dizer que chorey
Creyo que as deſcobrí.
Mil a mil lagrimas ternas
Do meu coraçaõ verti,
Com que o da terra elemento
Elemento de agoa fiz.
Mas vejo que já vos canſo
Com tanto chorar, e rir:
A Deos, Paulo, que vos guarde,
E naõ ſe eſqueça de mim.
Hoje treze de Settembro,
Na quinta de S. Martim,
Annos cincoenta e quatro
Com ſeiſcentos ſobre mil.

A SANTA IZABEL Rainha de Portugal.

MOTE.

Quando da guerra eſpantoza
Fazeis paz dourada, e quando
Dais ouro, ficais mudando
Ferro em ouro, e ouro em roza.

Gloſſa.

I. DECIMA.

REndido a laſcivo ardor,
E tyranno do amor puro,
Fez Diniz, amante impuro,
Guerra a voſſo puro amor:
E Affonſo a Diniz, traidor,
Guerra, que eſpanta furioza;
Mas vós de ambas victorioza,
Gloria alcançais ſoberana
Da guerra de amor tyranna,
Quando da guerra eſpantoza.

II. Sof-

II.

Soffreis mal conrefpondida
Do Efpozo Rey grave offenfa,
Quando o Santo amor difpenfa
Paz na guerra embravecida:
Onde a furia he mais crefcida
Eftá voffo Zelo obrando;
Soffreis, orais, e moftrando
O valor, que o peito efconde,
Caufais amor puro, donde
Fazeis paz dourada, e quando.

III.

Com caridade exceffiva
De humanas calamidades
A tantas neceffidades
Remedio dais compaffiva:
Grandeza caritativa
Nos pobres fe eftá admirando,
Taõ largo Thefouro dando,
Que a miferia affim em riqueza
(Pois com liberal grandeza
Dais ouro) ficais mudando.

IV.

Turbava ao Mondego, e Douro
De Affonſo o pertinaz erro,
Mas vós na idade de ferro
Fizeſtes idade de ouro.
Déſtes aos pobres Theſouro
Piedoſamente grandioſa:
E pois tanta acçaõ piedoza
Do Ceo abona o favor,
Converteis odio em amor,
Ferro em ouro, e ouro em roza.

A HUMA BOCA FERIDA.

DECIMAS.

I.

VOſſa boca arrebentada
Mais que ferida florida
Vendo-ſe taõ entendida,
Se quiz moſtrar mais raſgada;
Mas ninguem ſe perſuada

Que

Que no mal, que por bem conto,
Sente de larga o desconto,
Por ser tanto breve, e oca,
Que sendo ferida a boca,
Vem a ferida a ser ponto.

II.

A boquinha graciosa
Já no botaõ florecente,
Naõ rebentou de doente,
Mas rebentou de formosa;
Ou rebentou como roza,
Pois qual botaõ florecia;
Ou foy, que como se via
Taõ bella, em taõ lindo rosto,
Nos quiz dizer que de gosto,
Já na pelle naõ cabia.

III.

Mas temo que a tal ferida
Venha a ser occasiaõ,
Que em vós se veja o rifaõ
Ser verdade muy sabida:
Porque quem vos vir ferida,
Dirá como cousa certa
(E eu entendo que acerta,)
Que no golpe, que trazeis,
Abertamente dizeis,
Que sois huma boca aberta

IV. Po-

IV.

Porèm o que eu entendo
Desse golpe, que mostrais,
He que vós com elle estais
Abertamente dizendo:
Que esse golpe taõ horrendo
Vos tem a boca tapada;
Pois tendo a boca rasgada
C'uma ferida taõ forte,
Dizendo estais dessa sorte
Que a boca tendes calada.

MOTE.

Sobo-los rios, que vaõ
Por Babylonia, me achey,
Onde sentado chorey
As lembranças de Siaõ,
E quanto nelle passey.

GLOSSA I

ENtre amargos desvarios,
Entre funestos pezares
Meu peito verte mil mares,
Meus olhos brotaõ mil rios;
E recordando os desvios

Da vista, e do coraçaõ,
Sempre fluctuando estaõ
As memorias de meu bem
Sobo-los mares, que vem;
Sobo-los rios, que vaõ.

II.

Mas querendo discursar
As causas do meu tormento,
Naõ distingue o pensamento
Hum pezar d'outro pezar:
Com que vendo-o delirar
A' vista do que logrey,
Tanto á fantasia dey,
E tanto á imaginaçaõ,
Que entre a minha confusaõ
Por Babylonia me achey.

III.

Louco, sobre magoado,
Dou assumpto á minha dor;
E da pena, e do furor
Só me vejo aconselhado:
Quando n'um valle sentado
As lagrimas puz por ley,
Tanto a ellas me entreguey,
Sem ter outro desaffogo,
Que o juizo perdi logo
Onde sentado chorey.

IV.

Perdi o juizo com a pena,
E se o perdera de todo,
Póde ser que deste modo
Se tornará mais pequena:
Mas meu fado me condena,
Tyranno do coraçaõ,
Que com duplicada acçaõ
Exponha huma hora em alarde
Hora em deposito guarde
As lembranças de Siaõ.

V.

Como reliquias de glorias
Sempre em tormentos se vem,
Que nenhum allivio tem
Estas tyrannas memorias;
E porque sejaõ notorias,
D'alma, donde as derivey,
Aos olhos as trasladey,
Pois copiadas no rosto
Daõ fé de hum perdido gosto,
E quanto nelle passey.

A HUM DESMAYO por cauſa de huma ſangria.

DECIMAS.

I.

PEnetrou lanceta dura
Naquelle valente braço
Muita neve em pouco eſpaço,
Muita prata em neve pura:
De ambiçaõ naõ foy loucura,
Deſtino ſim; e foy mais,
Que com circunſtancias taes
Deſcobrio hum Potoſi,
Em cada gotta hum rubî
Entre minas de coraes.

II.

A fitta, que o braço atava,
Vermelha, e branca ſe via,
De vermelha ſe corria,
E de branca ſe enfiava:
A prata ſe apriſionava;
Porèm naõ falta quem diga

Que deo á prata huma figa
A do braço, pois ferido
Ficou mais enriquecido,
Vendo esta prata com liga.

III.

Entre hum desmayo se enlea
Aquelle Sol animado;
E vio-se o Sol desmayado,
Por ser picado na vêa;
Desmaya a luz da candêa,
Escurecendo o arrebol,
Da luz esconde o farol:
Mas que muito que a luz caya,
Se a luz tambem se desmaya,
Quando se desmaya o Sol!

MOU-

MOURAÕ
RESTAURADO
em 29 de Outubro de 1657.
OYTAVAS,
OFFERECIDAS AO SENHOR
JOANNE MENDES
DE VASCONCELLOS,
Por ANTONIO DA FONSECA
SOARES.

I.

(rias,
ESTAS de heroico assumpto altas memo-
Que Euterpe ao som das armas cãta altiva,
E a grandeza, triunfos, e victorias
Saõ de bronze immortal lamina viva:
A vós, q̃ a Hisperia medo, a Luso glorias
Dais, (ó Gran General) e á planta esquiva
A honra de coroar-vos eminente,
Quem admirado as vio, vota obediente.

 II. Oh

II.

Oh se de Homero, è de Virgilio agora,
Como o Heróe me sobra, a voz tivera,
Que inveja a minha lyra a Eneas fora!
Que ciume esta voz a Achilles dera!
Mas falte á lyra a consonancia embora,
Naõ cante a voz as armas taõ severa;
Que se o que falta á voz, no Heróe sobeja,
De hum hey de ser ciume, de outro inveja.

III.

Vós pois, q̃ ao mundo assombro, á fama es-(panto
Sois já; pois das acções, que admirar deve,
Das cem bocas da Fama he breve o canto;
De hũ só mũdo o teatro appl.uso he breve:
Se ocio as armas permittem justo; em quãto
A' fadiga interior dais ocio leve,
Ouvi, que se o meu fado o naõ recusa,
Farey clarim de fama a voz da Musa.

IV.

Dourava o claro Principe do dia
Do signo venenoso a fórma impura,
E o anno envelhecendo-se cahia
Na idade enferma, na estaçaõ madura:
O observador de Ceres repetia
No campo grato a próvida cultura,
E Pallas taõ fecunda se ostentava,
Que o valle encanecia, o monte armava.

V. Quan-

V.

Quando o Gran Vaſconcellos,que eſtivera
De Tras dos Montes tãto em fim mettido,
E contra os males, que alhanar viera,
Fora entaõ dos chamados o eſcolhido :
Cum luz mayor ſondando lá da esfera
Da mente excelſa o mar embravecido
Da ſorte, com que o Reyno titubêa ,
Prudente o olha, e prompto o remedêa.

VI.

As Syrtes da borraſca antecedente
Adverte, e foge: e qual piloto experto ,
Conduz ao porto venturoſamente
A náo do Eſtado, que vagava incerto:
Se inchado o mar,ſe as ondas bravas ſente,
Aſſim as applaca com ditoſo acerto ,
Que no ſocego em fim,que as deſconhece,
Inda o que Syrte foy, porto parece.

VII.

Quatro vezes a tocha mais brilhante
Da noite a luz creſcera, e conſumira,
Depois que obedecendo á ſorte errante,
Mouraõ nas garras do Leaõ cahira:
Mas bem que os eſtandartes arrogante
De Iberia ao ar tremóla, ao vento gyra ,
Iſſo, que mais ufano, e vaõ ſe oſtenta ,
Mais no triunfo do que a rende,augmenta.

VIII. Hur-

VIII.

Hum genio, e outro militar o avisa,
Que apezar de apparencias, e jactancias
Do Hespanhol, vá co' a pressa, q̃ he precisa,
Prostrar as inimigas atrogancias:
O tempo, a sorte, e os mais estorvos piza;
E ardendo todo em generosas ancias,
Sahe á campanha, onde o seu cuidado
Visto primeiro foy, que imaginado.

IX.

Do zefiro alazaõ, que ayrosamente
Occũpa, faz que o anhelito arrogante,
Encrespando o colerico obediente,
Feroz assombre, o que adulou brilhante:
E argentando as escumas impaciente
O freyo ao bruto expede pululante,
Que namorando o ar, que desvanece,
Os ventos piza, os montes estremece,

X.

Já no nosso hesmiferio o Gran Planeta
Vira o dia huma vez resuscitado,
E outros chegando á desejada méta,
Havia da Alva os nectares chupado:
Depois que co' a presteza mais secreta,
Que o desejo podia haver formado,
O generoso Sancho á Praça tinha
Ganhado os postos, e deitado a linha.

XI. Ten-

XI.

Tendo pois da Provincia, adonde assiste,
Quasi junto esse exercito famoso,
Bem q̃ he de toda a gente, em que consiste
Só de sette mil praças numeroso ; (te
Marcha,e chega a Mouraõ, já quãdo envis-
Sancho os muros, e a Praça valoroso ;
Pois co' a gente, que leva, Portugueza,
Inda se vê mayor que a mesma empreza.

XII.

Aquartelou-se o exercito , por onde
Tinha já desenhado na campanha ;
E 'entre o mais forte do quartel esconde
O que póde offender do fogo a sanha :
Abre trincheiras, em que conresponde
Ao designio o trabalho; e com tamanha
Pressa, e cuidado a todos assegura .
Que mais que a terra a vigilancia os mura.

XIII.

O famoso Albuquerque, que regia
O mobil campo de animados ventos ,
Por varias partes cuidadoso envia
Quem do inimigo advirta os pensamentos;
Os campos assegura, os combois fia
A quem guarde melhor seus mandamentos
A' lerta neste officio, em que se exalta,
Muito faz , tudo adverte, em nada falta.

XIV. Lo-

XIV.

Logo pois que alojado o campo esteve,
Na fórma a terra, e gente accõmodada,
Mãda o supremo Heróe q̃ em termo breve
Se vá fazer aos de Mouraõ chamada:
Quer que assim se conheça o que se deve
A' sua presença; e quer que respeitada
Seja nelle, ou por sua authoridade,
Do Rey, que serve, a Sacra Magestade,

XV.

Da artilheria o General, que exicio
Da Praça, e gloria nossa ser pertende,
E em quem a obrigaçaõ enche de officio
O valor, de quem leys o alento aprende:
No aproche, onde dá de eterno indicio,
De Marte as iras, e o furor suspende;
E chamando os sitiados, que elle applica,
A ordem superior lhes notifica.

XVI

Avisa os que, se logo se naõ rendem,
Se expõem da espada á furia embravecida,
Pois que de Luso defender pertendem
Tyrannamente a Praça combatida:
Que de hum Real exercito, que offendem,
Se irritará a grandeza resistida,
E offerecendo os favores, e a piedade,
Bravo se mostra, e serio os persuade.

XVII.

Lá na Provinnia Bética mettido,
Do grande Rey Diniz reedificado,
Se ergue o castello de Mouraõ, subido
Em hum monte de asperezas coroado:
De excellas torres ao redor cingido,
De forte muro, bem que antigo, armado,
Co' a larga barbacaã, que grave ostenta,
Soberbo está, robusto se sustenta.

XVIII.

Taõ próvido anticipa o provimento
De tudo, em fim, que sem que alli redunde
Confusaõ de taõ vario ajuntamento,
Faz q̃ o regálo honesto ao campo abunde:
Taõ senhor do alvedrio mais isento
Obra o que quer; o que deseja infunde;
Que em fim, sem q̃ a razaõ desaccõmode;
Tudo vê, tudo manda, e tudo póde.

XIX.

Por taes acçoens o tempo procelloso,
Vendo-se á eterna duraçaõ prescrito,
De agradecido se lhe oppôs chuvoso,
Por dar mais que vencer ao peito invicto:
Oh novo agradecer, que ao generoso
Heróe seja lisonja o que he conflicto
A outros! Mas que muito, se parece,
Que quem isto obra mais, mais se conhece.

XX. Pe-

XX.

Pelos avisos, que da Praça toma,
Do seu mais interior estado sabe,
Que querendo emular a Grecia, e Roma,
Promette em vinte Soes defensa grave:
Mas o soberbo orgulho assim lhe doma,
Que antes que o Sol primeiro se lhe acabe,
Parece que co' as armas vencedoras
Fazem dos dias já officio as horas.

XXI.

Vendo ja como a força continúa
As victorias, que a sorte manifesta,
Porque mais cedo a Praça restitua,
Mantas envia, e maquinas apresta:
O valor Portuguez, que incendios sua,
Quando, ao que faz, por concluir lhe resta
Cousa alguma, excedendo o soffrimento
Entre as mesmas fadigas toma alento.

XXII.

Quasi dous Soes na Ecliptica luzente
Passado o luminoso curso haviaõ,
E no ceruleo imperio escuramente
Do dia as luzes languidas cahiaõ:
Quando da artilheria a furia ardente
As defensas dos muros, que impediaõ
Chegar-lhe cos aproxes, já tirara,
E em parte a barbacaã lhe arruinara.

XXIII. Naõ

XXIII

Naõ soffreo a galharda intrepideza
Dos Soldados mais tempo aos q̃ se irritaõ;
Cada qual ás muralhas se arremessa,
Todos ser os primeiros solicitaõ:
Trepaõ com valorosa ligeireza,
Este salta, esse voa, aquelles gritaõ;
E dos que topaõ, se fugir naõ trataõ,
Neste daõ, ferem esse, aquelles mataõ.

XXIV.

Mas o illustre Mendoça em outra parte,
Donde coberto a offensa proseguia,
Vendo do Luso o bellico Estandarte
Arvorado nos muros, que offendia:
Dãdo a Alexãdre inveja, assõbro a Marte,
Cioso de taõ brava galhardia,
Expondo-se ao perigo, a que se iguala,
Sem brecha a parte, em que peleja, escála.

XXV.

Menos veloz o solto marinheiro
Sóbe á gavia, a pezar dos que refuta
Vaivens, quando co' misero madeiro
Choca o mar, a agoa investe, o Boreas luta:
Que cada qual intrepido, e ligeiro
Sóbe ao muro, a pezar da força muita
Do Hespanhol, que, já louco do q̃ adverte,
Mortes dá, pedras tira, e rayos verte.

XXVI.

Sahindo pois com impeto violento
Do ſacre ardente a polvora opprimida,
Cegaõ nuvens de fumo o Firmamento,
Vê-ſe a maquina etherea eſtremecida:
Cheio de ardentes ſanhas deixa o vento,
Pállido o Sol, a esféra eſtremecida;
E em diſcordia fatal tudo confuſo
Muda o ſer, perde a fórma, eſtraga o uſo.

XXVII.

Tréme a Praça paſmada, e duvidoſa,
Vendo que em taes aſſombros caſtigada
Dos muros jaz a fabrica eſpantoſa
Em cadáveres broncos deſatada:
Bem que ás chammas reſiſta valoroſa,
Fica em cinzas, e incendios ſepultada;
E ſendo ja dos elementos tumba,
Medonha geme, a que cruel retumba.

XXVIII.

O muro cahe, ás torres ſe arruinaõ,
E na defenſa cada qual conſtante
Do riſco zomba; porque naõ fulminaõ
Tiros de bronze a peitos de diamante:
Quando, que a terra acaba, determinaõ
Os coraçoens por armas pôr diante;
E entaõ parece ficaõ mais ſeguros,
Pois he torre o valor, o alento muros

XXIX.

Menos do mando usando, que do exemplo,
Fazia inda dos riscos respeitar-se
O Figueiredo insigne, que no templo
Da Fama sabe em tudo eternizar-se:
Quando attrevida bála, em quem cõtemplo
Ambiçaõ de querer assinalar-se,
Lhe fere o rosto, e, sem que o desanime,
Caracter immortal nelle lhe imprime.

XXX

Ao bizarro Varaõ, que dos primeiros
Foy no ataque, no alento, e no perigo,
Que applausos darey eu, q̃ em fim rasteiros
Naõ faça os que inda alcança do inimigo?
Inveja faz aos mais aventureiros,
E os Leoens Hespanhoes, inda no abrigo,
Tanto em ver este lobo se esmorecem,
Que naõ leoens, cordeiros já parecem.

XXXI

Oh quem pinceis taõ vivos hoje achára,
Que fora a taes Varoens bastante Apelles,
E com pinturas immortaes deixara
Aos seculos memoria eterna delles!
Mas q̃ voz póde haver taõ grande, e clara,
Em que possa caber destes, e aquelles
O valor, ou o que foraõ, se os louvores
Meus os puderaõ ja fazer mayores?

XXXII. Naõ

XXXII.

Naõ houve voz no agonizar notoria,
Que as queixas delle á ultima caricia;
Que se o viver á fama era vangloria,
O morrer pela honra era delicia:
Cada golpe hum esmalte era á memoria,
Cada morte hum triunfo era a milicia;
Porque em fim pela patria, que o merece,
Vive o que acaba, e se honra o que padece.

XXXIII.

Entretanto que a Praça o seu perigo
Quer na mesma defensa ir fabricando,
Os designios, e as forças do inimigo
Vay o Gran Vasconcellos decifrando;
Lince do Estado, e Guerra, está comsigo
O mar, a terra, o mundo penetrando:
Oh Varaõ Grande, em quẽ gran ser cõsiste
Pois todo o mundo, aonde estás, assiste!

XXXIV.

Toma-lhe o fado, com que vaõs, e ufanos
Taõ cortez a fortuna hum tempo os teve;
E o que intentavaõ conservar por annos,
Faz q̃ se humilhe, e prostre em tẽpo breve
Dos clarins, com que a Fama soberanos
Por toda Europa os acclamou, recebe
Já applausos, vivas ja, e assim se entende
Que huma nos restitue, outra nos rende.

XXXV. Do

XXXV.

Do pezo, ou gloria entaõ do ſeu governo
Era o Avila inſigne forte Atlante,
Já pela adverſidade mais eterno,
Que pela fama, que ganhou triunfante:
Oppoſto ao fado com valor ſuperno
Deſpreza a vida, a gloria põem diante;
E ſem ceder ao riſco, que feſteja,
Cortez reſponde, intrépido peleja,

XXXVI.

O ſupremo Varaõ, que reconhece
A gente, ou obſtinada, ou valoroſa,
Ordena que de novo ſe comece
A furia dos moſquetes eſpantoſa:
Ja tudo entre os aproxes ſe enfurece,
Brama a ira das armas temeroſa;
Porèm taõ brava a reſiſtencia ſoa,
Que o ar fere, o Sol turba, os Ceos atrôa.

XXXVII.

Menos furioſo rapido torrente,
A quem deteve a fugitiva prata,
Breve dique empolando a groſſa enchente
As pedras rompe, os troncos arrebata:
Que a gente Luſa, a cujo brio ardente
Pio embargara indulto a génte ingrata,
Correndo ás armas brava, e furibunda,
Tudo deeſtra gos, e violencia inunda.

XXXVIII. Já

XXXVIII.

Já tambem entre exercitos de estrellas,
As ausencias do Sol substituia
Cynthia, e co' as armas de suas luzes bellas
O véo negro rasgava á sombra fria:
Quando de horror fazendo escurecê-las
Do trabuco a tremenda artilheria,
Ao rebentar do globo furibundo
Grita o vẽto, arde a terra, e treme o mũdo

XXXIX.

O disparar continuo dos mosquetes,
De rosicler tingindo a noite triste,
Veste o ar de abrazados martinetes,
E em fogo prova o muro, que os resiste:
Arde, aquelle em flammantes galhardetes,
Este entre as balas valoroso insiste;
Sendo o violento som de armas, e tiros
Do ar lamentaçoens, do Ceo suspiros.

XL.

Do fogo estas funestas luminarias
Com novo horror as sombras desvanecem,
E enchendo a esféra de figuras varias
De espanto os elementos se estremecem:
Os Ceos mudando as fórmas ordinarias,
Ja nuvem a nuvem trabalhar parecem
Mostrando tristes, que em geral graveza
Geme o ar, o Ceo cahe, ó cahos começa.

XLI. Naõ

XLI.

Naõ tanto entre as injurias de Janeiro,
Quando o dia se enluta, o Ceo se enoja,
Em terra, e mar, horrisono chuveiro
Diluvio espesso de granizo arroja :
Como das cargas ao furor primeiro ,
Que tantas vidas tragicas despoja ,
A cerraçaõ, que o orbe atemoriza ,
Bálas chove, iras verte, armas graniza.

XLII.

Menos chêa de albores, que de pranto ,
Despertou da Alva o nacar aprazivel,
Naõ já de Progne, e Filomena ao canto ,
Porèm das armas ao furor terrivel :
Vestindo o ar de luto, o Ceo de espanto;
Começa o bronze a fulminar horrivel ;
E os lugares rompendo mais seguros
Despenha as torres, precipita os muros.

XLIII.

A' muralha os soldados mais briosos
Trépaõ, quasi huns dos outros impedidos;
E quando a barbacaá rompem furiosos ,
Muros vem de cadaveres erguidos :
Em fim, senhoreando-a valorosos
Nella o lugar conservaõ presumidos ,
E a pezar da bizarra resistencia
Tudo piza o valor, tudo a violencia.

XLIV.

Taõ soffrego o valor de todos lida,
Apressando em seus riscos a victoria,
Como se o que de novo offerece a vida
Lhe houvesse de furtar do obrado a gloria.
Oh valor Portuguez! E quem duvida
Terás de eterno marmore a memoria?
Pois quando mais entre o furor te enleas,
Mais ambicioso os riscos galanteas.

XLV.

Das torres, e dos muros superiores
Vendo as armas de Luso taõ chegadas,
Chovem sobre os fataes expugnadores
Alcanzias, barrís, bombas, granadas:
Porèm saõ como os rápidos fulgores
Do rayo, que das nuvens carregadas
Abortados, dos troncos, a que voaõ,
A casca lambem, o centro naõ magôaõ.

XLVI.

Assim atiçados pois seguem o estrago,
E no secreto horror de varias minas,
Por dar ao muro de rebelde o pago,
Lhe abrem sepulchros, lhe dispõem ruinas.
Dos defensores cada qual presago,
Com diligencias de memoria dignas,
Fez por contraminá-las, mas vaãmente,
Que ignoraõ donde lavra o centro ardente.

XLVII. Ter-

XLVII.

Terceira vez ao auge conduzira
Piroes, e Etonte a fulgida carroça,
Depois que a Praça, sem cessar, se vira
Batida da violencia, que a destroça:
E como pela brecha, que lhe abrira,
Para assaltá-la a gente se alvoroça,
Tomada a ordem do q̃ a obrar se entrega,
Sancho aos ataques brevemente chega.

XLVIII.

De dous mil, que ao assalto destinados
Estavaõ, escolheo de rodeleiros
Breve esquadraõ, mas tal, que os nomeados,
De muito mais merecem ser primeiros:
Põem de lanças de fogo outros armados
Junto a quem os mais bravos mosqueteiros
Vaõ, e aprestando escadas ao mais alto,
As minas atacou, depois o assálto.

XLIX.

Cabo delle, e de bõas esperanças
Era de S. Joaõ o illustre Conde,
Em quem sempre ás mais arduas cõfianças
Inda mayor o effeito conresponde: (ças
Com vivo alento, ardendo entre as tardan-
O immenso coraçaõ no peito esconde
Apenas; porque vê que o peito errante
Lhe rouba huma victoria cada instante,

L.

Mas porque tudo entaõ naõ çoçobrasse
Em diluvios de fogo, em mares de ira,
Quiz o Gran Capitaõ que se salvasse
Na clemencia o que a força submergira:
Outra vez ordenou que se chamasse
O Castelhano, a quem mostrar aspira
O que fará co' as armas, e a crueldade
Quem o vencia ja com a piedade.

LI.

Suspenderaõ-se as armas, e o famoso
Sancho fez a chamada, a quem naõ veyo
Fallar entaõ o Avila animoso,
Por ser estylo ao governar alheyo:
Dom Luiz de Barrio, valoroso
Capitaõ de Couraças, grave, e cheyo
De alentados espiritos se offerece,
A quem Sancho sauda, honra, e conhece.

LII.

Louva-lhe o bem que haviaõ procedido,
O mais lhe prova ser barbaridade;
Da Praça mostra o damno conhecido,
E co' proximo estrago o persuade:
Diz, que vir offerecer-lhe algum partido
Já, mais que cõveniencia, he christandade;
E que depois se esperaõ tê-lo affavel,
Faraõ toda a clemencia inexoravel.

LIII. Pa-

LIII.

Para tratar do honesto ajustamento,
Depois de vario instar de cada parte,
Sahio fóra o Barrio, moço attento,
Em quẽ se acha eloquencia, animo, e arte:
Jeronymo de Moura, em cujo alento
Se arma Mercurio, e se suaviza Marte,
Foy em refens; e sabe quando chega
Notar a Praça, e persuadir a entrega.

LIV

Logo ao Gran Vasconcellos enviado (cia
Foy o dito Hespanhol, e em breve audien-
Ouvido, contradito, e bem tratado
Tornou, sem concluir-se a conferencia:
Sobre os partidos, que pedira ousado,
Quiz que o nosso valor, feito paciencia,
Lhe désse do que havia promettido
Tempo capaz de ver-se soccorrido.

LV.

Porèm sendo favor impracticavel.
Manda que á Praça torne, e brevemente
Cobrando-se os refens, mais formidavel
A guerra invada ao Avila insolente:
Mas elle, que a ruina lamentavel
Do estrago prevenido adverte, e sente,
Depois de o consultar co' a gente toda
Ultimamente ao fado se accommoda.

LVI. Oh

LVI.

Oh que ſoldado o grande Sancho eſteve
Toda huma noite as iras aturando
Do tempo, ſem q̃ a chuva, o vento, a neve
Pudéſſe tanto alento ir resfriando :
Do ginete veloz, que os ventos bebe,
E eſtá orgulhoſo o freyo maſtigando,
Sem ſe apear, de nada em fim ſe altera,
E a concluſaõ do rendimento eſpera.

LVII.

O Grande Vaſconcellos lhe concede
Todo o honeſto favor, que ſe coſtùma,
Por naõ querer no aſſalto, que ſe pede.
Què a gente, e Praça o riſco lhe conſuma:
Co' partido, que em nada o juſto excede,
Quer que com defender-ſe naõ preſuma,
Que ao braço invicto ſeu mais ſe reſiſte,
E q̃ eſte exemplo os outros lhe conquiſte.

LVIII.

Já do dia a purpurea Primavera
De téla de ouro, e nacar ſe veſtia,
E ás rizadas da luz na vaga esféra
A muſiça das aves reſpondia :
O Sol, que mais brilhante amanhecera,
Se anticipara a celebrár o dia,
E o ſonoro clarim com bravo accento
De eſtrondo enchia ó ar, de feſta o vento:

LIX. Quan-

LIX.

Quando do sexto Affonso a Mageſtade,
Da materna columna em fim ſuſtido ;
Por quem a mais imperio o perſuade
A fama em ſeu louvor deſvanecida :
Triunfando já da Ibéra adverſidade ,
A Praça ſe acclamou reſtituida ,
Sendo ao Gran Gencral o mór eſtudo
Moſtrar que niſto os Reys obraraõ tudo;

LX.

Oh ſupremo Varaõ, por vós mais digno
Do ſangue Regio de Aragaõ,q̃ honraſtes,
Pois em tempo taõ breve inda benigno
Venceſtes a fortuna, o mais proſtraſtes!
Que Reyno, Plaga, ou clima peregrino
Deixará de applaudir o que hoje obraſtes,
Se he farça , q̃ o valor,q̃ em vós ſó coube,
Envergonhada a meſma inveja louve?

LXI.

Mas q̃ voz, que eloquẽcia ha de atrever-ſe
A louvar do que ſois o preço, a gloria,
Se he mais para admirar-ſe, que dizer-ſe
O menos,q̃ em voz canta hoje a memoria?
Diga-o aquella acçaõ, com q̃ ao vencer-ſe
Foy mayor a modeſtia, que a victoria;
Pois ſem creſcer o goſto hum movimento
Da admiraçaõ fizeſtes linguas cento.

LXII. Só

LXII.

Só de ouvir voſſo nome eſtremecidos
Os Coloſſos da Iberia celebrados
Jazem no medo, ou confuſaõ cahidos,
Menos muito eſpantoſos, q̃ aſſombrados:
Se pois de tanto Imperio mais luzidos
Idolos já ſe proſtraõ derrubados
A louvar eſſa fama venerada;
Que mundo ha de baſtar á voſſa eſpada?

Camila Rainha dos Volscos combateo valorosamente a favor de Turno, e dos Latinos contra Eneas, e naõ obstante ter sido por seu pay Metabo dedicada a Diana, e por esta Deosa ser cominada a morte a quem a matasse, Aruntes, apanhando-a de improvizo, com huma lança lhe atravessou o peito, cujo profundo golpe a privou da vida.

SONETO.

TRaspassa Aruntes a Camilia o peito
A'o golpe d'uma lança rigoroso,
E quando julga ser mais venturoso
A perigo mayor se faz sujeito.
Expõem-se a mais, porq̃ sem ter respeito
A'quella Deosa, mostra-se aleivoso;
E se fica no campo victoriozo
De atrevido terá sempre o defeito.
Se esta acçaõ faz que fique na memoria
Das gentes por cruel eternizado,
Que proveito lhe causa esta victoria?
Melhor lhe fora tal naõ ter obrado
Pois em deixar-lhe a vida tinha a gloria
De ser por ella morto, ou dominado.

A ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO,

Em louvor do ſeu livro das Excellencias de Portugal.

SONTO.

QUando de Portugal las excellencias
Explicas ſingular, ſabio deſcrives,
Com la miſma excelencia,com q̃ eſcrives,
Las deſcripciones buelves evidencias.
Los tropos, los cõceptos, las ſentencias,
Con que a ſublime lauro te apercibes,
Las excelencias ſon, con que prohibes
Al Aſia con Europa competencias.
Oh feliz Portugal, pues juntamente
Adquiere por tu cauſa mil vitorias,
Y mil vezes por ti queda excelente:
Una por ſer aſſunto a tus hiſtorias,
Otra por ſer de ti patria eminente,
Y muchas, porque vive en tus memorias.

Mas entre tantas glorias
Quantas le dá por ti ſu feliz ſuerte
Quien duda es la mayor oirte, y verte,

A HU-

A HUMA SAUDADE.

SONETO.

QUando ſe haõ de acabar taõ crueis do-(res
Com que me tens, amor, tyrannizado?
Tam indigno eu ſerey, taõ deſgraçado,
Que nunca veja algum dos teus favores?
Ainda me cauſarás penas mayores?
Acabarey a vida neſte eſtado?
Pois quanto mais por ti for maltratado,
Tanto mais amarey os teus rigores.
Por mayor q̃ ſe moſtre o meu tormento,
Se nó deſprezo meu forte, conſtante,
Muito mais o ſerey no ſoffrimento
Seja embora a ferida penetrante
Que em quãto naõ perder de todo o alento
Nunca ſe renderá meu peito amante.

Por hum engenho deſta Corte.

A

Ao mesmo Assumpto.

SONETO.

BAsta ya crudo amor de tyrania
Dexame en paz vivir un breve instante
Que delito hazer pudo un triste amante
Que meresca una pena tan impia !
Gaste las horas de la noche, y dia
En amar la hermosura mas brilhante,
Y si crimen fue atrós el ser constante
Suplicio aun mas fuerte yo merecia.
A tu valor invicto una vitoria
De un pecho tan cobarde, y temerozo
No puede ocazionar alguna gloria,
Mas si es tu gusto verme disgustozo
En tu crueldad quedará memoria
De lo mucho que has sido rigurozo

Por hum Engenho desta Corte.

A MANOEL DE FARIA SEVERIM.

Em louvor dos ſeus diſcurſos.

SONETO.

PArar do penſamento o veloz curſo,
Ser do meſmo ſaber modélo honroſo;
Suſpender o diſcurſo mais famoſo,
Póde de Severim qualquer Diſcurſo,
Quanto mais conſidero, e mais diſcurſo
Em louvor deſte engenho portentoſó,
Mais vejo que he portento no engenhoſo,
Por quem a ſuſpenſaõ naõ tem recurſo.
Oh feliz Severim! pois admirando
Naõ ſó fica os da patria enriquecendo,
Mas fica aos mais eſtranhos obrigando:
Pois hum, e outro pólo ſuſpendendó,
Se os proprios enriquece diſcurſando.
Obriga os eſtrangeiros eſcrevendo.

Por hum Anonymo.

Mata Achiles a Heitor, que depois de arrastado junto aos muros de Troya, he remettido em pedaços para as náos.

SONETO.

ACaba a vida, Heitor, pois a ouzadia,
Que tomas, naõ merece outro castigo;
E se agora pelejas só commigo,
Vê quanto póde a minha valentia.
Tu quizeste morrer em tyrannia,
Pois voluntario buscas o perigo;
E se tal crueldade uzas commigo
Que muito he, q̃ eu pratique o que devia!
Os Troyanos, por quem tu combateste,
Vendo teu corpo assim despedaçado,
Ja conhecem os erros, que fizeste.
Nunca serás na terra sepultado;
Porque se áquelle Heróe a morte déste,
Sempre lhe deves ser sacrificado.

Por hum Engenho desta Corte.

AOS

AOS ANNOS DO PRINCIPE NOSSO SENHOR,

De Julio de Mello e Castro.

SONETO.

EM vós, Augusta nova confiança,
Da Lusa conseguida liberdade,
Saõ os annos huns passos, com que a idade
Caminha aos desempenhos da esperança.
 Feliz mil vezes Portugal, que alcança
Taõ alta superior felicidade:
Só póde perigar com a vaidade,
Que tudo mais promette segurança.
 Inda que tres os annos, ja parece,
Que por Real indulto da grandeza
Naõ está nelles a razaõ em calma;
 E se cada anno vosso resplandece
Quando entregue sómente á natureza,
Que será quando corra á conta d'alma!

Namora-se Pigmaleam de huma Estatua de pedra, obra de suas mesmas mãos.

SONETO.

Pigmaleam amante se namora
D'uma Estatua, que abrio em pedra dura;
Pois dotando-a de tanta formosura
Negar-lhe adoraçaõ delicto fora.
Sem alguma esperança, a qualquer hora
Sinaes lhe manifesta de ternura,
Que o amor verdadeiro naõ procura
Exterior incentivo no que adora,
Naõ basta deste marmore a dureza
Para que possa ter o dezengano;
Pois nunca ha de acabar sua firmeza.
Tem por gloria o viver em tal engano,
Que he tanto poderosa huma belleza,
Que athé fingida attrahe hũ peito humano.

Por hum Engenho desta Corte.

AO DOUTOR
FILIPPE MACIEL,
Diſcorrendo ſobre a Juriſprudencia.

De Bartholomeu Lourenço de Guſmaõ.

SONETO.

DIgno Orador do ſeculo de Auguſto,
Nobre luz da immortal Juriſprudẽcia:(cia,
Naõ ſey ſe admire em vós mais a eloquen-
Se a vaſta cõprehenſaõ do injuſto, e juſto.
Do mundo póde ſer inveja, e ſuſto,
Que ambas brilhem em vós á competencia;
Que naõ ſe eſtreita á esféra de hũa ſciẽcia
Hum engenho taõ alto, e taõ robuſto.
Se entre Tullio, e Cataõ Roma vos vira,
Cataõ pay do Direito, Tullio orando,
Da trombeta da Fama altos aſſumptos,
Huma eſtatua mayor vos erigira,
E a collocára entre ambos, exclamando:
Eſte he ſó, quando eſtoutros foraõ juntos.

Codro Rey dos Athenienses vendo que a ferro, e fogo os inimigos destruiaõ a regiaõ de Atica, desconfiando do humano auxilio, perguntou ao Oraculo de Apollo Delfico, como se poderia findar aquella taõ grave guerra: O qual respondeo, que só se elle nella morresse; e sabendo este, que por edicto se prohibia, que ninguem seu corpo ferisse: vestido ordinariamente se introduzio com elles, que entaõ estavaõ comendo, e ferindo a hum, assim o obrigou a que o matasse.

SONETO.

PRocura a morte Codro, porque a vida
Tem por menos, q̃ a paz da patria amada;
E só porque esta fique socegada
Deseja receber mortal ferida.
 Vê a sua Republica invadida,
E de inimigos barbaros cercada,
E porque destes fique libertada,
Vay escolher entre elles homicida.
 Chega, e taõ fortemente desejozo
Se mostra de morrer por tal motivo,
Que hum contrario accommette rigorozo;
 Quer a troco do golpe mais activo
Fazer o seu imperio venturozo,
E na memoria humana ficar vivo.

CE-

CELEBRANDOSE EL NOMBRE DELREY N. SENHOR D. JUAN V.

Del Visconde de Asseca.

SONETO.

ESte obſequio, ó Monarca, q̃ te aclama,
A tu nombre celebra, en vano aſpira,
Que aſta la ſuſpenſion de lo que admira
Haze callar al eco de la fama.
Si en tal elevacion ſu ardor inflama,
Y le deslumbra el buelo, con que gira,
Dexe el ſer ſacrificio por ſer pira,
Dexe el ſer luzimiento por ſer llama.
En ſu miſma ſublime altiva empreſa
Tan feliz confuſion ſu aplauſo aſſombre,
Enmudeciendo el culto a ſu fineza.
Tu grandeza, Señor, ſolo te nombre,
Y quando incomprenſibile es tu grandeza,
Como ha de cõprenderſe tanto Nombre?

Vence D. Francisco de Almeida os Mouros em Mombaça, e lança por muitas partes fogo á Cidade.

SONETO.

ARda Mombaça, seja assim punido,
Barbaros, esse vosso atrevimento;
Nas cinzas fique eterno monumento
Do valor Lusitano esclarecido.
Se nunca me tivesseis resistido,
Seria o meu furor menos violento,
E mais util que a morte o rendimento:
Quanto fora melhor ter-vos rendido!
Timidos abraçasteis a fugida
Cuidando que ficasse assim segura,
E do meu rigor livre a vossa vida.
Mas para que fizesteis tal loucura
Se a vossa terra fica destruida,
Se a minha espada sempre vos procura?

Por hum Engenho desta Corte.

AHU-

A HUMA AUSENCIA.

SONETO.

Vida, que naõ acaba de acabar-se,
hegando já de vós a despedir-se,
a deixa por sentida de sentir-se,
u póde de immortal acreditar-se.
Vida, que ja naõ chega a terminar-se
ois chega de vós adividir-se,
u procura vivendo consumir-se,
u pertende matando eternizar-se.
O certo he, Senhor, que naõ fenece,
ntes no que padece se reporta,
orque naõ se limite o que padece.
Mas viver entre lagrimas que importa,
: vida, que entre auzencia permanece,
e só viva ao pezar, ao gosto morta.

De huma Anonyma.

Man-

Manda Valerio Publicola lançar fogo a sua casa; por se presumir, por elle habitar em sitio fortificado, e naõ nomear Consul em lugar de Bruto, que se queria fazer Rey de Roma.

SONETO.

ESte famoso emprego, que exercito
Desempenhar quiz sempre, povo amado;
E se mal tenho alguma cousa obrado,
Negligencia se chame, naõ delicto.
Injustamente porque em Velia habito,
E naõ nomeey Consul, sou culpado;
E merecendo hum premio avantajado,
De vós recebo hoje huma affronta invito
O conceito, que estais de mim fazendo,
Farey com minhas obras mentirozo,
Em quanto nesta esféra for vivendo.
A minha casa, e todo o precioso
Ornamento, que inclue, agora accendo,
Que he justo que se extingua o que he damnoso.

A' RO-

Á ROSA.

SONETO.

POmpa de Abril, liſonja dos ſentidos,
Deſempenho do prado, linda roſa,
Que para ſeres flor a mais formoſa
Cores achaſtes em rubîs perdidos.
Papeis em flores eraõ divididos,
Eſſas flores, que Venus amoroſa
Com ſangue rubricou, bem deſejoſa
De ver em ti ſeus fógos accendidos.
Oʻ das flores belleza peregrina,
Naõ te confies neſſa divindade,
Que muy cedo verás tua ruina:
A pouca, em que morres, terra idade,
Inviſivel ſe faz, e naõ divina
Porque tomaſte o ſangue de deidade.

De huma Anonyma.

YEN

Yendose la sangre de una sangria.

SONETO.

OH, nó reprima, nó, piedad, impìa,
El purpureo raudal de aquesta fuente,
Que a quien recelos de un agrabio siente
Dilatarse la vida es tirania.
  Lleve, lleve esta vez, lleve la mia
El furioso raudal de una corriente,
Que si pudo el amor hazerla ardiente
Tambien pudo el temor bolverla fria.
  Salga pues a la sangre vinculada
Por la pequeña puerta desta herida
La vida, que presumo desdichada:
  Que mejor es, ay Dios, rendir la vida
Al poder de una muerte averiguada,
Que al rigor de una offensa presumida.

De huma Anonyma.

SAUDADES
DE AONIO,
PELO DOUTOR
ANTONIO BARBOSA BACELAR.

NO remontado cume
De hum monte ſolitario,
Que terminando á viſta o Horizonte,
Engeitou o ſer nuvem, por ſer monte,
E paſſeando a etherea galaria,
Farol era do dia,
Do dia taõ ſómente,
Que na aſpereza ſua
Nunca tocou o reſplandor da Lua:
Porque eſcalando ouſado o Ceo primeiro;
Olhava para a Lua ſobranceiro,
E atropellando a maquina luzente,
Era entre as luzes bellas
Apparador brilhante das Eſtrellas.
Vice-Athlante immortal do Firmamẽto
Aos pés calçava o vento,
E intacto ao rayo ardente

Eſ-

Efcuta o fulminar, o ecco fente;
Mas livre da tormenta
Nunca o golpe experimenta,
Que como ao vento piza
Lá baixo no profundo de feu centro,
No alto aos elementos foberano
Tem á officina os rayos de Vulcano.
Só na batalha dura,
Quando os filhos da terra,
Levantando huma ferra em outra ferra,
Aos Deofes feus contrarios
(Que a tanto o humano defatino paffa)
Quizeraõ defpojar da etherea cafa,
Defatinadamente temerarios,
Defte monte huma parte derrubaraõ;
Que fendo o bando a todos publicado,
Efte monte fómente
Teve as partes dos Deofes, rebellado
Aos montes feus irmãos, porèm menores,
Ou por ferem os partidos lá mayores,
Ou por fer feu vifinho mais chegado.
E quando o monte Pelion
Pizou o cume ao Offa,
Do exercito gigante
Grande a foberba foy, mas naõ baftante
A abarbar efta maquina imperiofa,
Que fobranceira aos golpes

Das

Das armas, que a violencia despedia,
Só nas fraldas provava a bateria.
Nesta dura montanha,
Imperiosa atalaya da campanha,
Nesta robusta serra,
Terror do campo, credito da terra,
Suspiros dava ao ar, queixas ao vento,
Cuidados ao tormento,
E em saudoso exercicio
Passos ao precipicio
Do monte penhascoso
Aonio saudoso,
Que ausente firme de huma ingrata bella
Seu retrato buscava em cada Estrella;
E fazendo comsigo
De seus males resenha,
Seus desgostos contava a cada penha;
Porque, inda que nenhuma respondia,
O mesmo em Lysis via:
E como tanto a Lisis adorava,
Faltas de responder naõ estranhava;
Antes nas penhas mudas
Móres favores achava,
Mayores graças devia,
Que á sua bella ingrata;
Porque se cada penha
A's queixas naõ responde,

Ao menos naõ lhe foge, nem ſe eſconde.
Ay ſuſpirada auſente!
(Com hum ſoluço brando
Dizia ſuſpirando)
Ay adorada minha!
Bem que minha naõ já, mas adorada,
Mudavel bella, quanto bella amada,
Pois em tua preſença amada, e bella,
Deſta dor, que me mata,
O allivio me levaſte,
Que taõ ſómente tinha
Para poder ſoffrê-la,
Porque me naõ levaſte a cauſa della?
Preſidido da Eſtrella, que primeira
Annuncios dava á Aurora
Das eſtaçoens do dia embaixadóra,
Dos creſpuſculos ambos menſageira,
Feniz em fogo ardente,
Batia o Sol ás portas do Oriente,
E aſſomando ſeus rayos ao Horizonte,
Foy eſta a vez primeira,
Que naõ topou c'o monte,
Que naõ ferio o outeiro,
Que os olhos do Paſtor tapou primeiro:
Ou já de commovido
De ſeu pranto queixoſo,
Ou por ver curioſo
Quem

Quem com ſuſpiros triſtes,
Quem com ſom taõ pezado
Lhe dava os parabens de bem chegado,
Quando cantando graves
Lhe alternavaõ canoras chançonetas
Harmonicas as aves,
Ou porque como o officio
Do rayo matutino
He enxugar ſuave
O que a noite humedece;
Achando ſecco tudo
Da toſca penha ao ruſtico ſylvado,
Só nos olhos de Aonio achou molhado;
Aonio deſcontente
Suſpendeo a corrente
Das laſtimoſas queixas,
Com que a pena allevia,
Que inda eſte mal lhe fez o novo dia;
E attendendo inclinado
Aos rayos eſparcidos,
Com quebros bem ſentidos,
Com mal formadas vozes,
Deſta maneira diſſe:

Naſce, eterno rubim, de cujo imperio
Pende toda a eſtrellada Monarchia,
Progenitor do dia,
De hum, e outro hemisferio

Eter-

Eterno Presidente,
Que exercitas constante alternamente,
Variando a residencia,
N'um, e n'outro hemisferio a presidencia:
Nasce Primaz da esféra,
Das luzes o morgado,
De ti mesmo nascido, em ti gerado,
Que a tua vinda espera
O campo, o prado, o rio, o bosque, a fonte,
Nasce propicio, alegrà o horizonte,
Que se nascendo a todos satisfazes,
Só para mim naõ nasces.
O simplez pintasilgo,
A rude filomena
C'o a capella destrissima das aves
Em requebros suaves
Alternaõ a suave cantilena.
Retoça o bezerrinho
Pelo prado viçoso,
E saltando contente
Vê no chaõ figurado alegremente,
Pelo rayo, que assoma no horizonte,
O ramo, que lhe fica pela fronte.
(Balando o cordeirinho
Festeja o rayo novo,
Lá se alegra a seu modo,
Com rara melodia

Vay

Vay murmurando o rio docemente,
Fazendo visos na agoa crystallina
Com o rayo, que a fere brandamente,
E em quanto alegre corre,
Aqui foge veloz, prezo alli fica,
Folga de ver as vias, que discorre,
E as flores, que salpica.
Throno de graã purpurea a rosa
Toucada de ouro fino,
Que se acostou pimpolho,
E em virtude do rayo matutino,
Para contar a vida de huma Aurora,
Vestindo nacar amanhece agora.
Ao leaõ mais arrogante,
Magestade das féras imperiosa,
Alegra a luz formosa;
E passando o monte
Das fortes garras toscamente armado;
Consultando hum espelho em cada penha;
Touca a encrespada grenha,
Que naõ implica ao forte o asseado.
Repete o seu caminho
O passageiro alegre,
E em seguro exercicio
Acorda o lavrador ao tosco officio.
O enfermo, que suspira,
A' nova luz respira.

Tudo

Tudo deſcança em fim, tudo ſe alegra;
Só eu, ſem ter deſcanço,
Na confuſaõ da noite o dia quero,
Na alegria do dia a noite eſpero.
Naſce contente, pois que bem parece
Que Lyſis outros prados reverdece,
Pois bem me lembro agora,
Quando ella eſtes prados habitava,
Quantas vezes á Aurora
Luzir mayor eſpaço conſentias,
Porque á viſta dos olhos,
Por quem peno ſaudoſo,
Ou de puro medroſo naõ ſahias,
Ou menos mageſtoſó,
Temendo competencias
Oſtentavas a luz á intercadencias,
Huma vez parecia, outra faltava,
Como quem de cobarde atraz tornava.
Detem os rayos, pois que meu deſejo,
Por cada vez, que deſpertar-te vejo,
Bem ſey que ja me ordena
Hum dia mais de pena;
Mas ſe ás voltas da pena, que me alcança,
Hum dia ſe me encurta a eſperança,
Naõ te detenhas, naſce; e ſe mereço
Algum favor de preço,
Inſta o carro apreſſado,

Ligeiro róda o circulo dourado;
E ſe lá na batalha,
Que deo ao povo idolatra Amorrheo
O Capitaõ Hebreo,
Cortezaõ aſſiſtente
Te paraſte aò eſpectaculo valente,
Tendo, como eſcudeiro,
Na maõ a tocha ao Capitaõ guerreiro;
Propicio agora a meus ſuſpiros graves
Sabe mover-te, pois parar-te ſabes.
Acabou c'um ſuſpiro
O diſcurſo com outro começado,
E ſuſpendido quaſi em ſeu cuidado,
Sem ver o que fazia,
Todo arraſtado apoz da fantaſia
Foy deſcendo confuſo a hum verde prado,
Quem n'um vergel ſombrio
Flora eſcondera ao Eſtio,
Onde o corno Amalthea derramava,
Com que as fraldas do monte alcatifava:
Aqui com cada flor filoſofando,
Razoens de ſentimento
Achava em cada flor ſeu penſamento,
E atraz de cada eſpaço,
Que o paſſo ſuſpendia,
Dizia ſuſpirando:
Ah doce auſente minha!

Cada flor o detinha,
E a cada flor attento
Sequellas inferia ao ſeu tormento.
Huma roſa encarnada
Com melindres de bella,
Com preſumpçoens de Eſtrella
Fazia aqui galante
Oſtentaçaõ de purpura brilhante:
Aonio commovido
Lhe diſſe enternecido:
Ay formoſa memoria,
Retrato de huma gloria,
Que poſſui taõ breve,
Nevoa ao Sol, fumo ao ar, ao vento neve,
Malograda formoſa,
Roſa defunta, quando apenas roſa.
Em huma mata verde
Hum jaſmim odorifero nevava,
E derramando cheiro
Ao vento ſuavizava,
Quando Aonio paſſando,
A's vezes a cabeça meneando,
Diſſe comſigo: Ah triſte!
Quanto ha já q̃ me falta o brando alento.
Daquella voz branda o doce acento,
Que alegre a meus ouvidos reſpirava,
Com que a vida animava,

Fa-

Fazendo verdadeiras docemente
Mentiras do Oriente!
Huma rosa do Sol em outra parte
Sequaz, e firme amante
Do rayo rutilante,
Ao rayo, que começa,
Adornava os trançados da cabeça,
E outra vez renascida
Vestia a gála quasi amortecida,
Ou que a morta esperança renovava,
Ou que á vista do amante se enfeitava:
Aonio saudoso
Lhe disse de invejoso:
Ditosa tu, que logras
Com amante respeito
Depois de ausencia breve
A teu querido objeito,
E triste de quem pena
Taõ fóra de bonança,
Que inda lhe nega allivios a esperança,
Logra ditoso o fim do teu emprego:
Em quanto eu vivo cego,
E em quanto o bem te invejo,
Mate-me muito embora o meu desejo:
Se dez horas de ausencia,
Em que teu vago amante
Alterna n'outro pólo a presidencia,

Te tinhaõ já defunta em luto, e pranto,
Que fará trifte quem padece ha tanto!
Haverá inda algum dia,
Que eu veja efta alegria?
Mas oh vaõ penfamento,
Inda eu cuido que ha ahi contentamento!
Alegre copa dava hum verde freixo
A' florida alcatifa
De hum deleitofo affento,
Onde logrando do docel copado
Se affentou de canfado,
E embebido todo em feu cuidado
Sufpenfo, e difcurfivo
Retratava comfigo o gofto altivo
De feu querido empenho;
Alli o pincel do engenho,
Cortezmente atrevido,
Seguindo o parecer do penfamento,
Retrata Lyfis branda a feu tormento,
Hora efquiva a retrata,
A feu tormento ingrata,
Mas fempre fufpirando,
Quando com quebros graves
Lhe profanaraõ o filencio brando
Dous rouxinoes fuaves,
Dous pardos ramalhetes,
Que a falfas, e a motetes,

A ca-

A cadencias, e a quebros
Alternavaõ cuidados, e requebros,
E pico a pico docemente attentos
Se trocavaõ as almas nos alentos;
Aonio alvorotado,
Quasi esteve arrojado
A interromper ligeiro
Dos amantes cantores
Os musicos amores;
Porèm depois que a ira
Deo lugar ao discurso, que delira,
Deixando socegado
O peito magoado,
Com olhos cheyo d'agoa,
Dizendo a boca, mas dictando a mágoa,
Lhes fallou desta sorte:
Ditosos vós, que em musicas cadencias
Naõ padeceis ausencias;
Ditosos vós, que em quebros dilatados
Lograis favores, e alcançais cuidados;
Porèm se a cortezia
Em vossos peitos mora,
Suspendey por hum pouco a melodia,
E quando naõ os quebros,
Ao menos os requebros,
Que a memoria traidora
Naõ sey que glorias me figura agora

Gos-

Gostosas sim, mas leves,
Perdidas largas, e gozadas breves.
Mas naõ quero impedir-vos invejoso
Hum bem de tanto preço,
Hum bem, que naõ mereço;
Proségui vosso estado venturoso,
Que tambem algum dia
Podereis invejar-me a companhia.
Parece que advertidos
A's queixas, e gemidos
Os dous amantes brutos,
O quebro numeroso
Suspenderaõ no thalamo amoroso,
E deixando o raminho,
Em que fizeraõ tregoas ao caminho,
Azas deraõ ao vento
Ambos taõ igualmente em companhia,
Que julgar naõ podia o pensamento
Qual era o que seguia;
A attençaõ sim de Aonio
Os passos lhes contava,
E vendo que hum seguia, outro voava,
Começou a queixar-se á natureza:
Dizendo com tristeza:
Oh quem azas tivera
Para voar contente
A ver Lysis ausente,

Que pouco que a fortuna em mim puděra!
Oh natureza injusta !
Oh tyrannia grave !
Que falte a hũ triste o q̃ sobeja a hũa ave!
Que proprio do cuidado he o desvélo!
Pois apenas o monte lhe aborrece ,
Ao prado apenas desce ,
Quando outra vez suspira pelo monte !
Oh gran desassocego !
Bem parece que o guia hum moço cego.
Ergue-se em fim, e agradecendo humilde
O liberal hospicio
Ao deleitoso freixo ,
Lhe disse. Aqui te deixo
Em memoria cortez do beneficio
A cousa, que mais quero ,
O nome, que venero ,
E talhando curioso
O doce nome da querida ingrata ,
Co' a magoa,que a lembrança lhe penetra;
Hum suspiro formava em cada letra :
Lysis em fim escreve,
Ficando a hum tronco toscamente bronco
O nome de outro tronco ,
Accrescentandō abaixo tristemente :
Em vaō te busca, quem te chora ausente.
Irresoluto parte ,
E sem

E ſem ſaber adonde
Guia a planta canſada.
Deixou ao acaſo o acerto da jornada,
Que por goſto ſómente
Alegre caminhára,
Onde Lyſis achára;
Mas como auſente a tinha,
Sem reparar adonde, em fim caminha.
  Triſte caminha, quando
Parando hum pouco a planta mal ſegura,
Vió huma cóva eſcura,
Huma gruta medonha,
Que entre abertos reſquicios
Convidava ſómente a precipicios,
Sepultura, ou morada,
Se naõ de féras brutas habitada,
De ecco palreira, onde occulta vive
Em pena da ouſadia commettida,
Repartindo ſómente a voz partida
Do acento mais inteiro,
Só ſe por dita eſcuta ao paſſageiro
De ſeu Narciſo o nome,
Ou o naõ torna fóra,
Ou com graça, e aviſo
Repete inteiro o nome de Narciſo,
Suſpenſo hum pouco diſſe
Em fim tanta dureza

Minar

Minar o tempo póde!
E lembrando-lhe a gloria d'algum dia,
Tornou em si dizendo:
Em que me estou detendo,
Que se o tempo acabou meu passatempo,
Assás saber devia
O quanto póde o tempo?
Porèm em fim, se o tempo póde tanto,
Que muda o riso èm pranto,
Mudar o pranto em riso,
Mudar em alegria
Esta minha tristeza,
Que agora ao peito por matar-me acode,
Porque naõ póde? Diz-lhe o ecco: *Póde.*
Esta resposta o teve
Hum pouco suspendido, e naõ sabendo
A quem o allivio deve,
Faz a seus males pausa,
Té que attendendo á causa,
Emendou-se de ufano;
Porèm virando o rosto ao desengano,
Fez se desentendido
Por lograr entre a pena de esquecido
O bem de hum doce engano,
E proseguindo disse:
Nessa promessa, que meu peito alcança,
Naõ póde achar entrada a esperança;

Que em fim Lysi inclemente
Naõ sente o mal de hũ peito ausente: *Sẽte.*
Oh oraculo ditoso,
Grande applauso mereces,
D'um peito receoso,
Porque inda que me enganes na alegria,
O credito te devo em cortesia,
Mas quãto mais me abrazo em viva chãma,
Bem sey que Lysis me desama: *Ama.*
Eterna vive nessa gruta, aonde
Cruel fado te esconde,
Aura sempre toante,
Suspiro sempre vivo,
Oraculo dos montes,
Alma da penha, cortezaã dos bosques:
Vive nesse cubiculo secreto,
Que á ley de agradecido te prometto
Que vejas nessa gruta
O teu bello Narciso,
Para que satisfeita de improviso
Com mais abraços, e com menos vozes
Em flor ao menos transformado o gozes.
Assim dizia, quando
A planta mal enxuta
Salteada se achou de arroyo errante,
Que de huma rocha bruta
Se vinha despenhando
Rui-

Ruinas em aljofares pagando.
Aonio discursivo
A ver a origem parte
Do arroyo fugitivo,
Que entre travessos gyros
Murmurando discorre,
Aqui nasce, alli fica, acolá corre,
E entre confusas voltas
Mente seu nascimento com tal arte,
Que quando lhe buscava o nascimento,
Titubear fazia o pensamento,
E em cada breve espaço
Retroceder o passo;
Mas por mais que se esconde,
Occultar-se naõ póde a diligencia
Da curiosa advertencia,
Que entre frondosas ramas encoberto
Em fim achou o acerto.
Em braços toscos de huma penha inculta
Nasce pequena fonte,
Tenra sangria do escabroso monte,
Parto suave do aspero rochedo;
Deleitoso arvoredo
Lhe tolda hum breve tanque,
Onde cahindo pára
Em placido remance,
Sendo em prizoens de prata
Li-

Lisonja branda de huma rocha ingrata.
Próvida a natureza
Em competencias da arte
Hum assento lavrara a cada parte,
Onde encostado Aonio,
Lhe pronostica o termo da jornada,
Misturando agoa doce co' a salgada,
Que de seus olhos corre:
Nasce; (lhe diz) harmonica palreira,
De meu mal companheira,
Crystal precipitado,
Nasce (lhe diz) reverdecendo o prado,
Peruleira Indiana,
Que em cabedaes de perolas ufana
Desperdiças as perolas ao monte:
Nasce, luzida fonte;
E neste breve tanque
Teu precipicio estanque,
Nesse vergel sombrio
De ser fonte contente
Prende a branda corrente,
Naõ aspires a creditos de rio,
Que te espera gran damno,
Se nasces presumida de Oceano.
Rica de aljosar, se de arroyos pobre,
Faze aqui dessas perolas brilhantes
Magestosa resenha,

Dei-

Deixa que se congelem
Na concha desta penha,
Adonde vaz? detem-te,
Pára, enfrêa a corrente:
Se a cobiça de undosa
Da patria te desterra
Descontente por menos caudalosa,
Em fim peregrinando o valle, e serra,
Vás em busca de enchente mais copiosa,
De mais alta corrente,
Pára, adverte, e repara,
Que essa nova crescente
Será mais alta, porèm he menos clara;
E se a queres mais alta,
Meus olhos te daraõ o que te falta:
Suspende o crystal terço,
Pois achas em teu berço
O que já naõ acháras por ventura,
Correndo pressurosa
Por tanta serra dura,
Picando-te mimosa
Por taõ duros abrolhos,
Que máres de agoa te darâõ meus olhos;
Morta estás por ausente,
Pois inda assim naõ páras,
Pára, espera, e detem-te,
Que em cada passo de teu louco empenho,
Vás

Vás dando mais hũ passo em teu despenho,
Suspende pois a vêa crystallina,
E nessa prata fina
Estas flores engasta:
Olha ignorante, que se adiante corres,
Esta minha ameaça,
Que te dicta a experiencia, e naõ o medo,
Tarde lamentarás, sentirás cedo.
Corre pois muito embora,
Que lá irás aonde
O rio te escureça, o mar te affogue,
E em busca de outras ondas
No rio acabes, e no mar te escondas.
Mais proseguira, quando
Lhe parou o discurso interrompido
De galgos, e de perros
Estrondoso alarido:
De caçadora errante companhia,
Montanhez vozeria,
Que naõ sómente á preza os incitava,
Mas parece que as serras despenhava:
Mudo o zagal se erguia
Ao confuso rumor da montaria,
Quando precipitada
Cerva fugaz de frechas emplumada
Deslizando-se bruta de huma penha,
Dava veloz carreira;
Mas

Mas a ſetta correra mais ligeira,
Ou por fugir da frecha á ligeireza;
Ou da maõ ſagittifera á deſtreza;
Errava o valle, atraveſſava o monte;
Té que attendendo á fonte,
Já a ſede da ferida
Buſca na agoa os allivios para a vida.
Ay cobarde enganada!
Diſſe entaõ o ſerrano,
Memoria de meu damno!
Que importa, dize, agora
Fugir á maõ traidora,
Que tanto te inquieta,
Se vem contigo a ſetta!
Agora de que ſerve
Fugir ao arco forte,
Se em ti já trazes eſcondida a morte?
E que importa o meu peito,
Que em fim Lyſis ſe auſente,
Se o fogo do meu peito eſtá preſente!
Que importa que ſe aparte
Neſta, ou naquella parte
A cauſa, que me inflamma,
Se vem commigo a chamma!
Menos tardou a cerva fugitiva
Em banhar-ſe na fonte
Com arrojado curſo,

Que

Que Aonio em seu discurso;
E co' a dor, que no peito
Hervada a setta fragoa
Pagando em sangue o q̃ lhe bebe em agoa:
Bebe sedenta, e quando as ondas mede,
Esgotta a fonte, e naõ esgotta a sede,
Até que em fim de todo á dor rendida
Igualmente co' a sede larga a vida:
Aonio compassivo
A levantou humano;
Temendo discursivo
Que annuncio triste seja
De algum futuro damno;
E logo com inveja.
Em fim, lhe diz, da châma que sentias,
Do mal que te assombrava
Já naõ sentes a pena,
Nem se te dá da aljava:
Em fim, com doce emprego
Deixaste a vida a troco do socego:
Oh venturosa sorte:
Ao passo da desgraça achar a morte!
Oh caso nunca ouvido
Topar logo co' a morte hum affligido!
Triste de quem vivendo
Da vida descontente
A' medida da vida a pena sente!

Mais

Mais difcorrera Aonio ;
Mas parou falteado
Da montanhez caterva,
Que regiftando o monte, o valle, o prado
Do fangue rubricado ,
Vinha em bufca da preza diligente ;
Saudou-os cortezmente
Aonio fem moftrar-fe faudofo,
E defmentindo trifte
O peito magoado
Com disfarces de alegre
Admira hum junco verde,
Que de cativas aves adornado
Inclina ao pezo os hombros,
Tantos lhe caufa affombros ,
Quantos rubins em bicos engrazados
Davaõ pafto aos cuidados ;
Em fumptuofo convite
Daraõ depois incendio ao appetite,
Naõ lhe valeo ao timido coelho
Com aftucias de guerra
Contraminar a ferra,
Que de hum vento quadrupede feguido
Pende aqui mal ferido.
A lebre fugitiva
Tambem defpojo geme inda mal viva.
O Author da fetta ardente

 Olhan-

Olhando mudamente para a cerva,
Com os olhos se jacta mudamente,
E da errante caterva
Altamente applaudido,
Deixando ao hombro o arco suspendido,
Ergue o cadaver bruto, e satisfeito
Ora lhe tenta o collo, ora o peito,
E com cortezes modos
Gavaõ o acerto todos,
Até que despedidos
A penetrar o monte
Se partiraõ da fonte,
E em alegres clamores repetidos,
Discorrendo velozes,
Frequentaõ passos, multiplicaõ vozes,
E mudo Aonio em tanto
Descançava do pranto para o pranto.

À MORTE
DO SERENISSIMO SENHOR
D. DUARTE
INFANTE DE PORTUGAL.

CANC,AM FUNEBRE.

JA a violencia dos fados abſolutos
O golpe executou no Gran Duarte:
Cobrio Apollo a Esféra luminoſa
Por indicios da dor com triſtes lutos;
A terra ſe ſeccou por toda a parte,
E quantas flores produzio viçoſa,
Converteo deſairoſa
Em eſpinhos duros, rigidos abrolhos
Tanto no parociſmo derradeiro
Do malogrado eſpirito guerreiro
Das almas ancia, laſtima dos olhos,
Tiveraõ triſtemente ſuſpendida
A luz o Firmamento, a terra a vida.
Derivada depois a noſſos peitos
A mágoa do ſucceſſo laſtimoſo,
De tal ſorte inundou o pranto largo,
Que foraõ noſſos olhos muito eſtreitos
Campos para o Oceano taõ undoſo,

E de lagrimas tristes taõ amargo;
Porèm para descargo
Desta pena de todo naõ chorada,
Quando sempre de todos bem sentida;
Saya a dor em suspiros proferida,
Exhale a pena em voz articulada,
E na demonstraçaõ, que assim ordena,
Falle a pena por voz, a voz por pena.
Póde o tyranno, Infante esclarecido,
Que occupais esse throno de safiras,
Da gratidaõ negar os foros justos
Com impio trato, e peito fementido:
Póde indigno furor de humildes iras
Os ceptros abrazar dos Reys augustos:
Oh seculos injustos!
Sempre jamais verdugos da innocencia,
E sempre ingratos ao merecimento!
Onde de vosso vil procedimento,
Onde de vossa barbara violencia
Teraõ seguro asylo, e doce gremio
A vida do leal, do justo o premio!
Mil vezes tremeo Marte dos soberbos
E ultimos golpes desse braço altivo,
E mil vezes cansou a dura morte
De cobrar tantos pallidos, e acerbos
Tributos, pelo numero excessivo,
Que executaveis com imperio forte:
Mas

Mas por diversa sorte
Nunca cessava aquella voadora,
Dos tempos vida, arbitra dos fados,
De celebrar com eccos dilatados
Os progressos da espada vencedora,
Que hoje defensa vaã da sombra fria,
Despojo nobre á baixa tyrannia.

Entre as neves da esféra de Alemanhà
Vos registaraõ como author do dia
Ambas as Aguias do inimigo Jove
Por luminoso rayo da campanha,
Por metrico fulgor da Academia;
E porque a gloria Aonia se renove,
Vos influiraõ as nove
Idéas altamente sonorosas,
Vozes sonoramente proferidas,
Tam bem cantadas, como dirigidas,
Tam bem acceitas, como gloriosas,
Unindo-se com meritos supremos
Assombro do valor, do juizo extremos.

Porèm os mesmos Numes, como varios,
Que vos enriqueceraõ de virtudes,
Sentindo em vossas prendas, que ficaraõ
De prodigios exhaustos seus erarios,
E seus pinceis, de exercitados, rudes,
Co' a inveja desleal se conjuraraõ,
E em sombras vos roubaraõ;

(Que

Que sempre obra a injustiça com cautella)
Mais do que tanta dadiva valia ,
(Para ser duplicada a tyrannia)
Naquelle nobre , e singular naquella ,
No alento vossa , nossa no cuidado ,
Cara vida tambem do proprio fado.
Ignorou de cruel o golpe agudo
A morte, que hoje naõ ignora o erro ,
E como em pena do successo triste
De sua pena ás vidas fez escudo ,
Deixando em ocio frio o duro ferro
A que defensa humana naõ resiste ;
Mas a dor, que persiste ,
Tomando o seu descuido por injuria,
Porque seja mayor a crueldade.
A pena agora, agora a saudade
Introduzindo vay com tanta furia,
Que a morte fora ja mayor tormento ,
Se ainda naõ acabára o sentimento.
Sem norte cegos, tristes sem objecto,
Por entre as sõbras, q̃ o sepulchro encerra
Tremulamente daõ confusos giros
Mil custosos espiritos do affecto ,
Nascidos huns na paz, outros na guerra,
Tornados de esperanças em suspiros ,
E seus tristes retiros ,
Regiaõ, que mortal silencio habita ,
E sem

E sem se profanar, nelles se quebra:
A dor, que por exequias os celebra,
Por defuntos no horror os exercita,
Porque sejaõ, conrespondendo á sorte,
Se á vida obsequio, sacrificio á morte.

Quando a Patria o discurso do tyranno
Discursa, acautelada tanto o sente,
Que jamais nas idéas o consulta,
Que naõ fuja o discurso para o damno:
O mesmo pensamento, que o consente,
Porque seja mayor o difficulta;
E assim d'ambos resulta
Hum aggravo, que gera a triste mágoa,
Huma pena, que causa a justa offensa;
E fulminando justa recompensa,
Quantas vezes prepara a viva fragoa,
Naõ resolve de qual eleja a furia,
Se a offensa da dor, se a dor da injuria.

Estas neutralidades, que os antolhos
De amor formaõ nas aras da vingança,
Hum effeito sómente naõ suspendem,
Que he o perpetuo mar de nossos olhos,
De mil vidas naufragios sem bonança;
De que salvar-se apenas só pertendem
Os discursos, que entendem
Entre esquadras de luz, q̃ o Sol governa,
Esse triunfo de Astros por despojos,

Que

e ſem o cuſto de tragicos enojos
s logrando na campanha eterna
flores ſempre freſcas adornado,
ó de caducos ramos coroado.
Mas como naõ ſe atreve o penſamento
ir a donde vive eterna gloria,
que as azas mortal pezár lhe abata,
ſuſpenda immortal contentamento,
que de ſeus delirios a memoria
ó cubra do ſilencio ſombra ingrata,
doſamente trata
commendar a religioſo culto
re as ſombras de triſtes mauſoléos
lentes votos aos divinos Ceos,
doſos vales ao defunto vulto,
ernando em ſeus votos, e ſeus males
hoſtías Pſalmos, lagrimas por vales.
uſpendamos, Cançaõ, o triſte pranto;
que ja naõ ha olhos para tanto:
ém, ſe acaſo qués eternizar-te,
indo a fama vay do gran Duarte,
n'uma, e n'outra esféra dilatada,
n'um, e n'outro pólo repetida
s perpetuamente conhecida,
s eternamente celebrada.

e Antonio Barboza Bacelar.

OY.

OYTAVA DE CAMOENS.

EGLOGA V.

PO'de ser, se me viras, que sentiras
Ver liquidar hũ peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras, se me viras;
Pois eu só por te ver suspiro tanto.
As magoas, os suspiros, que me ouviras,
Te puderáõ mover a grande espanto,
A dor, a piedade, a sentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.

GLOSSA.

I.

DEpois q̃, amada Silvia, te auzentaste,
Auzentou-se tambem minha alegria;
Porque a pena, de ver que me deixaste,
Só consente que eu viva em agonia:
O cuidado cruel, que me causaste,
Em mim obra taõ grande tyrannia,
Que se o peito de bronze revestiras,
Póde ser se me viras, que sentiras;

Co-

II.

Como as flores, q̃ os prados ennobrecẽ,
Com sua formosura, e luzimento,
Que se a ausencia do Sol claro padecem,
Occultaõ seu brilhar em sentimento:
Assim nos olhos meus sempre apparecem
Só lagrimas crueis, e em tal augmento,
Que agora poderias com espanto
Ver liquidar hum peito em triste pranto.

III.

De teu rosto brilhante separado
A vida passo em tal desassocego
Que nem tenho lembrança do meu gado,
Nem a mim me conheço como cego:
Em ti emprégo todo o meu cuidado,
Pois em ver-te consiste o meu socego,
E assim ditoso eu fora se me ouviras,
E bem pouco fizeras se me viras.

IV.

A mágoa da saudade a todo o instante
Em meu peito renova huma ferida,
Que sendo a mais cruel, e penetrante,
Parece cada vez he mais crescida:
Mas só porque naõ digaõ que hum amante
A teu rigor entrega a propria vida,
Vem parar as correntes de meu pranto,
Pois eu só por te ver suspiro tanto.

O fim.

V.

O ſimplez paſſarinho cuidadozo
Cantando voa á aquelle, que procura,
Só tu a quem por ti morre eſtremozo
Deixas na ſolidaõ deſta eſpeſſura:
Se tu viſſes o eſtado laſtimoſo,
Em que me pôs a minha deſventura,
Tambem com muitas lagrimas ſentiras
As mágoas, os ſuſpiros, que me ouviras.

VI.

A féra, que mais brava ſe conhece
Nos boſques, tambem de outra ſe namora,
E ſe eſta naõ aviſta, aos valles deſce
A buſcá-la bramindo a toda a hora:
Mas como teu rigor contra mim creſce,
Que nunca foſte humana eu júlgo agora;
Pois ſe o foſſes, as vozes de meu pranto
Te puderaõ mover a grande eſpanto.

VII.

Sabendo o firme amor, com q̃ te adoro,
Deshumana paſtora, bem podias
Prezúmir tantas lagrimas que choro
E naõ obrar taõ grandes tyrannias,
Das aves ja naõ ha canto ſonoro,
Porque a pena, em que triſte paſſo os dias,
Move até quem naõ tem entendimento
A dor, a piedade, a ſentimento.

Final-

VIII.

Finalmente por ti he deſprezada
A rouca voz d'uma alma deſgoſtoza,
Que do teu rigor ſempre maltratada
Em amar-te ſe empenha ainda extremoza:
Queres ſer por tyranna eternizada ,
Só porque eu tenha morte rigoroza ;
Pois me entregas ao pranto mais violento,
E a mais,que para mais he meu tormento.

Por hum Engenho deſta Corte.

JORNADAS DE LISBOA PARA O ALEM-TEJO, POR JERONYMO BAHIA.

JORNADA I.

ROMANCE.

AMigo, esta vossa carta
Me chegou, quando eu estava
Em o jogo da fortuna
Dando outro baralho ás cartas.
Pois das estradas, e vendas,
E vendeiras desastradas
Taó perdido estou, que só
Co' esta carta me ganhára,
Nella pedîs vos dê conta
Da minha fatal jornada.
Como me foy de caminho
Cá nas partes Transtaganas?
Comvosco, mais que com Deos,
Serey liberal em dá-la,

Pois dando-a a Deos muy estreita,
A vós a devo dar larga.
Más dar da Jornada novas
Será comedia sem falta,
E em ser novas de caminho
Ouvireis tramoyas bravas.
Aos vinte e hum de Janeiro,
(Tabellioas saõ palavras,
Mas logo de mim escrivaõ
Me ouvireis em as pousadas.)
Digo a tantos de tal mez,
Que assim a folhinha o dava;
E em dar naõ mostrou ser folha,
Porque em verdade assim passa.
Em huma segunda feira
Começo entaõ da semana,
Sicut erat costumado,
Principio dey á jornada.
Levava minha maleta,
Se bem sempre desgraçada,
Pois sendo cousa taõ bôa,
Todos a julgaõ por mala.
Levava alforges tambem
Caminhando á Franciscana,
E naõ indo tanto em couro,
Do couro sahio a paga.
Com luvas naõ caminhey,
Supposto qne o tempo as dava,
Po-

Porèm da bolſa fiz luva
Em quanto andey por eſtradas.
Embarquey pelas quatro horas
Tempo, em que o Sol ja virava
Para a barra de Belem,
Onde dizem que deſcança.
Porèm como era Inverno,
Naõ eraõ as luzes largas;
Que poſto que a barra toma,
No luzir naõ lança a barra.
Por veſtir o louro Joven
Ja entaõ cores douradas,
Sem duvida que no mar
Quiz uſar barras de prata.
Se ja naõ he, que querendo
Deſcançar de madrugada,
Huma barra em vez de leito
Eſcolheo no mar por cama.
Se do medo entaõ da noite
O Sol as coſtas virava,
Naõ o ſey; ſey que com iſto
O mar lhe lavava a cara.
Em fim ja menos brioſo
O Sol aos ſeus brios falta
Pois naõ ſe mettia em reſtea,
Que nem reſtea de Sol dava.
Chegey á borda do barco,
E vendo deitar a prancha,

A

A julguey ser de alto bordo,
Por me ficar muito alta.
Subi á prancha com medo,
Porque temo muito da agoa,
E se me benzo da doce,
Que faria da salgada!
Mas posto, que tinha medo,
Mostrey que naõ tinha casta
De Judeo, porque subi
Co' Credo na boca a prancha.
Quando vi largar o panno,
E taõ grande arfar da barca,
Tomar o pannete quiz,
E pôr-me outra vez na praya,
Desamarrámos o cabo,
Que o foy da bõa esperança
Para mim pela tormenta,
Que ja no mar receâva.
Com tudo ao principio brando
O mar de bom lóte estava;
Porque vestia hum azul
Todo chamalóte de agoas.
Foy ferindo a barca fogo
Ao ponto que a véla larga,
Com ser véla mais se accende,
Quando o vento mais soprava.
Estando muito bom tempo,
Já em empolado o mar andava;

Que em correndo bem os tempos
Quem quer ſe empóla, e ſe alarga.
Parece que de invejoſo
(Tudo em fim a inveja traça)
Logo o vento ſe picou,
Vendo as agoas empoladas.
Na corrente d'agoa démos,
Mas de ferros a tomára,
Porque em lhe deitando o ferro
Entaõ mais ſeguro eſtava.
Quiz buſcar converſaçaõ,
Proprio allivio de quem paſſa
Nu'ma barca de carreira
Carreira taõ arriſcada.
A huns Francezes pouca roupa
Achey na popa da barca,
Pois nem roupa de Francezes
Lhes vi por entre as caſacas.
A todos os vi em couros,
Nenhum com botas calçadas,
Porque do couro das botas
Fazem vinho nas borrachas.
Vinhaõ taes os Monſiures
Sem poderem ter as patas,
Que entaõ mais neceſſitavaõ
De muleta, que de barca.
Elles feriaõ valentes,

Pois saõ os gallos de França,
Mas se naõ eraõ gallinhas;
Pareciaõ humas gatas.
Sem haver muita tormenta,
Em fim ao mar alijava
Cada hum o que escondido
Trazia dentro na pança.
Pareceo-me que nascia
Do temporal grande de agoa,
Mas ser de vinho a tormenta
Quem quer o addivinhára.
Com Francezes naõ temi
Que houvesse no mar borrasca,
Porque em chegando hum Francez
Nenhum a real se dava.
Tomando pois seus cachimbos,
Nos defumaraõ as barbas,
E ellas seriaõ limpas,
Porèm foraõ defumadas.
Veyo-se cahindo a noite
Carrancuda, e enfadada,
E com lograr tanta Estrella,
Nada parece a alegrava.
Cobrio-se com negro manto,
Estylo proprio de dama,
Que em tendo Estrellas por olhos,
He donaire o vir tapada.

Lançou o manto em effeito;
E eu com somno alli tomára,
Mais do que hum manto estrellado,
Manta, ou cobertor de pappa.
Alguns dormem a somno solto,
Outros cantaõ a muliana;
E eu só por ir quieto,
Deixei-me ir ao som da agoa.
Apenas preguey os olhos,
Quando ouvi vozes muy altas:
Ferra a véla, ferra a escota,
E os nudos peguem nas varas.
Como hia alli muito vinho,
Cuidey que havia na barca
Alguma de massagatos,
Indo todos massagatas.
Por irem bebados todos,
Encalháraõ èm a praya
Do Montijo, aonde ja
A agoa hia muito baixa.
Alli vi a differença,
Que havia entre o vinho, e agoa,
Porque esta era baixamar,
E aquella hia pela gavea,
Fizemos nossa derrota,
E ficou em secco a barca,
E com darmos tanto em secco,

Nos deo a agoa pela barba.
Hum dizia: Vá avante,
E outro A' ré começava,
Qual jogo de toque emboque;
Eu só nos riscos cuidava.
Logo que o cabo passámos,
Huma mareta muy branda
Nos apanhou em o rio,
Que de muy bravo escumava.
Como era hum braço de mar,
E nelle pé se naõ acha,
Acudio hum pé de vento
Dando hum cambapé na barca.
Por ser o vento taõ grande,
Eu desejey nesta dança
Désse commigo por terra,
Antes que désse pela agoa.
Mas vendo o braço de mar,
Que taõ forte o vento abana,
Sobre castellos de vento
De sua escuma fez bálas:
Sendo o dia de segunda,
Muito Menezes estava;
Pois se aziago naõ era,
Era huma noite aziaga.
Quiz Deos que acalmou o vento,
E já caminhando ás varás
Com

Com duas horas de noite
Chegámos todos á praya.
Taõ escuro estava o caes,
Onde a gente desembarca,
Que por negro parecia
O caes do carvaõ de Alfama.
Logo que o pé puz em terra,
De toda a gente da barca,
Dando mil graças a Deos,
Me despedi com *Deo gratias*.
De meu irmão Fr. Antonio
Aguiar guiey á casa.
Quando já vem pelos ares
Naõ Aguiar, mas huma Aguia.
Com bom rosto me recebe,
E eu com bem máo lhe fallava,
Que isto de fazer bom rosto
Só faz quem tem bôa cara.
Sentámo-nos logo á mesa
Depois da primeira salva,
Aonde o salvo conduto
Depois do vinho naõ falta.
Logo de lombo de porco
Me mandou vir carne assada,
E eu mais assado, e cosido
Estava por mastigá-la.
Veyo huma amostra da adêga,

Com ella taõ bem me trata,
Que me vi da melhor bota
Feito hum Cardeal Ç,apata.
Fuy provando de outra pipa
Taõ bõa, e bem avinhada,
Que com ter arcos de velha,
Nem ſinal trazia de agoa.
Deo-me de muy bom melaõ
Huma talhada naõ parca,
Que quando a couſa ha de ſer,
Já de cima vem talhada.
O melaõ, que entaõ me pòs,
(Se n'outra occaſiaõ ſe cala)
Entaõ fallou de myſterio,
Sem de letrado ter nada.
Com ſet fructa taõ goſtoſa,
Fallar nella me embaraça,
Que ter pevide na lingua
He ter a lingua muy gaga.
Continuey alli com effeito,
Alli na Quinta da Graça
Alguns dias, entretanto
Que deſcobria humas andas.
Xadrez, e Damas joguey,
Por entreter a jornada,
Sem profanar o Convénto,
Nelle me deſenfadáva.

E por-

E porque ſou de bom goſto,
Era cada huma das Damas
Eſcolhida ao taboleiro,
Como para mim baſtava.
Alli dez dias eſtive,
Onde o Irmaõ me regála,
Naõ os olhos, porque tudo
Me dá c'os olhos da cara.
Determiney de partir-me,
Preparey-me aqui na Graça,
O como, darey a conta
Em a ſegunda jornada.
Seus ſucceſſos contaremos,
Sem deixar por dizer nada:
Mas deſcancemos agora,
Pois temos tomado a graça.

JORNADA II.

ROMANCE.

POis da ſegunda jornada
Dar-vos conta fiz promeſſa,
O promettido he devido,
Ey-la vay á ſolta rédea.

Dar-

Dar-vos esta conta a vós
Muy por miudo quizera,
Sebem que por eu a dar
Cuido que será grosseira.
Esta jornada segunda
Naõ por entremez começa,
Porque entaõ de Fevereiro
O primeiro do mez era.
Em dia de Santo Ignacio,
Em vespera das candêas,
Naõ co' a candêa diante
Parti de Aldea Gallega.
Porque como o dia estava
De Veraõ na apparencia,
Foy-me allumiando o Sol
Até que chegueý ás Vendas.
Ergui-me de madrugada
A apparelhar a maleta,
Isto dizendo, e fazendo,
Por naõ dormir-me a fazenda.
Já neste tempo a Aurora
Dentre as escuras cavernas,
Sahindo da triste noite,
No convez do Ceo passea.
Vinha de róta batida;
E tirey por consequencia,
Vinha muy rota, quem vinha

Rompendo por entre eſtrellas.
Ufana a Aurora ſahio,
E muy concha na belleza,
Porque he proprio andar em concha
Quem tantas perolas deita.
Huma mula vejo á porta,
E ajuizey logo vendo-a,
Que a muleta pelo fraco
Me havia pôr em muletas.
Naõ era nada louçaã,
Nem robuſta, nem ſoberba,
Mas pelo antigo muy fraca,
E pelo ruço muy beſta.
E ſuppoſto que era grande
Eſta mula manjalegoas,
Só tinha de authorizada
O ſer mula muito velha.
Taõ magriſſima era a mula
Que com ſer mula de ſella,
Nella caminháva em oſſo,
Mas de correr nunca o era.
Eu tanto que a mula vi,
Antes de ſubir-me nella,
Logo perdi os eſtribos.
Sem ſentir ſeu dono a perda.
Em a vendo, diſſe logo:
Ay, que negra mula he eſta!

Sen-

Sendo que, de velha, já
Naõ tinha nada de negra,
O villaõ me respondeo
Com alguma reverencia,
Pois me deo Paternidade,
Que tanto se regatêa:
Suba Padre; porque quando
Lhe disser que a mula he preta,
Olhe-lhe para o cabello,
Olhe-lhe para a gadelha.
Olhey, mas taõ branca a vi,
Que se acaso tinha era,
Foy do anno do Nascimento,
Da do Presepio parenta
Em Aldagallega em fim
Se ajuntou ao por-me nella
Tanto rapaz, que cuidey
Que alli parirá a Gallega.
Picar de róda começo;
Quando começou a besta
A andar co' a cabeça á róda,
Sendo mula taõ quieta.
Mas com bem ar caminhava,
Pois em apertando as pernas,
Com as pernas para o ar
Me lançou logo na arêa.
Com a mula ser muy fraca,

Só-

Sómente tinha de teza,
Que em se sentindo picada,
Dava com tudo por terra.

Eu seus brios naõ lhe nego;
Mas se ella tinha soberba,
Naõ o sey, porque lhe vi
Muy baixas sempre as orelhas.

Naõ por abaixar-lhe os brios,
Mas por descançar as pernas,
Quiz por-lhe o pé no pescoço,
E de humilde se ajoelha.

Se bem que com hum rebusno
Diz que ninguem zombe della,
Que naõ soffre a ninguem ancas,
Naõ por teza, mas por velha.

A mula bebia os ares
Só quando entrava nas vendas;
Pois como cameleaõ
Do ar ouço que a sustentaõ.

Disto que chamaõ cevada,
Taõ pouco cevada era,
Que de sóvas de pancadas
Lhe fazia o moço a ceva.

Por ser muy cerrada a mula,
Para encerrada era bella,
Que ha mulas mais para estrados,
Que para estradas, e vendas.

Sahio

Sahio pondo aos ſeus cavallos
O Sol as douradas rédeas ,
Se bem que como homem de alhos
N'outro tempo o vio em réſteas.
Logo os cavallos do Sol
Se riraõ da minha beſta,
Havendo chórado a Aurora
De a ver com tantas mazéllas.
Fuy caminhando aos Pégoens
As cinco legôas de arêa ,
Caminho , que naõ eſcrevo
Por tudo ir n'uma poeira.
Chegámos ás onze dadas
A's eſtalajens primeiras ,
Quando o relogio das tripas
Me dava mais de hora e meya.
Perguntou-ſe : Ha bom vinho ?
Poſto a borracha vay cheá ;
Que quem naõ leva borracha ,
Borra acha ſempre nas vendas.
Reſponderaõ-me que o vinho
Nem Peramanca lhe chega ;
Eu por ver qual era a tinta
Quiz entaõ molhar a penna.
Alli paſſados por agoa
Huns óvos me pōem na meſa ,
Mas eu fico mais paſſado

Quan-

Quando paguey á vendeira.
Com caminharmos taõ çujos
Caminho de tanta arêa,
Só dalli ſayo areado,
Por levar limpa a algibeira.
Era taõ limpa a eſtalajem,
Que, em que varrida naõ era,
Nunca fez falta a vaſſoura,
Onde ha redes varredeiras.
Quando alfim pedio a paga
Eſta vendeira taõ déſtra,
Me tremeo a paſſarinha
Sem comer ave de penna.
Neſta eſtalaje encontrey,
Que caminhava para Elvas,
A D. Joaõ de Alencaſtre,
Ao Marte ayroſo da guerra.
Aquelle, que pelo nobre
De muy bom ſangue ſe preza,
Sebem que para o inimigo
De muy colerico pecca.
Aquelle de tal linhagem,
Que ſendo na noſſa terra
Fidalgo muy eſtirado,
Sempre em pé ficou na guerra.
Aquelle, de quem o Auſtro
Teme cobarde a refrega,

Que

Que Austros saõ os que em sangue
Competem com as Estrellas.
Perguntey logo aos criados
Que posto na guerra alenta ?
De Capitaõ de cavallos
Dizem que empunha a geneta.
Pasmey fosse Capitaõ
De cavallos, e de bestas
Quem taõ discreto fallava
Nos assumptos da Academia.
Travámos conversaçaõ,
E partindo-nos da venda
Repetimos no caminho
Versos de varios Poetas.
Nos meus, que lhe recitava,
Logo a memoria tropeça
Por indigna de memoria
Huma Poesia grosseira.
Anoiteceo-nos alli
Da pousada meya legoa,
Sebem que hum quarto de Lua
O Ceo accendeo por véla.
Soberba a Lua naõ sabe,
Porque hum quarto só professa
De Condessa de crescente
Com que luzia na terra.
Se naõ foy, que por fazer
Lá

Lá em a celeſte Esféra
Revoluçoens cada dia,
Em quartos eſtava feita.
A's vendas novas chegámos,
Onde he velho ſerem vendas;
Maria das vendas novas,
Por ſer moça muy traveſſa.
Puzemo-nos no apoſento
A huma Chaminé muy velha,
Que, ſendo pequena, tinha
Grandes fumos na cabeça.
Veyo logo de cear
Choupas, que tinhaõ de freſcas
Virem mais frias que neve,
Poſto que em quente ſe cea.
Nós as fomos desfazendo,
Porèm taõ bizarras ellas,
Que ſe moſtravaõ ſentidas,
E diſto vinhaõ vermelhas.
Taõ duros nos põem tres óvos,
Que ſaõ tres bálas as gemmas,
Mas por ſahirem por culos
Cabe lhe dey de palheta.
N'outras tres gemmas peguey
E achey-as mais molanqueiras,
Sendo que por muy valentes
Cuido que chocaraõ eſtas.

Puzeraõ-nos queijo branco,
Mas de outro queijo ſe preza;
Que naõ deixou ſer Flamengo,
Poſto a cor ter mais morena.
A' vendeira perguntey
Se tinha azeitonas d'Elvas?
Que por da fronteira ſerem,
Hum cavallo eraõ na guerra.
Diz que em me dar azeitonas
Me dava hum morgado nellas,
O que eu naõ pude negar
Ser Morgado de Oliveira,
De vinho eſprimido á maõ
Bebemos de Aldagallega,
Que com nos cuſtar taõ pouco,
Muito eſprimido ſe leva.
Era o vinho renegado,
Se bem Chriſtaõ velho era;
Porèm da agoa do bautiſmo
Nos fazia a conta ella.
Junto á chaminé ceando
Eſte vinho pedio meſa,
E poſſo dizer que eſtava
Muito perto da fogueira.
A meſa ſe levantou,
Tomámos por ſobremeſa
Noſſo tabaco de fumo,

É ta-

E tabaco da Lourença.
E com ser herva taõ santa,
Basta chegar a huma venda,
Para ver-se em pó, e cinza,
Que hum Santo alli naõ se isenta
Na sua cama Alencastre
Muy cedo logo se deita,
E posto esteja de cama,
Fructa do tarde naõ era.
Para minha cama entaõ
Olhey; quando a vi taõ fêa,
Me julguey por ter má cara,
Hum camafeo dentro nella.
Por temer entaõ da cama
Algumas bobas secretas,
Dous lançoes lhe deitey meus,
Que trazia na maleta.
Dormimos a somno solto
Os tres, antes que me esqueça;
Porque hum Capellaõ comnosco
Caminhava á fronteira.
Cada hum dentro em sua cama
Se deita, em quanto a vendeira
A's camas nos faz a conta,
E deita a conta da cea.
A Morfeo nos entregámos.
Dormimos, como humas pedras;

E por fermos pedra em poço,
Hum poço alli se nos leva.
Entretanto que aqui durmo,
Aquietar quer ja a penna;
E para a outra jornada
Darey conta da comedia.

JORNADA III.

ROMANCE.

ESta Jornada terceira,
De que, amigo, aqui vos trato,
Se bem naõ he de comedia,
A mim me deixou no cabo.
Veyo o dia das Candêas,
Para mim mais finalado,
Pois dey nelle hum voto a Deos
Sem féros de Caftelhano.
Quero dizer que efte dia
Da profiffaõ contey annos,
Que annos, que damos a Deos,
Já fabeis que faõ contados.
Veyo efte dia, que a Igreja
Sebem que o deo dia fanto,
Hum Capellaõ que trouxemos,
fez dia de trabalho.

Porque muy de madrugada
Com o Ceo muito estrellado,
Nos desinquieta a todos,
E nos tira o somno a palmos.
Acordou muy de manhaã
O meu bom Clerigo honrado,
Feito Nuno Alvres Madruga,
Feitos nós todos hum trapo.
Com dever tantos respeitos
A D. Joaõ por Fidalgo,
Quiz por despertar-nos cedo,
Mostrar que era alli o gallo.
Sem haver motim na venda,
Estando nós socegados,
Quiz, sendo homens quietos,
Andassemos levantados.
Delle cuidey ao principio,
Ter accidente, ou desmayo;
Mas quem taõ cedo acordou
Naõ estava desacordado.
Tornou-se a deitar na cama;
E socegou hum pedaço;
Que assim naõ se déra nelle
A que diz punhada ao gato.
Veyo rasgando a manhaã,
Se bem ha mister hum fato;
Porque manhaã, que se rasga,

Ha de vir feita n'um trapo.
Assomou-se em fim a Aurora,
E causou-me grande espanto
Vir assomada, quem vinha
Com semblante taõ galhardo.
Ja a este tempo o Sol
A Aurora vinha pescando,
Que como perolas cria,
Faz da pescaria trato.
Deixando em effeito estrellas
Do Norte, as barcas deixando,
Quiz subir atraz da Aurora,
Como pescador do alto.
Sahio o Sol mais soberbo,
Pois vinha deitando rayos,
Pondo a sua bizarria
La por cima dos telhados.
Naõ lhe lembrando ao mancebo,
Que por falta de criados
Deo elle mesmo no mar
De beber aos seus cavallos.
Em effeito, quando o Sol,
Com ser Planeta tamanho,
Entrava por huma greta
Do aposento, onde estavamos,
Nos levantámos das camas,
Que de colchoens, e chumaços

Estiveraõ taõ famintas,
Que pareciaõ de galgos.
Vindo eu para calçar-me,
Sómente hum çapato acho,
E amanhecemos os tres
Senhores de pé descalço.
Ser algum rato entendi,
Mas da vendeira me espanto
Naõ roer-lhe a consciencia,
E que a mim me roaõ ratos.
Todos nos démos bons dias,
E sendo da venda o trato
O que mais leva ao Inferno,
Todos alli nos salvámos.
Logo de almoçar pedimos;
Taes óvos nos daõ, que eu pasmo
De ver que sejaõ taõ crûs
Huns óvos, que saõ taõ brandos.
Pôs-nos a vendeira os óvos,
E sem ter posto no prato
Huma só pedra de sal,
Nos los deo muy bem salgados.
Fizemos com a vendeira
A conta do que ceámos,
E sendo a cea muy curta,
Na paga houve contos largos.
Treze tostoens nos pedio
Do

Do que tinhamos çeado,
E quiz fazer de valor
Hum comer, que foy taõ fraco.
Com ser a cea taõ leve,
Alfim cea de peſcado,
Sem nella haver *caro mea*.
Nos ſahio o comer caro.
Enfadou-ſe o Capellaõ,
Eu tive hum gran ſobreſalto,
Pois ſem comermos coſido
Já ſe hia o caldo entornando.
Quiz dar contas por miudo
A vendeira, e eu reparo
Pudeſſe dar por miudo
O que em groſſo nós lhe damos
Mas liberal Alencaſtre
Se moſtrou, e taõ bizarro,
Que tendo o juizo agudo,
Alli naõ fiou delgado:
Pois deo os treze toſtoens,
(No exceſſo naõ reparo)
Porque naõ repara em gallas
Quem he galla dos Fidalgos.
Huns confeitos de herva doce
Comemos, ſem ſermos aſnos:
Porque quando he doce a herva,
Todos da herva goſtamos.

Mas

Mas para nós os confeitos
Entaõ foraõ de enforcado,
Por ter-nos posto a vendeira
Em a garganta o baraço.

Logo chamey o meu moço,
Que a mula estava pensando,
Sebem que em pensar tal mula
Nunca andou muy de pensado.

Partimos com hum bom dia,
Mas, com ser bom dia, eu acho
Que o naõ mettemos em casa,
Pois em jornada o levámos.

Chegámos a Montemór
Dadas as doze; em chegando,
Nos diz Missa o Capellaõ,
Por cumprir co' dia santo.

D. Joaõ, por ser devoto,
A outra Igreja foy guiando,
Aonde da prégaçaõ
Ouvio ainda hum pedaço.

Eu naõ; porque em taes caminhos
He a prégaçaõ, que trato,
Prégaçaõ de saõ Coelho,
E tambem ser papa santos.

De nós se aparta Alencastre
A casa de hum seu criado,
Onde, diz, fez penitencia,

Naõ ſey como, nem ſey quando.
A' venda tomey a poſta,
Aonde a vendeira acho,
Sebem poſta nos ſeus treze,
Sem ter poſta de peſcado.
Diz que de vinho ſómente
Tem bem providos huns fraſcos,
E eu, por coſtumado ao vinho,
Já naõ ſinto eſtes tragos.
Alfim, dey graças a Deos,
E com razaõ; porque quando
A deſgraça ſeja grande,
Sejaõ do vinho fracaſſos.
Porèm com raiva me vim
De ver da venda o ſeu trato;
E de raiva me torney
Ao meu alforje, que trago.
Appelley a huma panella
De peixe frito eſtremado,
Que na venda Santo Antonio
Me deparou neſte caſo,
Alencaſtre me mandou
Hum pero por gran regálo,
E ſem ſer pero de Rey,
Por Rey diſpenſo tratá-lo,
Sendo taõ fidalgo o pero,
Teve entaõ de deſgraçado
Ovir

O vir como malfeitor
Sentenciado a pôr-se em quartos.
Acabámos de jantar,
Tomámos nosso tabaco;
Quando chega o camarada
Picando no seu cavallo.
Despedimo-nos da venda,
Para Arrayolos marchando,
E enfadada a minha mula
Tambem me hia ja marchando.
C'uma esporada a desperto,
Quando logo em terra me acho;
Sem de Clerigo ter nada,
Era mula do diabo.
C'os montes se embuça o Sol,
Logo a dous passos andados,
E a noite, porque sahia,
Vinha ja pondo o seu manto.
Hum pequeno de luar
Nos deo o Sol em hum quarto,
E sendo nós bem sesudos,
Caminhámos aluados.
Chegamos dentro a Arrayolos,
N'uma venda descançámos,
Onde achámos hum vendeiro
Homem de pezo, e cuidado.
De pezo, conta, e medida

S-

Se prezava este nosso amo,
De conta c'os passageiros,
Porque em nenhuma ha errado.
De medida, porque o vinho,
Dando-o por cima do alto,
Por cima naõ do funil
O medio sempre no frasco.
De pezo, porque trazia
Sobre as costas todo o cargo,
Naõ só por dono da casa,
Mas por ser muy corcovado.
Subimos para o aposento,
Ao lume nos aquentámos,
E elle com lume de palhas
Dizem nos fez taes regálos.
Em a mesa se nos pondo,
Taes peixezinhos ceámos,
Que poriaõ na espinha
A qualquer homem alentado.
Naõ vi peixes de tal casta,
Pois, sendo humildes, e baixos,
Como se foraõ soberbos,
Mostraraõ ser espinhados.
Logo a visitar nos veyo,
Em sabendo que chegámos,
Hum fulano da Fonseca,
De D. Joaõ obrigado.

Com humas penduras de uvas
Nos acudio, quando estavamos
Todos tres á dependura,
E á orça, sem ser em barco.
As redeas, que alli nos trouxe,
Posto que atadas chegaraõ,
A' rédea salta correraõ
Pela mesa, e pelos pratos.
Nós nos fizemos huns Papas
Sendo de uvas tal regálo;
Pois ao menos para Bispos
Alli nos naõ faltaõ bagos.
Trouxe-nos logo huma amostra
De vinho muy regalado,
Pedindo grandes perdoens,
Que todos lhe otorgamos.
Diz que confeiçaõ naõ tem.
Porèm eu confeiçaõ lhe acho,
E confeiçaõ de jacintos:
Pois ja sinto ir-nos faltando
Deo-nos a mostra do vinho,
Mas naõ a mostra do panno;
Que inda que o vinho tem corpo,
De botas só ha usado.
Receey que huma gotta,
Pelo vermelho, e encarnado,
Qual gotta coral, commigo
Désse de cabeça abaixo.

Co-

Com andar nos pés de muitos,
Era taõ endiabrado,
Que ſeus fumos levantava,
Querendo andar pelos altos.
Brindámos logo á ſaude,
Com bom donaire, e com garbo
Do Fonſeca, que em primor
Naõ Fonſeca ſe ha moſtrado.
Deitámos nos em as camas
Em huns lançoes bem lavados,
E havendo em nós tanto ſomno,
De hum ſó a noite levámos.
Porque tambem era tarde,
Eu com a penna aqui paro,
E para a outra jornada
A fico agora apparando.

JORNADA IV.

ROMANCE.

CLaro amanheceo o dia,
Que tres deſte mez ſe conta,
E naõ digo do corrente,
Porque he muy curto na ſomma.
Bem ſey que de Fevereiro.
veis de entender a ſomma,

Por

Porque entre os mezes todos
Tem de curto alguma cousa.
Este dia amanheceo,
Em que sahimos da choça,
E sem ser de la cabaña,
De Braz era a festa nossa.
Quero dizer que este dia.
De hum Santo he, que a gente toda
Quando lhe tem mayor tosse,
Lhe he entaõ mais devota.
Hum Santo, que com sabermos
Que em dar muy largo se mostra,
Querem todos que do estreito
Sejaõ as mercês, que obra.
Neste dia de S. Braz
Nos fez tal dia de rosas,
Que se foramos por mar,
Maré de bebados fora.
Rosada a Aurora sahio,
Sem vir da botica a moça,
Borrifou de agoa rosada
Todos os campos de Flora.
Amanheceo-nos taõ linda,
Taõ menina, e taõ formosa,
Que naõ parece que tinha
Tantos mil annos a Aurora.
Sahindo muito rosada,

Nada tem de vergonhosa,
Porque tem muito de corte
Quem taõ de campo se mostra.
E já neste tempo o Sol,
Se naõ he correndo a posta,
Lhe vem saltando nas ancas,
Lhe vinha dando nas costas,
Sahio em effeito o Sol,
E em que vinha de Ethiopia,
Vinha taõ claro, que vinha
Lançando chispas á Aurora.
Neste dia de S. Braz
Taõ alegre o Sol se porta,
Como se de Portalegre
Fizera sua derrota.
Neste tempo nos erguemos,
A huma teima bem devota,
A dizer Missa a hum Convento
De Frades da Ordem Loya.
Sahimos da estalajem,
(A Deos encommendo esta hora)
Sebem na estalagem o fato
Mais encómendo á memoria.
Hum dos tres ficou na venda,
Que como he mat. de tramoyas,
He galla de nadador
Saber bem guardar a roupa.

A' estalajem voltámos,
Aonde achámos de volta
Tres voltas de linguiça,
De fogo revolto todas.
Taõ bem posta tinha a mesa
A vendeira nesta hora,
Que estando em Arrayolos,
Me vi posto na Bemposta.
Com os tres fermos muy déstros
Em comer cousa taõ bõa,
Como quem pouco sabia
Fomos mastigando a cousa.
Fuy fazer com a vendeira
Da cea, e almoço conta,
E sem lhe dar bofetadas,
Diz que quinhentos lhe ponha.
Desenfadado lhe disse:
Venha cá, minha Senhora,
Isto saõ outros quinhentos,
Veja vossê como somma,
Mas ella a palha das bestas
Me diz que mette na conta,
E em naõ ma metter na albarda
Grande graça fez a moça.
A paga logo lhe démos,
Fazendo da luva bolsa,
E ella tomando de luva,

Nos pôs logo em polvorosa.
  Caminhámos conversando
Varias materias, e cousas,
Que algumas eraõ de graça,
De siso, e de véras outras.
  Jantey na venda do Duque,
E com ser do Duque a choça,
Naõ jantey por excellencia,
Sobre jantar ás tres horas.
  Ahi me sobresaltey
Com as que me déraõ novas
De que sempre o Castelhano
Por esta venda se aloja.
  Naõ por ser do Duque venda,
Mas porque ducados colha,
Monta por este paiz,
Onde alguma vez lhe monta.
  Sebem já os Portuguezes
Jogando com elle a choca,
Os ducados, que alli busca,
Cruzados na cara os toma.
  Aqui pois, onde jantámos,
Mandey pôr a mesa á porta
Onde comi como porco
Talos de couve muy grossa.
  Porèm eu quando comendo
Os talcs levava á bocca,
Com

Com medo dos Castelhanos
Me via em talas nessa hora:
Dalli me parto dizendo:
Senhor, piquemos de róda,
Que eu c'os Parthos vou seguro;
E dos Medos tomo a conta.
Fomos caminhando á vista
Do campo, onde foy Troya
O anno atraz, que D. Sancho
Com os Castelhanos choca.
Alli fuy considerando
Em a fraqueza Hespanhola,
E do choque a Hespanholeta
Me hia cantando a chacoina.
Veyo bellissima a noite,
E com eu a querer bóa,
Se ficára ás bóas noites,
Bem mal fizera nessa hora.
Taõ serena a noite estava,
Que dos Duques de Saboya
Teve ser nessa occasiaõ
Serenissima Senhora.
Chegámos a Estremoz,
Aonde as pousadas todas
Nos dizem estarem tomadas,
Com serem taõ correntonas.
Todas achámos pejadas

Com gente de pouca conta,
Pois onde achey mayor pezo,
Noto alli menos vergonha.
De Francezes qualquer casa
Occupa a Villa famosa;
Alfim roupa de Francezes,
E Francezes pouca roupa.
Com effeito em Estremoz
Fizemos tres mil derrotas,
E eu fizera mil extremos
Por achar só huma loja.
A huma estalajem chegámos,
Que com ser humilde cousa,
Era taõ vaã, que toda era
De telha vaã esta obra.
Em ella fizemos alto,
E he cousa digna de nota
Fazer alto, quem estava
No baixo de huma choça.
Por ser a casa terreira,
Na terra fiz minha alcova,
Aonde mohi os ossos,
Sem viver na serra de Ossa.
Ceámos lombo de porco
De huma vendeira taõ porca,
Que sendo çuja, somente
Sabia alimpar as bolsas.
Co-

Amanheceo o outro dia
Com alguma nevoa grossa,
Porque hum dos olhos do Ceo
Com cataratas se mostra.
Alli de albarda huma mula
Alugey, que, com ser coxa,
Num pé caminhou commigo
Dentro até Villaviçosa.
Cheguey a este paiz,
Falley com as Madres todas,
Que Madres perolas eraõ,
Porque as achey muy formosas.
Logo falley ás irmaãs,
Que esperando estaõ por horas
Terem mil horas de gosto
Para contarem historias.
Do primeiro Deos nos salve
Passey a buscar a choça,
Onde me fiquey fazendo
Das cinco tardes a loa.

drejaõ os Lacedemonios a Licurgo, muito os amava, e lhes tinha da- as mais ajustadas leys: e chega a anto a ingratidaõ destes barba- ros, que, depois de o privarem d'um olho, a tiro de pedras o lançaõ fóra do Reyno.

SONETO.

DE Esparta me expulsais cõ tyrannia,
eis Lacedemonios, mas desorte,
, mais que em meu desterro, em dar-me a morte
e se empenha a vossa aleivosia.
omo premio do bem que vos regia,
reis que eu crueldades vos sopporte,
os damno me faz da Parca o corte,
a vós a fama desta acçaõ impia.
pezar desse vosso atrevimento,
nor, que exprimentastes, ainda dura,
im por dar-vos gosto ja me auzento.
eu animo vingança naõ procura,
ue em pena de crime taõ violento
a que exista a minha sepultura.

e hum Anonymo.

AO

AO MENINO JESUS CHORANDO.

SONETO.

LLorando veo, quien reir debiera,
Quien debiera llorar, veo riendo:
Es Dios aquel, que llora padeciendo,
Rie el hombre, y mejor llorar le fuera.
Llora entre pajas, lexos de ſu esféra,
Su ſer en el de Niño deſmintiendo,
Rie allà de ſu esféra el hombre, ſiendo
Mas razon que llorara, y no riera.
Porque llorais mi bien, quando no llora
Aquel, por quien lhorais? tened el llanto,
Que el hombre con la riſa ſe enamora:
Pero de que lloreis ya no me eſpanto;
Pues vueſtro amor las perlas ateſora
Para pagar del hombre reir tanto.

De Jeronymo Bahia.

Á MORTE DE FILIS.

SONETO.

O Mais inconsolavel sentimento
A vossa morte, ó Nyse, me motiva;
Que he justo sinta a dor mais excessiva
Quem perdeo para sempre tal portento.
Quando estava sẽ vós qualquer momẽto,
Naõ me deixava a magoa mais activa;
E se assim vos amey em quanto viva,
Qual será nesta ausencia o meu tormento!
A dura Parca com tyranno córte
Tudo extingue; porèm a vossa vida
Durará muito álèm da vossa morte.
Eu morrerey, que a pena, q̃ me inflãma,
Me ha de a vida tirar com rigor forte;
Porque he bem q̃ vos siga quem vos ama.

De huma douta penna.

DA-

DAMA DOLIENTE, y quexosa.

SONETO.

AUnque de mi salud el detrimento
Indicia de mi pena lo excessivo,
Quien duda que es offensa del motivo
No terminar la vida el sentimiento.
Fragil demonstracion de lo que siento
Es de una enfermedad lo executivo,
Si no es, que por matarme con lo vivo
Se transforma la vida en el tormento.
Vivo de tantos males combatida,
Muerto de tanta vida atormentada,
Que muerte viene a ser la propria vida:
No quede pues mi pena mal jusgada,
Que, para se abonar de bien sentida,
Basta ser por sentida eternizada.

De huma Anonyma.

SONETO.

QUe dizis vós, indigno entẽdimiento,
En esta accion, en que de vós me fio?
Que pues vive cautivo el alvedrio,
Solicite piedad el sentimiento.
Vós, voluntad, q̃ a tan gentil portento
Sujetais para siempre el gusto mio,
Que me dizis tambien? Que es desvario
No procurar remedios al tormento.
Memoria, vós, que la passada gloria,
Y el agrabio tambien teneis presente.
Que me dizis? Que quien se siente olvida.
Ay que importa q̃ esteis tan divididas,
Si adonde el alma vá, van juntamente
Entendimiento, voluntad, memoria.

De huma Anonyma.

SONETO.

Prendas de aquella diosa soberana,
Que Sol abraza, quando Estrella inclina;
Reliquias de una mano, que por dina,
Divina dá temor, y aliento humana.
Que gusto, que plazer, que gloria vana
Tuviera yo, si Nise la divina
A las mismas acciones de benina
Nò vinculara indicios de tyrana. (ros
Letras me niega (ay Dios) porq̃ de ava-
No acuse solamente sus luzeros,
Sinò tambien sus pensamientos raros.
Ay que importa, q̃ en fé de castigaros
La gloria me concede de teneros,
Si vida no me dá para lograros.

De huma Anonyma.

SONETO.

QUem depois de alcançar o q̃ pertende,
Da mesma obrigaçaõ delicto fórma;
Quem em castigo o galardaõ transforma,
Ou aborrece muito, ou pouco entende.
Mas do nome de ingrato se defende,
Bem co' de presumido se conforma
Quem, quãdo mais feliz, queixoso informa
Quem, em vez de premiar, ingrato offende.
Porèm quando o juizo he levantado,
Quem duvida que a queixa he fingimento,
De quem naõ se quer dar por obrigado:
Este o motivo foy do vosso intento,
Porèm naõ se logrou; que o mau cuidado
Tem por premio melhor este escarmento.

De huma Anonyma.

SONETO.

Yo tomarè la pluma, y de tus glorias
El cronista serè, dichosa Elisa,
Porque quien tus memorias eterniza,
La tenga de mi amor en tus memorias.
Dulces seran por ti, por mi notorias
Las ancias, que Silvano immortaliza,
Si tus mismas vitorias soleniza
Quien deve su dolor a tus vitorias.
Yo cantarè, Señora, lo que lloro,
Pues ordena el amor, quiere la suerte,
Que sea al fin mi pluma mi homicida.
Ay decreto cruel del bien que adoro,
Que posseyendo tu, me des la muerte,
Y que escriviendo yo, te dê la vida.

De huma Anonyma.

Manda Damazipo degolar a Antiſtio com o affectado pretexto de fautor das partes de Sula, vendo o qual morto ſua mulher Calpurnia, com huma eſpada ſe traſpaſſa.

SONETO.

DAmazipo tyranno, e enfurecido
Manda matar Antiſtio injuſtamente,
Pois aquelle, que offende hum innocente,
Por iniquo, e cruel deve ſer tido.
Publíca q̃ em traiçaõ foy cõprehendido
E que aſſim ſoffre a morte juſtamente;
Que nunca falta ao que obra erradamente
Pretexto, que deſculpe o ſeu partido.
Naõ a viſta Calpurnia aquelle amado
Eſpôſo, que adorava a todo o inſtante,
E vay por donde a guia o ſeu cuidado.
Mas vendo que huma eſpada penetrante
A cabeça lhe tinha ſeparado,
Traſpaſſada com outra o ſegue amante.

De huma douta penna.

A UNA AUSENCIA.

SONETO.

QUien dize q̃ la ausencia es homicida,
No sabe conocer rigor tan fuerte,
Que si la dura ausencia diera muerte,
No me matara a mi la propria vida.
Mas ay, que de tu ojos dividida,
La vida me atormenta de tal suerte,
Que muriendo séntida de no verte,
Sin verte vivo, por morir sentida!
Pero si de la suerte la mudança
Es suerte, me assegure la evidencia,
Que tanto me dilata una tardança:
Nó quede el sentimiento en cõtigencia;
Que el milagro mayor de la esperança
Es no rendir la vida a tal ausencia.

De huma Anonyma.

Descripção de hum bosque.

SONETO.

JUnto ás margens d'um rio caudaloso,
Que tudo inunda com a sua enchente
Fabricou para horror da humana gente;
A natureza hum bosque tenebrozo.
A entrada nega ao resplendor formoso,
De que Febo orna a terra lindamente:
Crueis sylvas produz unicamente,
Quãto inclue he medonho, he horrorozo.
Ao mais alegre causa sentimento,
Fórma tímido o peito, que he mais forte;
Porque em fim he das féras apozento.
Mas destas fuy intacto, porque a sorte,
Temendo que se acabe meu tormento,
Para meu mayor mal me impede a morte.

De hum Anonymo.

A Hum

A hum desengano.

SONETO.

SErá brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a presumpçaõ, varia a firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a confiança.
Terá a ingratidaõ firme lembrança,
Será rude o saber, sábia a rudeza
Lhana a ficçaõ, sofistica a lhaneza,
Aspero o amor, benigna a esquivança.
Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeiçaõ, culpa a defensa,
Intrepido o temor, dura a piedade,
Delicto a obrigaçaõ, favor a offensa,
Verdadeira a traiçaõ, falsa a verdade,
Antes que vosso amor meu peito vença.

De huma Anonyma.

Mata-se Cleopatra por ver morto Marco Antonio, a quem firmemente amava.

SONETO.

A Tua infausta morte, Antonio amado,
Comminutou meu prazer em agonia;
Pois se este de ti todo procedia,
Contigo deve ser finalizado.
Naõ póde ser com vozes expressado
O tormento, que sinto neste dia;
Porque se este meu peito em ti vivia,
Sem ti quanto será desanimado!
Se na vida vivemos sempre unidos,
Que na morte o sejamos he decente;
Pois saõ na alma os affectos esculpidos.
Eu voluntaria acabo, e saiba a gente,
Que por amantes só devem ser tidos
Os que vivem, e morrem juntamente.

Por hum Engenho desta Corte.

AO

Ao Amado Auſente.

SONETO.

SE apartada do corpo a doce vida;
Domina em ſeu lugar a dura morte,
De que naſce tardar-me tanto a morte,
Se auſente d'alma eſtou, que me dá vida?
Naõ quero ſem Silvano já ter vida,
Pois tudo ſem Silvano he viva morte;
Já que ſe foy Silvano, venha a morte,
Perca-ſe por Silvano a minha vida.
Ah, ſuſpirado auſente, ſe eſta morte
Naõ te obriga a querer vir dar-me vida,
Como naõ me vem dar a meſma morte!
Mas ſe n'alma conſiſte a propria vida,
Bem ſey que ſe me tarda tanto a morte,
Que he porque ſinta a morte de tal vida.

De huma Anonyma.

SONETO.

QUe suspensaõ, que enleyo, q̃ cuidado
He este, meu tyranno deos Cupido?
Pois tirando-me em fim todo o sentido,
O sentido me deixa duplicado.
Absorta no rigor de hum duro fado
Tanto de meus sentidos me divido,
Que tenho só de vida o bem sentido,
E tenho já de morte o mal logrado.
Elevou-me no damno, que me offende,
Suspendo-me na causa de meu pranto,
Mas meu mal (ay de mim) naõ se suspẽde.
Oh cesse, cesse amor, taõ raro encanto,
Que para quem de ti naõ se defende
Basta menos rigor, naõ rigor tanto.

De huma Anonyma.

Tendo Cayo Plaucio a funesta noticia da sua querida Consorte ser morta, com huma espada traspassa o peito; e acudindo-lhe os criados, para lhe obviarem a morte, o prendem, cujas prizoens, tanto que se augmentaraõ, elle afflicto quebra, e abrindo mais a ferida, em pranto rigorozo perde os vitaes alentos.

SONETO.

MAta-se Plaucio, porq̃ a Parca impia
A seus olhos robou a cara espoza;
E antes quer huma morte rigoroza
Que viver hum instante em agonia
Falta-lhe aquella doce companhia;
Em que passava a vida mais gostoza;
E por seguir Estrella taõ formosa
O alento entrega á propria tyrannia.
Os coraçoens, que amor tem ajuntado,
Dezunidos que estejaõ hum momento,
Os rigores sopportaõ do cuidado.
Naõ soffreo este Heróe menor tormẽto;
E só porque naõ viva separado,
Acaba no martyrio mais violento.

Por hum Engenho desta Corte.

Descripçaõ da Aurora.

SONETO.

COmo rompe brilhante, a roxa Aurora,
Como as lindas Estrellas vaõ fugindo,
So o Sol no Oriente vem luzindo,
Já busca alegre o monte huma pastora.
Nos verdes prados de Amalthea, e Flora
A fragrante espessura se está rindo;
Das aves, que dos ninhos vaõ sahindo
Já nos valles faz ecco a voz sonora.
O caminhante parte mais gostozo,
Na relva anda pastando o manso gado,
Tudo alegra aquelle Astro luminozo.
Só eu vivo em tristeza sepultado,
Que em quãto naõ nascer Sol mais vistoso
Naõ hey de ser contente, e socegado.

De huma douta penna.

SONETO.

SE por naõ me lembrar de hũ crocodilo,
Que matar-me intentou com falso pranto,
Pudera sujeitar-me a rigor tanto,
Que habitára c'os mais no Egypcio Nilo.
Se por naõ me acordar daquelle estylo,
Que foy já por meu mal infausto encanto,
Pudera padecer, causando espanto,
Quantos tormentos inventou Perilo.
Tudo passára em fim, tudo fizera
Por naõ me vir jamais ao pensamento
Quem fingido chorou, matou fingido.
Mas que raro tormento naõ quizera
Quem julga só pelo mayor tormento
A lembrança menor de hum fementido!

De hum Anonymo.

SONETO QUADRILINGUE.

CErca del claro Tajo la corriente
Unum tristem pastorem vidi stare,
Sua fortuna infelice lagrimare
Affligido, magoado, descontente
Lloraba; pues se conocia auzente
Felizardæ, quam diligit, preclaræ;
Non potendo piazer alcun trovare
Nem linitivo á sua pena ardente.
Dessus quexas quedê tan lastimado,
Quod illi dixi hac expressione:
De pranto basta ja, pastor amado.
Et non voi date tuto a la passione;
Consoladvos, pues hase el duro hado
Me æquali circundi afflictione.

De huma Douta penna.

Pa

Para obviar os continuos roubos, que em Sicilia se faziaõ, prohibio Domicio Abenobarbo, seu Governador, com pena de morte, que ninguem uzasse de lança, e mandando-se-lhe hum javali de admiravel grandeza, ordenou viesse á sua presensa o Pastor, que o tinha morto; o qual confessando que para isso usara de lança de caçador, foy logo por elle condenado a perder a vida em hum patibulo: Valerio Max. lib. 6. c. 3.

ROMANCE.

DEixa, Domicio, taõ injusto intento,
Porq naõ póde ser de peito humano
Intentar que em martyrio rigorozo
Acabe a vida quem naõ he culpado.
Naõ sabes que em Sicilia se publicaõ
As tuas justas leys, e naõ nos campos,
E que, pois nestes vivo, só me lembro
Do pasto, que hey de dar ao meu rebanho?
Quando me acreditava venturozo,
Só penas sinto, só tormentos acho;
Pois por matar a féra, que acceitaste,
Queres dar-me o castigo mais tyrranno.

Se os beneficios pagas desta sorte;
Com que pena castigas os aggravos?
E se tratas assim quem te respeita,
Que mal rezervas para os teus contrarios?
Em dar-me a morte cruelmente insistes,
E seraõ os effeitos deste estrago
Tu por barbaro seres conhecido,
Eu ser por innocente lastimado.
Naõ seja assim, Governador illustre,
Valha-me agora teu famoso amparo:
Em mim foy ignorancia este delicto,
Em ti será grandeza perdoá-lo.
Valha-me em fim aquella singeleza,
Que sempre acõpanhou meu triste estado
Ja que naõ póde a compaixaõ mover-te
Hum coraçaõ desfeito em duro pranto.
Disse, e tanto attendeo aos justos rogos,
Deste infeliz aquelle deshumano,
Que em resposta lhe deo estas palavras
Mais horrorozas do que o mesmo caso:
Eu sou quem fiz aquelle santo edicto,
Que tem a tua audacia quebrantado;
Eu devo executar as Leys, que ponho,
Tu deves observar o que eu declaro.
Naõ digas que ignoravas o preceito,
Por cuja violaçaõ es castigado;
Que

Quê a Ley depois de publicada obriga
Em qualquer parte a todos os vassallos.
Na morte rigorosa, que mereces,
Só póde ter Sicilia o desaggravo:
Eu posso perdoar a quem me offende,
Mas naõ a quẽ perturba o bem do Estado.
E pois este em guardar as Leys consiste;
E tu nisto fizestes o contrario,
Porque faltaste entaõ ao que devias,
Naõ diga o povo que eu agora falto
He mais util ao publico o castigo,
Do que o perdaõ da pena desse aggravo;
Pois neste vê-se livre hum criminozo,
E naquelle hum preceito executado.
Publîcas, que nos favores recebidos
No que executo correspondo ingrato:
Mas se em tudo o q̃ obraste me offendeste,
Na morte, que te dou, te satisfaço.
Pouco importa que digas que na fama
Ficarey por cruel eternizado,
Se observar os preceitos da Justiça
Em todo o tempo mereceo applauzos.
Queixa-te contra ti, pois que tu fostes
A principal origem de teu damno,
porque se naõ cahisses em tal culpa,
Tambem serias de tal pena intacto.

Tr-

Tu podes commetter muitos insultos,
Eu tenho obrigaçaõ de castigá-los;
Pois deixar os delictos sem castigo
Faz que os decretos sejaõ desprezados.

Se as Leys do exemplo muito mais obrigaõ
Que as determinaçoens do Soberano;
Para que todos vivaõ como devem
Sacrifique-se a vida d'um vassallo.

Acaba finalmente, porque saibaõ
Quantos vivem debaixo de meu mando,
Que se tu offendeste o meu preceito,
Eu com a tua morte sey vingá-lo.

Assim disse, e das lagrimas, que aquelle
Debalde derramava, naõ fez caso;
Pois com triste semblante mandou logo
Que o Pastor n'uma Cruz fosse pregado.

Naõ mostrou compaixaõ este Ministro
De ver hum infeliz estar penando;
Porque em seu peito illustre só vivia
O ardor de reger bem o seu Estado.

Que este procedimento fora honesto
Occultar naõ puderaõ os Romanos;
Pois apenas em Roma foy sabido,
Foy pelos Senadores approvado.

Desta

Deſta acçaõ finalmẽte ao meſmo tempo
Origem teve como effeito raro,
Hum por facinoroſo ſer punido,
Outro por juſticeiro celebrado.

A HUM PINTASILGO

morto por hum gato.

ROMANCE.

VO'S, Poetas, mas naõ pobres,
Pois vos abonaõ de ricos
Verſos de taõ linda galla
Pennas de côrte taõ finos:
Vós, cujos verſos iguaes,
Bem que por varios caminhos,
Huns campaõ por bem raſgados,
Os outros por bem veſtidos.
Vós, que fazeis de repente
Verſos taes, que me perſigno
De ſer taõ valentes todos,
Sem ſe ver nenhum em riſcos:
Se quereis que a fama voſſa
Voe deſde o Tejo ao Indo,

Onde o Sol tem berço, e tumba,
Hum d'ouro, outro de safiro.
Tomay o grave argumento
De meu leve Pintasilgo,
E seja de vós seu canto
Quando louvado, excedido.
Informaçoens vos darey
Delle morto, e delle vivo.
De seu pay, e sua mãy,
E mais de seu patrio ninho.
Naõ foy desazada a mãy,
O pay foy moço de brio,
Que voou sempre com galla,
Que sempre cantou com pico.
Entre os pintasilgos era
Hum Adonis, hum Narciso,
Mas sempre por estes ares
Andava como hum doudinho.
Ambos creyo naturaes
Foraõ de Entre Douro, e Minho;
E porque o creyo, he porque
Cada qual foy pica-milho.
Isto só foy de seus pays,
De seus avós tenho ouvido
Foraõ soldados volantes
Em dar salvas muito vistos.
Mas deixando avós, e pays

Tra-

Tratemos do neto, e filho,
Bem que treme a passarinha
De fallar no passarinho.
 N'uma Pereira nasceo,
Mas parecia por lindo
Mais que nascido em Pereira,
Em Fermoselha nascido.
 Perguntar-se-lhe pudéra,
Vendo seu bico comprido,
Qual se Çerolico fora,
Quem te deo tamanho bico?
 No rosto muy encarnado.
Mas nas azas muy paguiço,
Muy passivo na garganta,
Mas nos olhos muy activo.
 Que vos direy do seu canto,
Daquelle canto subido,
Que sendo taõ natural,
Teve tanto de feitiço?
 Junto delle o rouxinol,
Que foy da Alva o mais bem quisto,
Rouxinol da Alva naõ foy,
Por de Alvalade foy tido.
 Quantas vezes, quantas vezes
Humildemente o cochicho
Esmólas de melodia
Lhe pedio, por Jesu Christo!

No-

Novo Tereu em seu canto
Filomella sem sentido,
A voz lhe tirou valente,
Tirou-lhe a honra lascivo.
Mettido com elle em danças
O canario mais altivo
Fora rustico villaõ
Que naõ canario polido.
Naõ lhe fora igual o Cysne,
Que prudente, que advertido
Lançou barbas de remolho,
Vendo arder as do visinho.
Igual naõ lhe fora o Feniz,
Passaro velho, e menino,
Que vivendo eternizado
O torna a morte no ninho.
Em fim, se o Feniz, se o Cysne
Ouviraõ seus tiples finos,
Ficára queimado o Feniz,
O Cysne ficára frio.
De noite á luz me cantava,
E certo que era bem digno
De ser buscado á candêa
Hum cantor taõ exquisito.
A gayola tinha aberta,
Bem como se fora ninho;
Que passaro taõ discreto

Naõ

Naõ era para atadiço.
Fugia, porèm tornava,
E crede que mais estimo
De suas azas as fugas,
Que as fugas de seus tonilhos.
Entaõ vi que mais valia,
Certo rifaõ desmentido,
Hum passarinho voando,
Que na maõ dous passarinhos.
Dous annos foy meu recreyo,
Sem que Inverno, sem que Estio
Lhe resfriasse os motetes,
Lhe encalmasse os vilhancicos
Em os oito sobre os dez
Do primeiro mez florido,
Depois que almoçou contente
Crespas nozes, pinhoens lizos.
Hum gato (que triste sorte!)
O matou; (que fado esquivo!)
Mas bem que morreo violento,
Morreo como hum passarinho.
Porèm vamos de vagar,
Que naõ soffro, nem consinto
Morra tambem de facada
Meu passaro nos meus rithmos.
O Signo aqui se descreva,
Em que andava o deos de Cynthio,

Qu-

Que eſtando o paſſaro morto,
He bem ſe lhe toque o ſino.
  O touro, que occultou Jove,
Quando para ſer marido
Se fez ſangrar em ſaude,
Antes de noivo novilho.
  O Touro digo celeſte
Guardava o Paſtor de Anfriſo
Quando, como vos relato,
Quando, como vos refiro,
  Depois de cortar com força,
Depois de quebrar com brio
De huma noz duas perninhas,
De huma pinhá tres dentinhos,
  Á deſpedir ſe do vento
Sahio mais que nunca lindo,
Tornou leal como ſempre,
Cantou mais que ſi tenrinho.
  Sahi-me, (ay triſte!) da cella,
Entrou hum gato maldito,
Na perfidia, e peito Mouro,
Na cor, e nome mouriſco.
  Deo-lhe tal esfollagato,
Que deixou (que fado eſquivo!)
A mim em pranto banhado,
A elle em purpura tinto.
  Cheguey, porèm foy tão tarde,

Que

Que só, Poetas conscriptos,
Fuy da morte testimunha,
Mas naõ da vida presidio.

Elle no meyo da casa
Semimorto, semivivo,
Todo entregue aos sentimentos;
Todo negado aos sentidos,

Tres vezes abrio, tres vezes
Cerrou os seus dous olhinhos,
Da minha vista alentado,
Da sua pena vencido.

Pellicano parecia
Com o peito dividido,
Porèm muy mais pellicano
Me parecia por brinco.

A boca abrio finalmente,
Mas taõ doce, que imagino
Venceo os primeiros quebros
Nestes ultimos suspiros.

Chorou perolas a Aurora,
E com termo agradecido
Os que lhe deo doces cantos,
Lhe pagou em prantos finos.

Eu o lume dos meus olhos
Com agoa deixey extincto,
Tendo em fim ja de chorar
Mais cataratas, que hum Nilo,

Dey no mourisço hum tabardo,
Mas fugio-me com hum brinco
Muy mal inteiro nos lombos,
Muy bem meado nos gritos.
Torney a colher á tarde
O passericida impio,
Dey-lhe garrote, e levou
Por hum crime dous castigos.
Em fim, que morreo o gato
De dous males perseguido,
De tabardilho primeiro,
E depois de garrotilho.
Vay, bruto, mil vezes bruto,
Vay para o negro Cocyto,
Onde ande sempre o Cerbero
Qual caõ com gato contigo.
Logo pompa funeral
Ordeney ao passarinho:
Urna foy o vaso de agoa,
Foy campa o cofre do milho.
Deraõ-me para o letreiro,
Que logo vereis escrito,
Penna as azas espalhadas,
E tinta os corações vertidos.
Se quem vês morto, vivera
Entretera, ó peregrino,
Com os passos do seu canto

Os paſſos do teu caminho.
Pára, tu, pois jaz defunto
Quem te prenderia vivo,
Ou por taõ luſtroſo aos olhos,
Ou por taõ doce aos ouvidos:
Jaz aqui hum novo Orfeo
Disfarçado em Pintaſilgo,
Que com ſuave harmonia
Moveo montes, parou rios.
Foy taõ fiel a ſeu dono,
Seu dono taõ ſeu amigo,
Que na prizaõ andou livre,
Na liberdade cativo.
Hum gato de unhas abaixo
Lhe deo eſtocadas cinco:
Sem ter naſcido Beiraõ
Fenece como hum ratinho.
Vay-te, bem materia levas
De lagrimas, e ſuſpiros.
E a Deos, leitor, que te guarde
De creares paſſarinhos.
Agora com voſſos verſos,
Cujos correntes pés lindos,
Bem que em mil prantos ſe mettem,
Calçaõ ſempre muy polido.
Com voſsos verſos agora,
Que ha de ſer mayor confio,

Que o Pardal do Verónense,
Que a Pompa do Patavino.
Cysne ficará de Apollo,
Tendo por modo inaudito
Nos vossos versos seu canto,
E nos meus olhos seu rio.
E seu amo será sempre
De Poetas taõ divinos,
Mais que por habito negro,
Pela sujeiçaõ cativo.
Por Jeronymo Bahia.

AO MESMO ASSUMPTO.

ROMANCE.

DEixay de cortar os ares,
Doces aves, passarinhos,
Que he tempo de tocar arma,
E deixar esses tonilhos.
Cortay, aves, de vestir
A hum gato taõ atrevido,
Que de gatinhas matou
O Pintasilgo mais lindo.
Deixay o suave canto,
Deixay esses buraquinhos,

Naõ digaõ que naõ ſabeis
Sahir, paſſaros, do ninho.
Se naõ vingardes a affronta
Daquelle irmaõ Pintaſilgo,
Gato çapato de vós
Fará ja qualquer gatinho.
Vinde vingar huma morte
De hum pobre innocentinho,
Que vivendo ſempre em pennas,
Morreo depennado vivo.
Hum paſſaro taõ quieto,
Que parecia hum anjinho
Nas azas, com que voava,
No canto taõ peregrino.
O muſico rouxinol
Toque o clarim mais ſubido,
Ajunte eſquadroens das aves,
Quem vem com plumas luzido.
O paſſaro, que he bom melro,
E magano de aſſobio,
Venha logo, e por Aveiro
Eſſas aves conduzindo.
Toque a caixa em Cantanhede,
Traga comſigo os cochichos,
Que fallaõ na noſſa lingua,
Saõ Paſſaros entendidos.
Venha por Coimbra a fama,

E traga esses estorninhos;
Sejaõ soldados valentes,
Já que saõ velhacos finos.
 Para virem mais ligeiros
As azas estendaõ, digo,
Que lhe serviraõ de vélas.
Vélas a seus papa-figos.
 As cegonhas tambem tragaõ,
Os viveres conduzindo,
No perú venha o esporaõ,
Que venha logo ferindo.
 Armado de ponto em branco
Venha o Cysne rebolindo;
Pois sempre cantou de requiem,
Venha fazer os officios.
 Vistaõ-se negros capuzes
Os córvos mais denegridos,
Por desenterrar hum corpo,
Que está nas tripas mettido.
 Hum gato taõ ocioso,
Que deixando o seu officio,
Sendo hum demo para os ratos,
Deo em andar aos passarinhos.
 Gato, que naõ he de algália,
Antes gato montesinho,
Que lá na serra de Gata
Querem dizer foy nascido.

Gato, que ainda tem raça,
Por dizerem que he mourisco,
E no collegio dos gatos
Naõ entrou por naõ ser limpo.
Era meado Janeiro
Que do fim tem o principio,
De hum mez sempre meado,
Que traz a gata Consigo.
Sahio limpando os bigodes,
E alimpando o focinho,
Jurando assim pelas barbas,
Disse assim ao passarinho:
Eu te tirarey das penas,
Te mandarey ao Cocyto,
Melhor te será morrer,
Que estar prezo, inda que vivo.
E lançando logo as garras,
Agarrou do pobrezinho,
Convertendo em pintarroxo
O pobre do pintasilgo.
Quiz inda suster a vida
Com seus doces sustenidos,
Até que dando ás azas,
A' morte ficou rendido.
Muitas vezes çape, çape
Lhe disse, gato maldito,
Que naõ ha cá que arranhar,

Só pennas trago commigo,
Mas o gato, que bem ſabe
O gateſco, e o Latino,
Lhe diz: *Meus, mea, meum*,
Por meao, meay, e mio.
Em fim, naõ pode eſcapar
A hum gato taõ ladino,
Que á força com a maõ do gato
Quiz levar o paſſarinho.
Naõ ſe vio tal deſaffóro
De hum gato taõ atrevido;
Que naõ contente com ratos,
Ja quer de rouxinoes bicos.
Anda agora homiziado,
E dizem que anda aos grilos;
Porque quem hum prezo mata,
Commette mayor delicto.
Dizem que fez teſtamento
O morto nuncupativo,
Deixa Eſtella por herdeira
De todos ſeus moveſinhos.
Tambem deixa á meſma Eſtella,
Por quem bebia os ſuſpiros,
O bico, pois tem tal garbo,
Tenhá tambem lindo pico.
Por ella taõ requebrado
Andava, e taõ quebradiço,
Que

Que todo ó seu doce canto
Desfazia em quebrosinhos.
As pennas para hum chumaço
Deixou a hum seu visinho,
E a outro deixa tambem
O seu bebedouro limpo.
Sua musica deixou
A hum cuco seu amigo,
Que em vida com muitos rogos
Assim lho tinha pedido.
O rabo deixa a hum pavaõ
Como a passaro luzido,
Que seus olhos tem no rabo,
E o ha de ter guardadinho.
Como era grande cantor,
E musico taõ subido,
Dos musicos da Capella
Dizem que tem seu jazigo.
E sobre a pedra da campa
Lhe escreveo hum seu amigo
Este elegante epitafio,
Com seu mesmo sangue escrito.

EPITAFIO.

NEsta breve terra jaz
Hum muy nobre Pintasilgo,
Que foy pilhado de gatas
Por hum só gato mourisco.
Tu, quem quer que vás passando,
Pára-te aqui compassivo,
E paga agora seu canto
Com lagrimas, e suspiros.
Compadece-te do pobre,
Porque quando estava vivo
Alleviava tuas penas
Com seus suaves tonilhos.
E dá por sua tençaõ
Em qualquer gato atrevido
Taõ gran çurra de pancadas,
Que fique muy bem moído.
Nem descances de pizá-lo,
Antes que elle a puros gritos
Arremede em seus meaos.
O cheyo de meus modilhos.
Desça o bruto ás negras agoas
Desse rio de Cocyto,
Onde pague por inteiro.
O que meando ha comido.
Pelo mesmo Author.

ROMACE.

AMada prenda del alma,
A cuyo raro valor
Es fuerça que corta venga
La mayor eſtimacion.
Zona del Cielo de Niſe,
Yris de ſu hermoſo Sol,
Que ceñiſtes ſu belleza,
Que anunciaſtes ſu fabor.
Planeta, que el Firmamento
Talvez en ſi deſeò,
Por dever mas que a ſus luzes
Glorias a la imitacion.
Premio, que otorgarme quizo
La mas rara diſcricion,
Porque la mayor fineza
Tuvieſſe el premio mayor.
Oh que diverſas eſtamos,
Dulce prenda, vós, y yó!
Vós infelice commigo,
Yo muy dichoſa con vós.
Que differentes extremos,
Niſe, en las dos igualò!
Pues para vós fue caſtigo,
Lo que para mi fabor.

Culpada hallaros devia
La deidad mas ſuperior
Pues a vós os dió caſtigos,
Quando a mi premios me diò.
Quien duda que vueſtro daño
Fue de mi gloria occaſion:
Pues ſi Niſe no os largara,
No os conſiguiera mi amor.
Tanto por ſuya os adoro,
O' vanda del miſmo Sol,
Que mas que en mi la alegria
Impera la compaſſion,
Que bien en vós ſe averigua
Lo que vá de ayer a oy!
Pues ayer fuiſtes dichoſa,
Y oy tan infelice ſois.
Bien dizen que ſiempre tuvo
Con exceſſivo rigor
La deſdicha de la dicha
Infalible ſucceſſion.
La deidad, que abſorta adoro,
En ſu pecho os colocò
Por cauſar al miſmo Cielo
Generoſa emulacion.
Mas deſpues que de ſu pecho
A mi mano os trasladò
Ludibrio os hizo del tiempo,
Motivo de compaſſion.

Con

Con todo tan rara os miro,
Que no sê diſtinguir, nò,
Si ſois vanda, ò ſi ſois venda
Del ciego Rey, fuerte Dios
Por reliquia os juzga el alma,
El deſeo por fabor,
La voluntad por delicia,
La libertad por priſion.
Todo en fin ſois, prenda mia,
Pues hallo juntos en vós,
Si premios para el deſeo,
Laços para el coraçon.

De huma Poetiza Anonyma.

A HUMAS SAUDADES.

ROMANCE.

QUe me quereis ſaudades?
Porque me matais, auſencias,
Pois com repetir memorias
Multiplicais minhas penas?
Se para tyrannizar-me
Baſtaõ ſó minhas triſtezas,

Como em penosas lembranças
Me dais motivo a mais queixas?
  Lançay lagrimas, meus olhos,
Pois quer amor que padeça;
Choray, que o chorar ausente
Mais acredita a fineza.
  Com razaõ podeis queixar-vos,
Ja que naõ tendes quem seja
Allivio a vossos pezares,
E presente ás minhas queixas.
  Se lembranças me maltrataõ;
Quem póde haver, que naõ crêa,
Que quem padecendo vive,
Nunca de queixar-se deixa.
  Matay-me, ausencias, embora,
A vida logo se renda,
Que o morrer de saudades
Mostra valor na fraqueza.
  Padeça minha alma triste
Pois que soube amar de véras:
Porque quem de véras ama,
Logo a penar se condena.
  Viva amor nestas lembranças;
Mas que eu morra na peleja,
Que quem de amor he vencido,
Todos os riscos despreza.
  Em fim, saudade minha,
e muito a vida feneça,

Se

Se naõ ha peito taõ forte,
A quem naõ mate huma auſencia!
Sacrifique-ſe meu peito
Nas áras da paciencia
Em ſacrificio de dores,
Entre holocauſtos de penas.
Mas naõ; porque ja he brio
Dar a vida na contenda;
Que o morrer de ſaudades
He forrar-ſe a novas penas.
Melhor ſerá que eſta vida
Fique de morrer iſenta,
Que quanto mais tem de larga,
A mais penas ſe ſujeita.
Multipliquem-ſe os alentos,
E o valor naõ desfalleça:
Porque quanto he mais a força,
Se augmentará mais a pena.
Porque amor quanto he mayor,
Tem por maxima muy certa
Qualificar-ſe de fino
Pelo rigor da peleja.
Nem ſe gradúa de amante
De amor na nobre academia,
Quem naõ ſahir approvado
No exame da paciencia.
E como o amor tem azas,
A ſer amante naõ chega

O

O que naõ fabrica as azas
Das mais rigorosas panas
Só vôa de amante ao auge
Com azas as mais ligeiras
O que na terra padece
A tormenra mais desfeita.
Porque nos mares de amor
Maré de rozas navega
Quem dos espinhos faz náo,
Com que ao mar alto se entrega.
De Bacellar.

ROMANCE.

HUid de amor, zagalejas,
Huid, se vivir quereis,
Que verme murir amando,
Escarmiento puede ser
Nò fieis de sus caricias,
Nò de sus gustos fieis,
Que qual Sirena engañosa
Regala para offender.
Huid de sus tyranias,
Que disfarçadas talvez
Aspides sou entre flores,
Si floresal parecer.

En los tormentos, que passo.
Cerca el exemplo teneis:
Mirad-me, y vereis, zagalas,
Este inimigo quien es.
Mirad la tristeza mia,
Y en ella conocereis
Su tyrano maltratar,
Mi continuo padecer.
Mirad mis lagrimas tristes,
Y en su corriente vereis
Deste tyrano lo injusto,
Deste traidor lo cruel.

De huma Anonyma.

A HUM PINTASILGO,

Que vinha cantar sobre hum treixo á vista de hum prezo.

ROMANCE.

DIze, doce passarinho,
Que entre gozoso, e inquieto,
Medes os ares a voos,
E os troncos pizas a quebros.

Que te fez a minha pena,
Que te fez meu sentimento
Para mais mos augmentares
Co' doce de teus acentos?
Cala-te, porque me servem
De tuas vozes os eccos,
Naõ de alleviar-me as penas,
Mas de dobrar-me o tormento.
Em teus gostos se renovaõ
Rigores, e sentimentos,
Que á vista das penas proprias
Saõ pena os gostos alheios.
Olha que o estar taõ contente
A' vista do que padeço,
He querer mosttar-me as glorias
No inferno do sentimento.
Ah tyranno passarinho,
Pouca compaixaõ te devo,
Porque aó som destas cadêas
Formando estás teus gorgeyos.
Parecesme outro Neraõ,
Pois subido nesse freixo,
Acompanhas com teú canto
De minhas dores o incendio.
Havias de immudecer,
Vendo-me estar assim prezo,
Quando naõ por piedade,
Aó menos por receyo.

Porque saõ das penas proprias
Vespera os males alheios
Pronostico a dor estranha
Da propria dor, e tormento.
Suspende alegre teu canto
A taõ lastimosos eccos,
Ou destes grilhoens, que arrasto,
Ou das lagrimas, que verto.
Mereça a tua soltura
De minhas prizoens o medo,
Porque se agora estás solto,
Poderás vir a ser prezo.
Vive sempre acautelado
Entre o temor, e o receyo;
Porque pouco estima hum bem
Quem o logra com socego.
Se por alegre atrevido,
E se por livre soberbo
Desafias meus pezares
De teu clarim com os eccos,
Naõ te fies em teu azas,
Porque estes pezados ferros,
Se os mover minha vingança,
Voaõ mais que o mesmo vento.
Olha que naõ estás seguro,
Antes, passarinho, temo
Contra tua vida fulminem

Os rayos de igual tormento.
Olha que essas verdes folhas
Te estaõ entre si tecendo
A tuas vozes ingratas
Verde prizaõ, laço estreito.
Ay de ti, se aprisionado
Te chegares a ver prezo,
Sem que acompanhem a voz
Esses teus voos ligeiros!
Naõ te valerá innocencia;
Queixas te valerâõ menos;
Que o rigor de huma prizaõ
He mal, que naõ tem remedio.
Se cantas por divertir-me,
Saõ escusados teus metros,
Porque em vaõ se applica cura
A mal, que naõ sára o tempo.
Sómente hum bem me fizeste,
E só esse te agradeço,
Que he de invejoso, e sentido
Teres-me da morte perto.
Porque o mais gostoso allivio,
Que póde sentir hum prezo,
He ver que lhe chega a morte
Chamada ao som de seus ferros.

De Jeronyma Bahia.

ROMANCE.

LA falſedad de tu pecho
Ya sê, Menandro, que es mucha,
Pues lo que en obras declaras
Con las palabras ocultas.
Negar que a Jacinta quieres,
No digo que es mayor culpa;
Que quien por recato niega,
No niega, mas diſſimula.
Outra accion mas te condena,
Que de engañoſo te acuſa,
Pues adorando de veras,
De lo que adoras te burlas.
Diſſimular desdeñando,
Y hazer del primor diſculpa,
Mas es deſden, que recato
Mas que recato, es injuria.
Solicitar juntamente
Favores, viſtas, locuras,
Mas es amor, que deſprecio,
Mas que deſprecio, fé pura.
Que labyrintos ſon eſtos,
Que en el penſamiento fundas;

Pues

Pues lo que adoras offendes,
Lo que offendes importunas.
Si talvez en otra parte
Rendimientos conjecturas,
No desengañas, alientas,
No desalientas, adulas.
Oh cesse, Menandro, cesse
Chimera, que es tan confusa:
Pues por lo menos te cuesta
Quedar tu verdad en duda.
Si nò te agrada esse dueño,
Porque otro dueño no buscas?
Si te agrada, porque muestras
Que de sus cosas te burlas?
Si idolatras, porque niegas?
Si niegas, porque asseguras?
Si asseguras, porque olvidas?
Si olvidas, porque importunas?
Si aborreces, porque admites?
Si admites, porque repugnas?
Si repugnas, porque adoras?
Si adoras, porque disgustas?
Advierte, amigo Menandro,
Que mal de tu estilo juzgan,
Y que se pierde el ingenio,
Si en tus acciones discurra.
Contradiciones tan grandes
Que presuncion no perturban,

Que voluntad no resfrian,
Que ſufrimiento no apuran!
Quedate para quien eres;
Y permita la fortuna
Que ſolo a Jacinta quieras,
Porque aſſi pagues tus culpas.

De huma Anonyma.

CLEMENA,

IDILIO.

ADorava a Clemena o trifte Albano
Como daquelles valles Sol brilhãte,
Mas ella lhe moftrava o defengano
No muito que lhe foy fempre inconftante:
Lançou a Augufta Venus em feu damno
No feu peito huma fetta penetrante:
E quanto mais rigores padecia,
Tanto pela paftora mais ardia,

De tal forte roubava o feu cuidado
A lembrança daquella formofura,
Que por baftantes vezes o feu gado
Dormio expofto aos lobos na efpeffura:
Como fempre era afflicto, e magoado,
Só queria habitar entre a verdura;
E quando folitario alli fe achava,
Eftas vozes aos montes efpalhava.

O' Clemena gentil, porque tyranna
Despręzas quem por ti morre extremozo?
Mova-te a compaixaõ, ja que es humana,
Veres-me neste estado lastimozo:
Nas acçoens, que praticas deshumana,
Me promettes o fim mais rigorozo:
Acabem-se em teu peito esses rigores,
Pára que allivio tenhaõ minhas dores.

Qual no verde jardim a linda roza,
Entre as outras pastoras tu pareces;
E peyor que huma féra rigoroza
Meu coraçaõ maltratas, e aborreces.
Nesta selva sombria, e deleitoza,
Nunca a meus tristes olhos appareces
Cuidadoso te busco na espessura,
Como o tenro cordeiro a mãy procura.

Enche a terra de luz o Sol brilhante
E logo he cheyo tudo de alegria;
Só eu vivo cercado a todo o instante
Da mais insopportavel agonia:
Cada vez mais te mostras inconstante,
Mas firme te hey de amar, pastora impia,
Em quãto as plãtas para o Ceo crescerem,
Em quanto as agoas para o mar correrem.

Só

Só quando vivo deste campo ausente,
He que nelle apascentas o teu gado;
E apenas aqui chego descontente;
Foges-me qual a ovelha ao lobo irado:
Do meu o teu officio he differente?
Naõ traz qualquer de nós o seu cajado?
Pois se tenho contigo similhança,
Para que usas commigo essa esquivança?

Lembra-te aquelle dia venturozo,
Em q̃ brincando andavas entre as flores?
Pois desde entaõ te busco cuidadozo,
E só tenho encontrado os teus rigores.
Foy por ventura algum mais extremozo,
Ou deves mais a algum desses pastores?
Apparece, Clemena, nestes valles,
Naõ augmentes assim meus crueis males.

Perto de mil ovelhas apascento
Nestes campos de flores revestidos,
Encontro no seu leite o meu sustento,
Das suas pelles corto os meus vestidos.
He cercado este rustico apozento
De arvoredos frondozos, e floridos;
Mas faltando-me a tua companhia,
Nada disto me serve de alegria.

Quan-

Quantas vezes aqui cansado chego
De te andar nestes bosques procurando,
E torno a procurar-te como cego,
Por ti sentidos ays ao vento dando!
Neste forte, e cruel dezassocego
A minha infeliz vida vou passando;
E tu, sem compaixaõ da minha sorte,
Cada vez mais intentas dar-me a morte.

Para que allivio tenha a minha pena,
Muitas vezes teu lindo nome canto;
E aos mesmos bichos desta selva amena
Parece que o meu ecco faz espanto:
A tua crueldade me condena
A sepultar-me logo em triste pranto;
Finalmente, martyrio tal padeço,
Que de quanto estou vendo me aborreço.

Mas de q̃ serve assim queixar-me agora,
Se o meu mal deste modo mais augmento;
E nos desprezos teus, cruel traidora,
Querer fazer perpetuo o meu tormento?
Naõ terey de prazer huma só hora,
Até q̃ entregue á morte o proprio alento:
Por mais que passe o tempo velozmente,
Nunca me verey menos descontente.

Pois

Pois q̃ á minha esperança o desengano
Hoje estás offrecendo em teus rigores ;
Quero ja libertar-me deste engano ,
Em que tenho soffrido crueis dores :
Naõ seja para mim só este damno ,
Tambem o sinta algum desses pastores :
A tua insopportavel esquivança ,
De ti apague ja toda a lembrança.

Apartai-vos de mim, rebanho manso,
Livremente pastay nessa verdura ;
Quem naõ tem hum instante de descanço,
Mal poderá guardar-vos na espessura :
Na vossa companhia nada alcanço ,
Que adoçar possa a minha desventura :
Nesses montes pastay a vosso gosto ,
Naõ vos cause embaraço o meu desgosto.
(monte,
Nunca mais vos verey no prado , ou
Entre as hervas o funcho andar comendo;
Nem quando o Sol fugir deste Orizonte,
Comvosco para a Aldêa irey correndo :
Das agoas crystallinas desta fonte ,
Quando vos der a sede, ireis bebendo:
O Deos Pan, defensor do manso gado,
Em defender-vos ponha o seu cuidado.

Ale-

Alegres passarinhos, que entre as flores
Fazeis o mais suave, e doce canto,
Largay já para sempre estes verdores,
Como sitio só proprio para o pranto:
A todas as pastoras, e pastores
Minhas magoas dizey no vosso espanto;
Se atéqui soltes meu contentamento,
Choray tambem ao longe meu tormento.

Embora vos ficay, bosques vistozos,
Testimunhas fieis de minha pena;
Que a lugares mais tristes, e horrorozos
A sorte me encaminha, e me condena:
De vossos freixos verdes, e frondozos
Nunca mais buscarey a sombra amena;
Com a relva, que enfeita aquelles valles,
Cresceráõ meus desgostos, e meus males.

CAN-

CANÇAÕ
DEDICADA AO SANTO TRIBUNAL DA INQUISIÇAÕ, CONTRA A PERFIDIA Judaica no roubo DO SANTISSIMO SACRAMENTO,

Que se fez em Santa Engracia de Lisbôa.

MEmoria monstruosa ! Parto horrendo (1)
De hum povo ingrato, e seu fatal castigo
Da manqueira do pay perfido herdeiro;(2)
De Deos amado, sempre a Deos ingrato;
Imitador daquelle que vendendo,
A seu Mestre, por pouco, e vil dinheiro. (3)

Apren-

(1) Memoria vestra comparabitur cineri. (Job.)
(2). Ipse vero claudicabat pede. (Genes.)
(3) At illi constituerunt ei triginta argenteos. (Matt.)

Aprendê-lo primeiro,
Lhe dá beijo de amor, (4)
Tendo de antigo trato
Pagar a Deos mercês com ser-lhe ingrato; (5)
Sem terra, Ley, nem Rey, ao Ceo traidor; (6)
Gente vil, e sem socego, (7)
Em claro dia sodomita cego. (8)
Vibora occulta hypocrita fingido, (9)
Serpente Egypcia, que tragar pertendes
A immortal Figura em a Cruz morta; (10)
Gado espargido que outra vez offendes
O Bom Pastor por te buscar ferido. (11)
E aquelle justo Loth, a cuja porta (12)
Vês que a vista te corta (13)
A nuvem do peccado.
Pois novo Judas és

Que

(4) Quemcumque osculatus fuero, ipse est tenet eum. (Matt.)
(5) Incrassatus est dilectus, & recalcitravit. (Deut.)
(6) Ecce relinquetur vobis domus vestra deserta. (Matt.)
(7) Dispergantur in gentes, quoniam spreverunt Sacramentum meum. (Esdr.)
(8) Et eos, qui foris erant, perierunt cœcitate. (Esdr.)
(9) Progenies viperarum, quæ non potestis bona loqui, versæ sunt in Dracones. (Exod.)
(10) Sicut exaltavit Moyses serpentem in deserto &c. (Joan.)
(11) Ego sum Pastor bonus. (Joan.)
(12) Ego sum ostium. (Joan.)
(13) Ita ut ostium invenire non possent. (Genes.)

Que o novo Jozę vendes outra vez: (14)
Contra o Divino Aron amotinado (15)
Pertinaz em teu erro,
Idolatra perjuro de hum Bezerro (16)
Retrato de Esaú, a cujo exemplo (17)
O morgado do Ceo deixas, golozo
Do ouro, que em teu Idolo veneras,
Do Cego Bananias, que furiozo (18)
Com matar a Joab profana o Templo,
Descendencia cruel, féra das féras!
Povo, que sempre esperas
As maravilhas feitas; (19)
Que por cego naõ viste, (20)
Quando a luz, a q̃ Paulo naõ reziste, (21)
E o que queres por vir, prezente engeitas.
Como ao paõ buscas damnos,
Que a teus Pays sustentou quarenta annos? (22)

Dif-

(14) Melior est ut venundetur Ismaelitis. (Genes.)
(15) Populus ingratus adversus Aaron. (Exod.)
(16) Fecerunt sibi vitulum conflatilem, & adoraverunt. (Exod.)
(17) Juravit ei Esau, & vendidit primogenita. (Genes.)
(18 (Fuit Joab in tabernaculum, & ascendit Banania, & adversus eum interfecit. (3. Reg.)
(19) Docebat eos in Synagogis eorum, ita ut mirarentur, & dicerent: Unde huic sapientia hæc; & virtutes? (Matt.)
(20) Sinite illos, cœci sunt duces eorum. (Matt.)
(21) Domine quid me vis facere? De futuro multa prævidit; sed Deum præsentem non vidit. (Acta Ap.)
(22) Filii autem Israel comederunt manna. (Exod.)

Discipulo de Can, que quando viste (23)
Ao Divino Noé posto na Cruz
Só por salvar-te, com desprezo o tratas (24)
Novo Longuinhos hoje, que a Jesus
Com venenoza lança o peito abriste (25)
Na Hostia, aonde cuidas que ainda o matas,
Com mostras mais ingratas,
Que se morto o ferio (26),
Na Cruz, tu o féres vivo; (27)
Por isto cego ficas, caõ nocivo, (28)
Mas que muito, que quem na Cruz o vio,
Sem conhecê-lo entaõ, (29)
O naõ conheça como disfarçado em paõ! (30)
Segũdo Membroth es, e falso Hebreo (31)
Que em alicerces de erros determinas
Subir muralhas contra o Ceo tambem;

(23) Quod cum vidisset Chan verenda patris sui. Genes.)
(24) Et irridebant eum cum eis. (Luc.)
(25) Unus militum lancea latus ejus aperuit. (Joan.)
(26) Ut viderunt eum jam mortuum. (Joan.)
(27) Ego sum panis vivus. (Joan.)
(28) Et canes imprudentissimi nescierunt saturitatem. (Isai.)
(29) Si est Filius Dei electus, se salvum faciat. (Luc.)
(30) Quomodo potest carnem suam dare ad manducandum? (Joan.)
(31) Venite, faciamus nobis civitatem, & turrim, cujus culmen pertingat ad Cœlum. (Genes.)

Olha bem que as paredes, que arruinas,
Sacrario saõ daquelle, que com véo
De Paõ vive entre nós por nosso bem. (32)
Persegues cego a quem
Por dar-te liberdade (33)
Pode com moscas só
Abrandar a soberba de Faraó; (34)
Tornando a luz do dia escuridade; (35)
Mas sempre he de Nembroth sua
A gloria toda, e confuzaõ, he tua. (36)
Como no Templo, ó Israel nocivo,
Entras armado, para que com guerra
A quem te libertou, cativo leves? (37)
Com sacrilego pé pizas a terra,
Aonde o Deos de teus Pays faz Corte, vivo,
E qual Moyses descalço beijar deves? (38)
Contra aquelle te atreves
A quem já de antes vês,

Que

(32) Qui manducat ex hoc pane vivet in æternum. (Joan.)
(33) Descendi, ut liberem eum de manibus Egyptiorum. (Exod.)
(34) Et venit musca gravissima in domos Pharaonis, & servorum ejus, & in omnem terram Egypti. (Exod.)
(35) Et tenebræ factæ sunt.
(36) Nomen ejus Babel. (Genes.)
(37) Ego sum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Egypti, de domo servitutis. (Exod.)
(38) Solve calceamenta de pedibus tuis. (Exod.)

Què o Precurſor Divino
De tocar-lhe o çapato ſe acha indig-
no? (39)
E a terra humilde throno de ſeus pés, (40)
Cujo ſangue em figura
No Egypto te livrou de morte dura? (41)
Se na Arvore da ſciencia o velho Adaõ
Tocando, por caſtigo teve a morte, (42)
(Devida pena a tanto atrevimento)
Como vil Iſmaelita, e Hereje forte
Na Hoſtia tocas, que dá vida, e paõ? (43)
Na Caſa, em que Chriſto vive em Sacra-
mento (44
Hoſpede violento
Es hoje, e naõ te queixes
Se o Cherubim fizer (45)
De fogo armado, vindo a defender,

(39) Cujus non ſum dignus calceamenta portare. (Matt.)
(40) Terra autem ſcabelum pedum meorum. (Iſai.)
(41) Cumque viderit ſanguinem in ſuperliminari, & in utroque poſte, tranſcendet oſtium domus, & non ſinet percuſſorem ingredi domos veſtras, & lædere. (Exod.)
(42) In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris. (Geneſ.)
(43) Ego ſum panis vitæ. (Joan.)
(44) Sapientia ædificavit ſibi domum. (Prov.)
(45) Collocavit ante Paradiſum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium atque verſatilem, ad cuſtodiendam viam ligni vitæ. (Geneſ.)

Que o Paraizo, que profanas, deixes, (46)
Pois esse-lhe Portugal
Do Ceo mimozo, sempre a Deos leal. (47)
Se a Arca do Testamento foy figura.
Desse Sacrario, que escalar pertendes,
Como o castigo de Oza naõ te ensina? (48)
Como a Deos nelle offendes?
Se o muro em Jericó de mais altura (49)
Já á vista da figura fez ruína;
Maldade peregrina (50)
Teu coraçaõ intenta.
Mas o que nisso medra,
Será ruína igual, pois he de pedra (51)
Tal, que hum marmore duro reprezenta,
E a mais dureza chegas,
Pois ellas confessaraõ o q̃ tu negas. (52)
Se pôs pena de morte Deos a quem
Tocasse o monte, q̃ elle quiz honrar (53)
Dan-

(46) Emisit eum Dominus Deus de Paradiso voluptatis. (Genes.)
(47) Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum. (Rex Alf. D. Ciril.)
(48) Extendit Ossa manum ad arcam. (Reg. 2.)
(49) Muri funditus corruerunt civitatis. (Josue.)
(50) Cum se moverit ad quærendum panem. (Job.)
(51) Cor durum ac lapideum (D. Greg. 3. p.)
(52) Et terra mota est, & petræ cissæ sunt. (Matt.)
(53) Omnis qui tetigerit montem morte morietur. (Exod.)

Dando a Ley, que ao ſeu povo traz dos
Ceos;
Como hoje, infame Hebreo, pódes tocar,
Sem que hum caſtigo mais cruel te dem,
Naõ ſó o altar, mas ainda o meſmo
Deos! (54)
Se os teus falſos Hebreos
Chamaõ ao Sinay ſanto
De adonde a ley te dá,
Terrivel monte, porq̃ Deos alli eſtá: (55)
Como no Templo, que elle eſtima tanto, (56)
Armado entrar pudeſte, (57)
E a taõ terrivel monte te atreveſte?
Invejozo Caim, povo ingrato, crês (58)
Quando nos altares da Ley nova
Ao innocente Abel em ſacrificio (59)
O odio antigo em ti mais ſe renova,
Pois vês que a offerta antiga, q̃ dar queres
Ainda a Deos, contumás ſe tornou vicio.
Por taõ cego exercicio.

Caſ-

(54) Si quis autem Templum Dei violaverit. (Ad Corint.)
(55) Eratque omnis mons terribilis. (Exod.)
(56) Ecce tabernaculum Dei cum hominibus. (Apoc.)
(57) Polluerunt Sanctuarium fortitudinis. (Dan.)
(58) Abel quoque obtulit de primogenitis gregis ſui, & de adipibus eorum: & reſpexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus. (Geneſ.)
(59) Ad Cain vero, & ad munera ejus non reſpexit. (Ge

Castigo igual terás
Na terra peregrino (60)
Assinalado do poder divino; (61)
Primeiro violador da nova paz,
Que he essa Hostia Consagrada
Na arca de Noé já figurada.
Quando á vista do Sol, mais cego entaõ (62)
Te vejo nesse roubo commettido,
Pois lutando com Deos o naõ conheces, (63)
Mas se de Jacob forte produzido
Que muito que como elle hoje na maõ
Sem conhecê-lo, ao nosso Deos tivesses! (64)
E porque ao Pay pareces,
Por isso o Ceo permitte
Que manquejes na Fé, (65)
Ah Judeo! q̃ o que roubas teu Deos he:
Cujo Divino ser, taõ sem limite,
Nos levas em este paõ,

E naõ

(60) Vagus, & profugus eris super terram. (Genes.)
(61) Posuitque Dominus signum in Cain. (Genes.)
(62) Cognovit bos possessorem sum, & asinus praesepe domini sui: Israel autem me non cognovit, & populus meus non intellexit. (Isai.)
(63) Luctabatur cum eo. (Genes.)
(64) Dic mihi quo appellaris nomine; (Genes.)
(65) Populus stupore perfidiae claudicabat. (Genes.)

E naõ os falsos Deozes de Labaõ. (66)
Naõ vês que esse he o Deos, que no dezerto (67)
Com codornizes te regalou, quando
Ja delle, e de Moisés desesperavas? (68)
Naõ vês q̃ he o paõ do Ceo lançado, (69)
Que te sustentava com poder certo,
Que tanto em muito, como em pouco achavas? (70)
E quando duvidavas (71)
De seu poder, e trato,
Sequiozo no monte,
A dura pedra converteo em fonte? (72)
Quando tu mais mimoso, e mais ingrato,
Ja com sentido pranto
Pelas cebolas suspiravas tanto? (73)
Naõ vês, que a repetir torna a mercê (74)
Dando-se em carne quãdo na Cruz morto,
E que

(66) Cur furatus es, Deos meos? (Genes.)
(67) Factum est vespere coturnix cooperuit castra. (Exod.)
(68) Cur induxisti nos ut occideritis? (Exod.)
(69) Panem quoque de Cœlo dedit eis. (2. Esdræ.)
(70) Neque quod plus colligerat habuit amplius. (Exod.)
(71) Cur nos fecisti exire? (Exod.)
(72) Percutiensque petram fluxerunt aquæ. (Exod.)
(73) In mentem nobis veniunt cucumeres, & pepones, porrique, & cœpe, & alia. (Num.)
(74) Adinventionem quærit amor ut interdum donet. Et Verbum caro factum est. (Joan.)

E por Mannâ immortal, se no paõ vivo? (75)
E que o seu lado da esperança porto,
Fonte de graça; por salvar-nos he? (76)
Quando tu pertinaz, e delle indigno,
Desprezando-o sem tino, (77)
Pois tens a fé perdida,
No-lo roubás, Iudeo,
Sem que de Carne, Paõ, e Sangue seu (78)
Sustento queiras para teres vida?
Pois com o ter dás ays
Pelas velhas cebolas de teus pays? (79)
Naõ vês que o teu Jacob, quando morrendo
Seus netos vio, a maõ esquerda dando
Ao mais velho; e ao mais novo a maõ direita, (80)
Figurou nosso Deos, quando cruzando
Em Cruz as suas, a Ley velha vendo
Qual Manassés, por Efraim o engeita? (81)
Que he o que entaõ respeita

Por-

(75) Hic est panis de Cœlo descendens. (Joan.)
(76) Et continuò exivit sanguis, & aqua. (Joan.)
(77) Quid est hoc de Manná? (Exod.)
(78) Caro mea vere est cibus, & sanguis meus vere est potus. Nihil aliud respiciunt oculi nostri nisi Manná. (Joan.)
(79) Nam in mente nobis venit cucumeres &c. (Num.)
(80) Dextram posuit super caput Ephraim. (Genes.)
(81) Iste quidem erit in populos & multiplicabitur. (Genes.)

Por figura do povo, (82)
Que ja eſcolhido tinha
Para cazeiro da ſagrada vinha, (83)
Que plantar com ſeu ſangue quiz de novo, (84)
E ta tirou Judeo
Por ja rebelde contra o Filho ſeu? (85)
Como agora outra vez, quando á herdade (86)
Te tornou a admittir por favor novo,
Obſtinado lhe põens novas prizoens?(87)
Mas ah, que foſtes ſempre ingrato povo!
Perſeguidor continuo da verdade,
Fonte de empedernidos coraçoens,
Conſtante nas traiçoens, (88)
Taõ entregue a mentiras, (89)
E obſtinado todo,
Que me atrevo a dizer, q̃ em certo modo
Du-

(82) Tradam domos veſtras populo venienti. (Eſdr..)
(83) Vineam ſuam locabit aliis agricolis. (Matt.)
(84) Dilexit nos, & lavit nos à peccatis in ſanguine ſuo. (Acta Ap.)
(85) Agricolæ autem videntes filium, dixerunt intra ſe. Hic eſt hæres, venite, occidamus eum, & habebimus hæreditatem ejus. (Matt.)
(86) Ite & vos in vineam meam. (Matt.)
(87) Comprehenderunt Jeſum. (Joan.)
(88) Quomodo eum dolo tenerent. (Marc.)
(89) Dicite quia diſcipuli ejus nocte venerunt, & furati ſunt eum nobis dormientibus. (Matt.)

Duvidara da fé, ſe tu a ſeguiras;
Pois he gente ſuſpeita
Quem por idolos de ouro a Deos engei-
ta. (90)
Segunda vez de noite armado vens (91)
A prender, fementido, ao bom Jeſus,
Que a tal cegueira teu caſtigo chega. (92)
Se como cego buſcas nelle a luz, (93)
De graça cada dia eſſa luz tens (94)
No Templo, onde nunca dar ſe nega;
Mas ah! que o odio te cega:
E entre as ſombras fuſcas, (95)
Como Levì, tambem,
Quando á traiçaõ maltrata ao Rey Si-
chem, (96)
A ao noſſo Deos para outro tanto buſcas,
E deixas fementido
No altar, deſpojos de Jozè vendido. (97)
Como naõ vês que eſſa Hoſtia he a pedra
ſanta,
Que

(90) Manſit apud eos idolum Micheæ. (Jud.)
(91) Quaſi ad latronem exiſtis cum gladiis? (Luc.)
(92) Percute obſecro gentem hanc cæcitate. (4. Reg.)
(93) Erat lux vera, quæ illuminat. (Joan.)
(94) Cum quotidie vobiſcum fuerim in templo, non extendiſtis manus in me. (Luc.)
(95) Hæc eſt hora veſtra, & poteſtas tenebrarum. (Luc.)
(96) Simeon, & Levì fratres Dinæ, gladiis ingreſſi ſunt urbem confidenter. (Geneſ.)
(97) Nudaverunt eum tunica talari. (Geneſ.)

Que o mais Santo Jacob deixa em memoria (98)
De quando peregrino andar lhe importa, (99)
Cuja figura a teu pay deo gloria;
Pois quãdo em ſacrificio elle levanta,(100)
Caſa de Deos lhe chama, e do Ceo porta; (101)
Reſuſcita a Fé morta,
Verás que a pedra he ella,
Que do monte da graça
Sem ſer por maõs cortada a eſtatua baça, (102)
Da idolatria humilha, e atropella,
E a com que David Santo (103)
O infernal Goliath humilhou tanto.
Aſſim como a Jeſu, pedra, em que a Igreja (104)
Seu fundamento teve em Moyſés ja,
Em figura, no monte Oreb, tem viſto,
Pois

(98) Hoc facite in meam commemorationem. (Luc,)
(99) Ego non ſum de hoc mundo. (Luc.)
(100) Tulit lapidem, quem ſuppoſuerat capiti ſuo, & erexit in titulum, fundens oleum deſuper. (Geneſ.)
(101) Non eſt hic aliud niſi domus Dei, & porta cœli. (Geneſ.)
(102) Abſiſuſque eſt lapis de monte ſine manibus &c. (Dan.)
(103) Tulit unum lapidem & fundam geſſit. (1, Reg.)
(104) Ecce pono in Sion lapidem ſummum, (1. Petri.

Pois a abertura della, que lhe dá (105)
Licença Deos que a gloria sua veja, (106)
Figurou a do Lado em Jesu Christo,
Reprovaste previsto; (107)
Assim reprovas hoje
Esta divina pedra
Por quem o mundo eterna vida medra. (108)
Mas ah! que he certo, Hebreo, que Deos se enoje
Quando tenhas postas
As glorias em seu rosto, te dê as costas (109)
Se vês que Satanás, quando queria
Nosso Deos conhecer, pedras lhe dá (110)
Figura destas, porque as torne em paõ,
Para ver se o Messias era ja (111)
Que a pedra de Jacob paõ tornaria;
E esse Paõ, Corpo seu, na Redempçaõ, (112)

A que

(105) Ponam te in foramine petræ. (Exod.)
(106) Gloriam Moyses respicit sub foramine coopertus. (Chrys. & Damasç. de Transfig.)
(107) Lapidem quem reprobaverunt &c. (Marc.)
(108) Panis qui de Cælo descendi. (Joan.)
(109) Posteriora mea videbis. (Exod)
(110) Dic ut lapides isti panes fiant. (Matt.)
(111) Si Filius Dei es. (Matt.)
(112) Manum suam misit hostis ad desiderabilia, Hierusalem fecit duos vitulos aureos, & dixit: hi sunt Dii tui (2. Reg.)

A que hoje lanças maõ,
(Idolatra avarento)
Roubando o Soberano
Paõ, q̃ o Jozé Divino, feito humano, (113)
Dos mesmos que o venderaõ fez sustento:
Como, pois, se isto entendes,
A quem te sustentou, outra vez vendes? (114)
Se o Sacerdote eterno promettido, (115)
O qual foy Melchisedec, que por officio
Paõ, e vinho no Templo offerecia, (116)
O nosso Jesu he, que em sacrificio
Se dá em paõ, e vinho, offerecido (117)
Na terra ao Padre Eterno cada dia.
Se só David podia
Matar com outra fóme; (118)
E hoje só quem alcança
Com as Armas da Fé, e da Esperança,
Victoria do peccado, este paõ come;
Como vil, ó Palestino,
Tocas com maõ immunda hum Paõ Divino? (119)

Mas

(113) Imple saccos eorum frumento, quantum possunt capere. (Genes.)
(114) Vendidit eum triginta argenteis. (Genes.)
(115) Tu es sacerdos in æternum. (Psalm. 10.)
(116) At vero Melchisedec proferens panem & vinum. (Gen.)
(117) Comedite panem meum, & bibite vinum. (Prov
(118) Deditque ei sacerdos Sanctificatum panem. (1. Re
(119) Panem de Cœlo præstitisti eis. (Esdr.)

Mas ah! que quando a Deos na Cruz
buſcaſtes,
Lhe perdoaſte morto, e porque o ſen-
tes (120)
Na Hoſtia vivo, a hi buſcá-lo vens; (121)
Ou faz a inveja que eſte mal intentes,
Quando porque ouro tens, ouro deixaſte,
E a Deos nos levas, porquè a Deos naõ
tens; (122)
Ou porque alheios bens
Cobiças imprudente,
E alli o Paõ cobiçaſte
Do Divino Joſeph, a quem roubaſte, (123)
Quando cuidas que o paõ levas ſómente,
(Ah Benjamim que errado!)
Hum Theſouro entre paõ levas furta-
do. (124)

Em Moiſès duvidando do Poder (125)
Da vara que lhe Deos dera florida,
Venenoza ſerpente a vio tornada; (126)

Tu

(120) Ut viderunt eum jam mortuum non fregerunt &c. (Joan.)

(121) Ego ſum panis vivus. (Joan.)

(122) Fac nobis Deos, qui nos præcedant. (Exod.)

(123) Quem furati eſtis. (Geneſ.)

(124) Invenit ſciphum in ſacco Benjamin. (Geneſ.)

(125) Non credent mihi, nec audient vocem meam, ſed dicent: Non apparuit tibi Dominus. (Exod.)

(126) Projecit, & verſa eſt in colubrem. (Exod.)

Tu que duvídas ja do Paõ da vida, (127)
A nós o larga, se o naõ queres ver
Em ti, tornado vengativa espada (128)
Pois he essa Hostia Consagrada
O divino Jardim,
Que ver a Espoza intenta,
Onde o Esposo Cordeiro se apascenta: (129)
Paõ da vida, que dá vida sem fim; 130)
Pois do trigo he feitura,
Que os doze ja adoraraõ na figura. (131)
Como naõ te confundes, e arrependes
De tal delicto, vendo sem castigo
A mansidaõ de hum Deos taõ mal tratado? (132)
O que de todos sey, e de mim digo,
Que mais o adoro, quando mais o offendes, (133)
E a alma me rouba, quando mais roubado;
Pois estou confiado

Que

127) Murmurabant ergo Judæi de illo. (Joan.)
128) Quoniam ira in indignatione ejus. (Psalm. 29.)
129) Indica mihi quem diligit anima mea &c. (Cant. 1.)
130) Qui manducat hunc panem vivet in æternum. (Joan.)
131) Vidi vestros manipulos circunstantes adorare manipulum meum. (Genes.)
132) Ignoras quod benignitas Dei ad pænitentiam. ((Ad Roman.)
133) Fasciculus mirrhæ dilectus meus. (Cant. 1.)

Que se meu Deos quizera, (134)
Assim como a Abrahaõ
Armado contra Isaac deteve a maõ, (135)
Teu atrevido braço detivera;
Mas soffre, porque eu veja
Que ainda affrontas de amor soffrer deseja. (136)

E como em seu amor passar naõ pode
Do passo da prizaõ, porque he immortal,
Este extremo de amor repetir quer, (137)
Prender se deixa, vendo que se acode
Pela honra sua; nega a gloria tal
A seu amor glorioso em padecer; (138)
Pois tanto chega a ser,
Que se agora Deos vira
Que pelo homem, que fez, (139)
Importara morrer segunda vez,
De nova humanidade se vestira; (140)
Tanto póde a affeiçaõ

Que

(134) Numquid manus Domini invalida erat? (Num.)

(135) Abraham, Abraham, non extendas manum tuam super puerum, neque facias illi quidquam. (Genes.)

(136) Amor bonus spernit pericula, concupiscit pati, (D. Bernard.)

(137) Amor cum ultra progredi non potest, multiplicat repetitionem. (D. Greg.)

(138) Nunc clarificatus est filius hominis. (Joan.)

(139) Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram. (Genes.)

140) Animam meam pono pro ovibus meis. (Joan.)

Que em Cruz o fez morrer, viver em
Paõ. (141)
Aquelle, que dizendo: Eu sou, somente,
te, (142)
Os teus amotinados pôs por terra,
E com mostrar-se Deos deixou prender-
se: (143)
Aquelle que podendo juntamente,
Mandar legioens de Anjos, que de guer-
ra (144)
Acudissem, antes quiz deixar render-se:
Aquelle, que com ver-se
Prezo do povo teu,
(Que hoje em ti se assemelha)
Do infernal belleguim sarou a ore-
lha, (145)
Te fora á maõ; mas teme, Farizeo,
Que de S. Pedro a espada
Desde entaõ para ti ficou guardada. (146)
Como a Arca do antigo Testamento.

141) Et inclinato capite emisit spiritum. (Joan.)
Ego sum panis vivus. (Joan.)
142) Ut ergo dixit eis: ego sum: abierunt retrorsum, & ceciderunt in terram. (Joan.)
143) Sed hæc est potestas vestra. (Luc.)
144) Exhibebit modo plusquam duodecim Legiones Angelorum. (Matt.)
145) Cum tetigisset auriculam ejus. (Matt.)
146) Mitte gladium tuum in vagina. (Joan.)

Que ás casas, onde foy, mercês fazia; (147)
Sendo figura desse Paõ do Ceo;
Assim mais poderoso, cada dia
As faz Deos no Divino Sacramento,
Hospede de almas, com disfraz de hũ veo,
Mas ay, perdido Hebreo,
Que em teu poder se vê! (148)
E he certo em teu perigo,
Que, em lugar de mercês, te dê castigo, (149)
Pois qual o Filisteo o tens sem fé;
Naõ como Obededon,
Mas como o torpe, e infernal Dagon. (150)
No castigo de Acham recebe exemplo,
Que roubando o Anathemate precioso, (151)
Do povo teu se vio apedrejado: (152)
Ao nosso bem nos torna; que piedozo,
Segunda vez pedir ao pay, contemplo,
Perdaõ por ti, por nescio desculpado; (153)
Pois

(147) Quod Dominus benedixisset Obededon propter arcam Dei. (2. Reg.)
(148) Arca Dei capta est. (1. Reg.)
(149) Adduxerunt ad nos Arcam Dei Israel ut interficeret nos. (1. Reg.)
(150) Caput Dagon, & duæ palmæ ejus abscisæ sunt. (1. Reg.)
(151) Acham tulit aliquid de Anathemate. (Josue.)
(152) Lapidavit eum omnis Israel. (Josue.)
(153) Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt. (Luc.)

Pois elle he o figurado
Em o espinheiro accezo, (154)
Que por mais que teu peito
Em chāmas de odio o queira ver desfeito,
sempre glorioso fica, sempre illezo,
Pois vencedor sempre he,
Figurado no escudo de Josue. (155)
Se cō roubar hũ bem taõ grande acaso
Tentas a Deos q̃ faça algum sinal, (156)
Para que delle seu poder infiras,
(Oh gente taõ perversa, e desleal!)
Por naõ sararte, a muito o faz escasso (157)
Do sinal, porq̃ incredulo suspiras! (158)
Mas ay! Se com fé viras
Essa Hostia infinita,
Deras vida, e fazenda,
Qual tratante do Ceo, por ter tal prenda, (159)
Sinal oculto, e bella Margarita,

(154) Videns quód Rubus arderet, & non combureretur. (Exod.)

(155) Leva clypeum tuum in manu contrá urbem. (Josue.)

(156) Rogaverunt eum ut signum de Cœlo ostenderet eis. (Matt.)

(157) Nequando videant occulis, & auribus audiant, & corde intelligant, & convertantur, & sanem eos. (Matt.)

(158) Generatio mala, & adultera signum quærit; & signum non dabitur ei, nisi signum Jonæ Prophetæ. (Matt.)

(159) Inventa autem una pretiosa Margarita, abiit, & vendit omnia quæ habuit, & emit eam. (Matt.)

Que em preços designaes
Perdida anda entre çujos animaes. (160)
Tu es aquelle inimigo, que á traiçaõ,
Em quãto dorme a gẽte descuidada, (161)
Lanças zizania na seara Santa;
Mas eis que o Christaõ povo o sente, e brada; (162)
Vendo contaminar o bello Paõ,
Que a fé semêa com audacia tanta,
Vozes ao Sol levanta.
Mas ah! que o Senhor logo
O inimigo conhece; (163)
E agora que a zizania entre o paõ cresce, (164)
Despojo o fará ser do voraz fogo, (165)
Para que o povo, que isto olha,
No divino celleiro o paõ recolha. (166)

Con-

(160) Nolite dare Sanctum canibus: Neque mittatis margaritas vestras ante porcos, ne forte conculcent eas pedibus suis, & conversi dirumpant vos. (Matt.)
(161) Cum autem dormierent homines, venit inimicus ejus, & superseminavit zizania in medio tritici, & abiit. (Matt.)
(162) Domine nonne bonum semen seminasti in agro tuo. (Matt.)
(163) Inimicus homo hoc fecit. (Matth.)
(164) Sinite utraque crescere usque ad messem, & in tempore messis dicam messoribus. (Matt.)
(165) Colligite primum zizania, & alligate ea in fasciculos ad comburendum. (Matt.)
Triticum autem congregate in horreum meum. (Matt.)

Converte-te Ifrrael a teu Senhor, (167)
Deixa q̃ o Deos roubado te roube a alma,
Medico nelle tens, bufca faude, (168)
De tua liberdade lhe dá a palma.
Mas ay, q̃ es fempre em fim fangue traidor!
Como em ti violenta eftá a virtude,
He certo que fe mude; (169)
E pois permitte o Ceo,
Porque vivas na terra fem focego,
Que ainda te vejas cego, (170)
Ao noffo Paõ Divino nos dá, Hebreo, (171)
Que immortal por enganos
Naõ converfa ja com Publicanos. (172)
Mas es memoria, parto, ingrato gado,
Traidor, vibora infiel, e fodomita,
Hypocrita, ferpente, Judas, cruel,
Perjuro, pertinás Ifrraelita,
Idolatra Efau amotinado,
Longuinhos, Caõ, Membrot, Povo Ifmael,
Cobiçozo Babel,
Nefcio, e Herege, Judeo,

He-

(167) Convertere Ifrael ad Dominum Deum tuum. (Jerem.)
(168) Non eft opus valentibus Medicus, fed male habentibus. (Matt.)
(169) Nihil violentum durat. (Arift.)
(170) Non recedet de tenebris. (Job.)
(171) Panem noftrum fuperfubftantialem da nobis hodie. (Matt.)
(172) Habitabit inter gentes, non inveniet requiem. (Hie

Hebreo, pedra, invejozo,
Infame, Cahim, ingrato, mentirozo,
Violador, Manassés, máo Pharizeo;
Ladraõ vil, atrevido,
Levi atraiçoado, e fementido.
Dagam perdido, incredulo, perverso,
Palestino, violento, desleal,
Publicano, obstinado, animal, Cham
Por isso a Magestade celestial
De Deos, que te creou, sendo-lhe adverso,
Dando-se em carne, o naõ quizeste entaõ;
E hoje, que se dá em paõ,
Ainda raivozo, e perro,
Por vezes adoradas
De tua cega Mãy as arracadas
Idolatrando a Imagem de hum bezerro
Quando a inveja mais arde,
De furto outra vez mordes, cam cobarde.
Vay, Cançaõ minha, ao Tribunal Sagrado,
De Justiça acharás justo favor
Contra este Povo incredulo, atrevido,
No Illustrissimo Bispo Inquizidor.
Excelso Cherubim de fogo armado,
Que da Fé guarda o pomo mais subido,
E pede ao seu querido
Sacerdocio Real

Da

Adverte-se aos curiosos, que se está imprimindo o terceiro Tomo.

Mrs. Henry Steele.